





Digitized by the Internet Archive  
in 2018 with funding from  
Princeton Theological Seminary Library

<https://archive.org/details/veritas2419unse>

# V E R I T A S

R E V I S T A

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO GRANDE DO SUL  
Pôrto Alegre — Brasil



## SUMÁRIO

IRMÃO JOSÉ OTÃO — Psicologia do Adolescente .....	243
PROF. HEINRICH BUNSE — Os Epigramas Homéricos .....	255
PROF. Ir. ELVO CLEMENTE — Estudo de um conto de Miguel Torga .....	261
PROF. AMADEU F. DE O. FREITAS — Conexões Humanas e Bio-geográficas em prol da Fronteira Oeste .....	280
PROF. WAMIREH CHACON — A Teoria Econômica Alemã após a II Guerra Mundial .....	297
PROF. ANTÔNIO DA ROCHA ALMEIDA — Parlamentarismo e Presidencialismo .....	313
PROF. Ir. FLÁVIO I. KEHL — O Ensino da Sociologia na Alemanha .....	316
PROF. FRANCISCO CASADO GOMES — Sarah Bollo .....	326
Bibliografia .....	328
Índice Geral do II Ano .....	332

ANO II — Dezembro de 1957 — N.º 4

# VERITAS

Publicação Periódica-Trimestral

## EXPEDIENTE:

### Diretor-responsável

Irmão José Otão

### Secretário

Irmão Elvo Clemente

### Comissão de Redação

Prof. Irmão Faustino João  
Prof. Antônio César Alves  
Prof. Francisco da Silva Juruena  
Prof. Des. Celso Afonso Pereira  
Prof. Manuel Santana  
Professôra Elsa Helm

---

## ADMINISTRAÇÃO

Pontifícia Universidade Católica do RGS — Praça Dom Sebastião, 2  
PÔRTO ALEGRE (Brasil)

---

Preço anual .....	Cr\$ 100,00
Número avulso .....	Cr\$ 30,00
Exterior .....	\$2 dólares
Professôres e alunos da Univ. assinatura anual	Cr\$ 50,00

---

**Formas de pagamento:** Vale postal, valor declarado ou cheque pagável em Pôrto Alegre.

---

# PSICOLOGIA DO ADOLESCENTE

Ir. José Otão

## Preliminares:

Estudo dos mais interessantes o da adolescência. Estudo também dos mais extensos e complexos porque compreende a análise do ser humano no momento de sua maior instabilidade e de sua maior variabilidade. E, ao lado da natural situação imprecisa da adolescência, devemos ainda contar a infinita multiplicidade de tipos, todos com características próprias ou diferenciadoras. Acresce ainda notar a ação de fatores mesológicos, sociológicos, raciais, e outros, que tornam mais difícil a tentativa da fixação da psicologia do adolescente.

À luz dos trabalhos de numerosos mestres da psicologia e de nossas próprias observações procuraremos delinear os traços permanentes da juventude, traços característicos desta fase da vida.

Procuraremos analisar essa adolescência supervalorizada por uns, espezzinhada por outros, incompreendida por muitos.

Não abordaremos o caso dos excepcionais, nem dos desajustados de qualquer natureza.

Se os levássemos em conta, o presente trabalho se tornaria excessivamente longo.

Nosso estudo será mais psicológico que pedagógico; entretanto, não poderá ser somente psicológico, pois que se destina aos mestres da mocidade aos quais, no caso, interessam não somente a configuração especulativa do tema, mas também as naturais normas pedagógicas resultantes.

Em consequência, estabelecido o esquema ou o perfil psicológico do adolescente, procuraremos assinalar algumas normas de conduta recomendáveis no tratamento dos jovens nesta fase da existência.

## Estudiosos da adolescência.

A adolescência foi muito estudada em nosso século e estudada em forma científica. Este fato não causa espície, pois, é ela uma das fases mais importantes da vida humana. Nela se verificam em forma mais ou menos intensa crises de ordem orgânica, psíquica e moral.

Os psicólogos chegaram mesmo a criar uma palavra para designar-lhe o estudo: a hebelogia ou hebeologia, também chamada psico-

logia juvenil. Outros a designam por efebologia e hebologia — estudo científico do adolescente e da adolescente.

A hebologia estuda a fase juvenil compreendida entre os 12 e os 20 anos.

Numerosos autores se demoraram profundamente no estudo da adolescência. Lembraremos: Granville Stanley Hall, em *Adolescence*; Pierre Mendousse, em *l'âme de l'adolescent, et l'âme de l'adolescente*; Edward Spranger, *Psychologie des Jugendalters*; Charlotte Bühler, em *Kindheit und Jugend*; W. Stern, em *Anfänge der Reifezeit*; Fowler Brooks, em *Psicologia de la adolescencia*, etc.

Entre todos, como pioneiro, sobressai S. Hall, cuja obra assombrosa e original publicada no início do século, em 1905, foi tão extensa que, ainda hoje é clássica no gênero, mau grado sua orientação biológica e filosófica (evolucionista), tendo afirmado Mendousse que «os dois grossos volumes de S. Hall, com a coleção do «*Pedagogical Seminary and Journal of Genetic Psychology*», revista por êle criada em 1897, contém talvez mais documentação sobre o tema que tudo quanto se publicou depois no resto do mundo. Intitula-se a obra: *Adolescence, its psychology and its relations to physiology, anthropology, sociology, sex, crime, religion and education*» (2 vol., 1905).

Ora, afirma Mendousse, (*l'âme de l'adolescent*, PUF — 1957 pág. II,) «se uma obra consegue assinalar os caracteres distintivos da adolescência, por muito tempo manterá interêsse e atualidade, pois, as mudanças da natureza são lentas».

Há psicólogos que não vacilam dividir o estudo da adolescência em dois períodos: antes de 1905, data da publicação da obra de S. Hall, e, depois de 1905. Maior homenagem não se poderia prestar a êsse autor.

Stanley Hall, empregou processos psicológicos como enquetes, questionários, testes e outros e conseguiu um documentário riquíssimo sobre esta interessante idade.

É evidente que o desenvolvimento da Antropologia, da Fisiologia, da Sociologia, da Psicologia, etc., exige hoje sejam levados em conta aspectos fundamentais que S. Hall não considerou. Isto não tira ao psicólogo da Clarla University seu incomparável valor.

Mendousse empregou o jornal íntimo e completou a interpretação observando o procedimento e as atitudes dos jovens dos quais recolhera os depoimentos.

Em sua obra não alimenta apenas preocupações psicológicas, mas também pedagógicas.

Spranger utilizou método eclético para o estudo da adolescência. Sua psicologia estruturalista o levou a encarar os fenômenos da vida psicológica como elementos que só têm sentido e só podem ser compreendidos no seu conjunto. Para êle os jovens se revelam pelas tendências culturais que manifestam.

Charlotte Bühler, em Viena, serviu-se do jornal íntimo. Analisando numerosos *Tagebücher*, fixou as fases do desenvolvimento juvenil.

W. Stern, por sua vez, em suas observações sobre a adolescência considerou todos os fatos à luz da personalidade nascente.

Fowler Brooks, retomou e reestruturou o plano de S. Hall e o completou à luz dos atuais conhecimentos das etapas da evolução infanto-juvenil.

Muitos outros pesquisadores podiam ser citados.

Todos descobriram uma ou outra das numerosas fisionomias de que falava Mauriac, em seu livro «Le Jeune Homme»:

«A juventude é uma divindade com um milhão de fisionomias; todo investigador vai obter as interpretações que deseja».

A palavra de Mauriac revela apenas a dificuldade do analisador da juventude. Ele, fãcilmente, empresta aos pensamentos, palavras e obras dos jovens, um sentido análogo ao que daria a estas mesmas operações quando praticadas por êle.

Idade singular a adolescência. Idade singular, idade paradoxal, às vêzes. Manifesta hoje opiniões definidas e exclusivas; amanhã, mais amadurecida, modifica suas atitudes e está pronta a condescender em assuntos nos quais era intransigente.

Tateia, vacila, mas não quer auxilio, quer experimentar pessoalmente. Ricas e densas espontaneidades se constataam e, também, pueris trivialidades.

O próprio adolescente tem, por vêzes, consciência da imprecisão do seu modo de agir; assim mesmo, quer liberdade de movimentos.

### DELIMITAÇÃO CRONOLÓGICA DA ADOLESCÊNCIA

O estudo da adolescência não pode ser feito isoladamente. O homem é um todo. Na formação dêste todo, há continuidade. Há uma ordem natural no desenvolvimento orgânico, psíquico e moral que não pode ser invertida, nem perturbada.

As negligências ou as tolerâncias praticadas por pais ou professores têm o seu reflexo na constituição estrutural da personalidade.

Para restringir nosso trabalho ao problema que nos ocupa, vamos, à luz dos estudos de vários pedagogos, fixar os limites cronológicos da adolescência.

Começaremos por examinar os períodos da evolução infanto-juvenil. São variáveis os esquemas elaborados pelos pedagogos. Embora não concordem todos, é possível, da comparação dos resultados a que chegaram, fixar com bastante segurança a fase cronológica ocupada pela adolescência.

a) A. Ferrière, na obra «L'éducation dans la famille», registra o seguinte quadro:

1.ª infância	— de 0 a 3 anos —	criancinha
	— de 3 a 6 anos —	criança
2.ª infância	— de 7 a 12 anos —	escolar
Adolescência	— de 13 a 16 anos —	adolescente.

b) E. Claparède, no livro «Psychologie de l' enfant et pédagogie expérimentale», apresenta a seqüência seguinte:

1. <sup>a</sup> infância	—	de 0 a 7 anos
2. <sup>a</sup> infância	—	de 7 a 12 anos — 7 a 10 (meninas)
3. <sup>a</sup> infância	—	de 12 a 15 anos — 10 a 13 ( " )
Puberdade	—	de 15 a 16 anos — 13 a 14 ( " )

c) J. Vaissière, em sua «Psicologia Pedagógica», registra as divisões seguintes:

1. <sup>a</sup> infância	meninos até 7 anos	—	meninas até 6 anos
2. <sup>a</sup> infância	" dos 7-12 anos	—	" dos 6-10 anos
Adolescência	" dos 12-15 "	—	" dos 10-13 "
Juventude	" dos 15-20 "	—	" dos 13-18 "

Outros autores fixam em intervalos mais amplos o período da adolescência.

- d) Farias Vasconcelos, afirma situar-se a adolescência entre 12 a 20 anos para os homens, e entre 10 a 18 anos para as mulheres.
- e) Meumann,  
entre 14 a 18 anos para os homens e, entre 14 a 16 anos para as mulheres.
- f) Aguayo  
entre 10/12 e 16/18 anos para todos.
- g) No Brasil, podemos considerar como limites extremos o período que vai dos 12 aos 18 anos.

### DEFINIÇÃO DA ADOLESCÊNCIA

A adolescência, (de adolescere, crescer) é a fase do crescimento. É a fase da organização da personalidade. Nela se completa o processo evolutivo da estruturação e integração das funções psicológicas.

Duas correntes doutrinárias pretendem dar interpretação da adolescência:

a) A naturalista, que considera a adolescência uma conseqüência da crise fisiológica da puberdade e da maturação sexual. Perfiham-se S. Hall, Ch. Bühler, C. Burt, Hollingworth, Ziehen, etc.

b) A espiritualista, que considera a adolescência como um fenômeno espiritual, de afirmação do psiquismo, desempenhando as transformações fisiológicas um papel secundário. Seguem-na Spranger, Stern, e muitos outros.

Há também divergência entre os psicólogos quanto à natureza das fases de evolução da adolescência.

Alguns querem fazer dela um novo nascimento, dada a diferença com as demais fases anteriores. Entre êles Rousseau, S. Hall, Mendousse, Bagley, Gaupp, etc.



Outros, dizem ser a adolescência uma etapa da vida como as demais, apenas com características próprias e originais.

Assim pensam Spranger, Ravaisson, Vermeylen, Pedastein, etc.

### FASES DA ADOLESCÊNCIA

Segundo Vermeylen em «Psychologie de l'enfant et de l'adolescent», são três as fases principais da adolescência:

a) Fase preparatória. Antes do início da adolescência, há uma fase de equilíbrio psíco-físico, em torno dos 12 anos. O crescimento estabiliza um pouco, o cérebro alcança o volume quase normal, e a saúde, em geral é boa.

Sob o ponto de vista psíquico há equilíbrio e serenidade. Suas reações emocionais, indeferenciadas no início, modelam-se nas dos pais. Tornam-se precisas. Até esse momento ações, palavras e atitudes se plasmaram segundo os modelos alheios (pais, irmãos). A criança é nessa idade «um espelho fiel do que dela fizerem o meio e a educação.» Por esse motivo a criança se sujeita sem dificuldade às condições sociais do meio em que vive.

Tem grande plasticidade e grande capacidade assimiladora.

Ao final desta primeira fase, atingida já a puberdade, o adolescente descobre o próprio mundo interior. As modificações fisiológicas influem poderosamente sobre a vida do espírito.

Essas mudanças desnorteiam o próprio jovem o qual se inquietta, se horroriza mesmo de sentir-se tão diferente.

O mistério da vida nova, não compreendido, o tonteia, o fascina e o enche de perplexidade.

Segundo W. Stern, essa descoberta se verifica em torno dos 13 anos, e ela corresponde ao conhecimento reflexo de si mesmo como indivíduo.

Até essa idade a criança vivia entre as pessoas quase como se não tivessem relação com ela.

A exteriorização de sua vida a fazia viver fora de si; doravante, a interiorização, a vai fazer refletir e pensar.

b) Fase de conflito. Na fase central da adolescência dá-se, logo, uma verdadeira exaltação da personalidade, acarretando um desequilíbrio psíco-social. As modificações glandulares e humorais acentuam esse desequilíbrio. É a descoberta do eu.

A descoberta do eu é o ponto palpitante da adolescência. O jovem sente-se cheio de possibilidades, envolto em perspectivas maravilhosas, mas fraco, pequeno e flutuante perante o ambiente e medroso perante a ação.

Daí as hesitações, as contradições, as incoerências.

Stanley Hall chega a enumerar doze tipos de atitudes contrastantes na fase da vida juvenil. Pierre Mendousse, por sua vez, dedica um capítulo inteiro da obra «la crise d'originalité juvénile», ao estudo da anarquia das tendências no adolescente.

Ambos os autores talvez exagerem, generalizando facilmente casos particulares. Todavia, é certo, e a experiência cotidiana o con-

firma, superabundam nos adolescentes as vacilações e instabilidades nas atitudes.

O jovem reconhecendo em si um ser autônomo tenta afirmar-se, procurando viver a lei do seu desenvolvimento. Os impactos resultantes de imperícias ou de derrotas o abalam profundamente; em geral, porém, despertam energias novas, inesperadas, capazes de reações de toda ordem, trágicas ou heróicas.

São as primeiras irrupções da personalidade tanto nos rapazes como nas moças.

Aparece nítido o sentimento pessoal em ambos os sexos.

As transformações anátomo-fisiológicas dão ao adolescente uma noção viva do seu corpo e chamam a atenção para a sua personalidade física.

Começa a viver afetivamente: esperança, temores, desejos, sofrimentos, alegrias, tristezas se sucedem...

Intelectualmente é menos receptivo, mais exigente, mais analítico, mais autocrítico.

Pretende tornar-se cada vez mais autônomo e independente. Entre os impulsos da personalidade nascente e o meio social, pode haver conflitos reais, que aos poucos serão superados. Às vezes entrega-se a aventuras, em virtude da imaginação poderosa; outras, se torna extravagante, um «dom-quixote», mas com cálculo e perspicácia. Outras vezes ainda, pretende ultrapassar-se, caricaturando o super-homem nietzscheano, na expressão feliz de Tristão de Ataíde.

A mocinha vive as mesmas fases. Mas, é mais recolhida, mais modesta, mais inibida. É bastante irritadiça tendo freqüentes variações de humor. Às vezes passa por crises repentinas e passageiros, impaciências, repugnância, crises de lágrimas. Procura atrair a atenção e a simpatia. Tem medo do ridículo, do «que dirão.»

c) Fase do equilíbrio psico-social.

Após uma série de incertezas, de tensões e relaxamentos, de planos e fracassos, de esperanças e desilusões, de desejos e satisfações, o adolescente se encaminha para a compreensão dos valores da vida, adaptando-se, progressivamente, ajustada ou desajustadamente ao ambiente social.

Os psicólogos assinalam que dois fatores integram o jovem na sociedade dos homens: a descoberta do eu e a maturação sexual.

Estes fatores tornam o adolescente membro apto e válido da sociedade. Quando se verificam, ela o recebe e os incorpora ao seu meio social.

Esta integração na sociedade era assinalada em alguns povos por festas ou ritos sagrados em épocas passadas, mesmo entre os gregos e os romanos.

E não serão os bailes das debutantes um resquício pagão da apresentação das jovens à sociedade?

Amainados os impulsos individuais, o jovem aceita a organização social.

Dá-se a integração ao meio, estabelecendo-se um equilíbrio entre as tendências individuais e sociais. Há integração e diferencia-

ção. Começa o adolescente, já moço, o contróle maior de si mesmo, aceita os princípios morais de conduta, e procura dar um sentido útil à vida. Escolhe uma profissão e normaliza a existência.

### CARACTERES GERAIS

Tristão de Ataíde em seu livro «Idade, Sexo e Tempo», dedica um capítulo ao estudo da adolescência, procurando destacar as grandes notas que a distinguem.

Assinalaremos as principais e as que melhor caracterizam a adolescência, valendo-nos, em parte, dessa magnífica obra.

Não deixaremos de nos reportar à obra interessante de André Ferré, «Cours de Psychologie infantine et juvénile», e à obra recente de Onofre Arruda Penteadó Junior, «Valores Humanos na Educação», no capítulo sobre a adolescência.

1. — É uma «idade comunicativa» com relação aos de mesma idade. Fechado é o adolescente aos mais novos e aos mais velhos; aberto para os colegas. O adolescente fala em «nós». É a idade das companhias, dos entusiasmos, das amizades. O adolescente põe os colegas acima da própria família. Acha-se bem entre êles. Daí ser muitas vêzes «incompreendido» no meio familiar.

Por isso, essa idade é das «confidências», mas, feitas sempre aos de mesma idade, às vêzes, estranhos. A tendência associativa pode ser explorada magnificamente nas organizações escolares juvenis.

2. — É a idade da «diferenciação dos sexos». Desenvolve-se o interêsse hétero-sexual. A infância é por assim dizer assexuada. A adolescência é da diferenciação da psicologia masculina e feminina. O registro ou a descoberta do dimorfismo sexual marca-lhe a origem. É a puberdade.

Rousseau, no *Émile*, 4.<sup>o</sup> livro, celebra a puberdade como um segundo nascimento. A solução que lhe fôr dada vai deixar marcas para o resto da vida. Se dominar, então, o «instinto biológico», tornar-se-á uma idade destruidora; se se souber conduzir com delicadeza «êsse desabrochar para um mundo novo», irão os jovens aos mais altos cimos da espiritualidade. O adolescente tem apetite de ideal. Depende do primeiro que lhe é apresentado. Não procura idéias, mas ideal. A adolescência não pensa muito; mas, está pronta para a ação. A sêde de ideal superior é a porta aberta para a formação espiritual. Não é educador quem não aproveita esta tendência natural.

3. — A adolescência é a idade da «interiorização». A criança vivia para fora; o adolescente começa a viver para dentro, descobrindo aos poucos o seu mundo interior. As manifestações dessa vida subjetiva são a poesia (manifestação profana) e a prece (manifestação religiosa). Isso se dá em tôrno dos 15 anos. A poesia como a prece é a descoberta do homem interior. Os sentimentos são então veementes, mas efêmeros. É a idade do autismo, do pensamento egocêntrico, do pensamento pessoal, dos devaneios para

gôzo pessoal. É fruto do excesso de imaginação e revela uma desadaptação geral ou desajustamento do eu em relação ao não eu. O autismo reveste duas formas, segundo Yung: introversão ou extroversão. A infância fôra extrovertida; a adolescência continua a sê-lo, mas começa a introverter-se. E nesta luta surge uma certa inquietação, própria dessa idade. Há um desejo de conhecer o mundo e uma atração para o mundo interior. Binet, os designa por subjetivismo e objetivismo. (Interiorização e exteriorização). A interiorização pode ser aproveitada acostumando o jovem a racionalizar sua conduta.

4. — A adolescência é a idade da «emancipação do lar» e da transferência dos objetos de sua admiração. Assim, os de casa, o lar, os próprios domésticos são deixados pelos companheiros, pelo clube, pela rua, etc. Um «mundo» é trocado por «outro mundo». Isso não se dá sem haver ao mesmo tempo profunda mudança psicológica. Outros tomam conta do espírito: os amigos, os mestres, os heróis de história, os campeões esportivos, os artistas cinematográficos, os políticos, os santos, etc. O adolescente já não gosta de ser tratado como criança. Deseja e quer que o tratem como moço, como homem feito.

5. — A adolescência é a idade da «mudança fisiológica e psicológica.» É transição caracterizada por crises. Os traços fisionômicos não têm mais a delicadeza da infância e não atingiram as linhas claras e definidas da mocidade. São mais feios, em geral. O que se verifica com os traços fisionômicos se dá com as formas do corpo, com os gestos inábeis e desajeitados, com a voz, com os modos bruscos, etc. Maior é a mudança psicológica, tendendo facilmente ao sensualismo nos rapazes, e ao sentimentalismo, nas meninas. É a crise da puberdade. A infância era a idade dos instintos; a adolescência começa a ser a idade da razão. O «indivíduo» deixa o lugar à «pessoa». O problema está na transição. É a idade da projeção do eu no campo social, profissional e amoroso. É preciso que a substituição do domínio da (inteligência) sôbre o indivíduo (instintos) se faça sem choques ou violências. As violências aqui são perigosas. Já se disse que os dois sexos se separam dando origem aos sentimentais (românticos) e aos realistas (sensualistas). Entre os primeiros dominam as meninas; entre os segundos os rapazes. Mas, há de tudo em ambos.

6. — A adolescência é a idade da «antecipação da própria idade». As «crianças» querem ser «adolescentes» e êstes querem ser «moços». Isso hoje é talvez mais forte que antigamente. Êsse fato provoca a precocidade. Às vêzes é real; (em geral para valores artísticos, matemáticos, e místicos), às vêzes, é forçada. É orgulho dos pais, vaidade dêles e prejuízo dos filhos. Levam os filhos a um esforço exagerado e os esgotam antes do tempo.

Em vez de querer fazer tudo no menor prazo, é preciso dar tempo ao tempo e impedir o crescimento prematuro.

Pior é o valor que os adolescentes dão à mocidade. Ela é um

«critério de valor»: A infância é péssima, a velhice nada vale; só resta a mocidade. «Ser bom é ser moço e ser moço é ser bom».

É o momento oportuno de desdobrar ante os olhos do adolescente tôda a escala dos valores.

7. — A adolescência é a «idade formadora» por excelência. Tudo nesse período assume caráter educativo ou deseducativo. Tanto o bem como o mal praticados na adolescência, deixam traços indeléveis, mais que em outras idades, dada a plasticidade vital. Começam os hábitos conscientes próprios. A infância vivia dia por dia, esquecendo tudo facilmente. A adolescência é rememorative; guarda tudo, incorpora-o, seja bom ou mau. Daí a sua importância na formação da personalidade. Daí também dizermos que o homem será tôda a vida o que tiver sido na adolescência.

8. — A adolescência é a idade da «obsessão da liberdade». Luta contra o temor (interno) e a coação (externa), e a perda da noção do respeito. Os adolescentes querem «fazer sòzinhos». Não admitem intromissão. Querem ser «compreendidos», não controlados; ser «prevenidos», não perseguidos; ser «vigiados», não desconfiar dêles. Em tôdas as idades há essa tendência; mas, ela é mais violenta nesta, mais desabusada, mais desajeitada. Ela se manifesta pelo desrespeito, pelo espírito iconoclasta.

9. — Por último, poderíamos ainda dizer que a adolescência é a idade de maturação intelectual, de independência econômica, da escolha de uma filosofia da vida, da projeção do próprio eu, etc.

### NORMAS PEDAGÓGICAS

Entre as vozes autorizadas para dar normas educativas está a do grande Pontífice Pio XI, o qual na carta da educação, a encíclica *Divini illius magistri*, mostrou claramente o papel da Igreja, da Família e do Estado na realização da obra orgânica da educação. Nela, páginas admiráveis se referem à adolescência.

A adolescência é o período da formação da personalidade. É a passagem do indivíduo para a pessoa, do homogêneo para o heterogêneo, do indiferenciado para o próprio e o definido.

É o período em que a vida se apresenta em plenitude e em plenitude se revela o mundo.

Até a adolescência, o jovem era conduzido pela mão; agora, começa a andar só. Sente, por isso, tôda a insegurança do autocontrôle e começa, por outro lado, a entregar-se à volúpia da liberdade.

Corpo e alma estão agitados. Movimentos, palavras e ações revelam um mundo oculto e misterioso que é preciso caracterizar, que é preciso definir, que é preciso explorar no sentido bom da palavra.

Diz Casassanta «O drama da adolescência vai do primeiro ao último ato, sem que os espectadores, muitas vêzes, compreendam sua urdidura». (Manual de Psicologia Educacional, pág. 251).

E André Ferré, referindo-se à educação juvenil: «Período de

crises fisiológica e moral, de incerteza social, de intemperança afetiva, a adolescência é uma idade perigosa, necessitando mais que qualquer outra de uma educação vigilante. É também a idade em que a ação educativa é mais difícil porque encontra resistência em ser aceita» (Cours de Psychologie enfantine et juvénile, pág. 295).

É nessa fase, pois, que o trabalho educativo é mais necessário, exigindo conhecimento, método e habilidade.

O trabalho educativo deverá estender-se aos três planos da formação: corpo, inteligência e espírito. É uma encruzilhada de três caminhos. Os jovens são atraídos para um ou para o outro. Ao educador cabe saber equilibrar essas forças, dando-lhes unidade. São as três tendências físicas, intelectuais e místicas, que aparecem. Existe a pedagogia do interesse e a pedagogia do esforço. Podemos partir da primeira; mas, devemos chegar à segunda.

É preciso conseguir que o jovem realize esforços pessoais em cada um desses setores. Esforços físicos, como jogos, esportes, trabalhos e controle dos sentidos, para a sua manutenção da pureza. Esforços intelectuais, para criar e fortalecer hábitos de observação, análise e crítica e hábitos de um trabalho intelectual ordenado. Esforços morais, procurando viver de acordo com os ditames da consciência, aceitando a lei moral não como uma imposição exterior, mas como uma exigência interior, uma exigência da própria natureza. E aqui cabe lembrar a necessidade da religião para dar sentido e constância aos esforços educacionais. «Não podemos esquecer, diz Pio XII, a insubstituível eficácia dos meios sobrenaturais em educação».

Todas as forças do ser se conjugam para desenvolver essas tendências. É o adolescente mais do que nunca precisa ser orientado, pois, ainda não o pode fazer por si só. O difícil para o educador é unificar essas tendências. O adolescente quer «tudo», diz Tristão de Ataíde. As tendências vão para todos os caminhos. Ele «prefere» tudo e isso não é possível. Daí, a dificuldade de levá-lo a escolher o melhor, equilibrando o resto, o melhor, de acordo com a sua personalidade nascente. A criança deve ser guiada; o adolescente não aceita ser guiado. Aceita, porém, «orientação». Por isso cabe despertar nele os motivos dos próprios atos. Rebelar-se contra a autoridade que se apresenta autoritarista; aceita, porém, a orientação para a ação.

Deixarão os educadores que o jovem cresça como a erva do campo, «naturalmente», como quer Rousseau?

Deixarão os educadores que o jovem procure por si a «verdade progressiva» como quer Dewey e a filosofia da civilização em mudança?

Imporão, os educadores ao jovem, em forma dogmática as normas de agir e de proceder?

Não. Aos educadores cabe apresentar ao jovem a verdade, vivê-la pessoalmente, e persuadi-lo a aceitá-la e a segui-la.

Mas, quem será capaz de levar ao adolescente a orientação para a vida? — Aquêlé que lhe granjear a amizade e a confiança, aquêlé

que fôr capaz de ouvi-lo, aquêlé que fôr capaz de suportar seus extravazamentos sem estupor, aquêlé que o receber e tratar com carinho e bondade, aquêlé que acreditar no adolescente.

Para a realização desta obra gigantesca de levar a mensagem formativa à adolescência mobilizam-se hoje no mundo inteiro escolas, sistemas e filosofias. Multiplicam-se as observações e as experimentações. Tudo está bem e tudo merece a colaboração dos pedagogos enquanto as modificações se fizerem no setor dos métodos e técnicas.

Tudo está mal se se pretende reformar os princípios e os fins da educação, como se a natureza humana estivesse mudando como as civilizações e as culturas.

Sejam, pois, as verdades pedagógicas tradicionais enriquecidas com as atuais conquistas das ciências e com as modernas técnicas de ensino e então a escola continuará a cumprir sua grande e histórica missão junto à infância e à adolescência, preparando-as para que vivam uma vida digna de filhos de Deus na grande família humana.

#### BIBLIOGRAFIA

- 1 — La psicologia de l'età evolutiva — A. Gemelli, Milano, 1945.
- 2 — Médecine et adolescence — R. Biot — Lyon, 1936.
- 3 — Psicología y educación — I. Américo Foradori — B. Aires, 1943.
- 4 — Comment étudier les adolescents — M. Debesse — PUF — 1948
- 5 — L'âme de l'adolescent — P. Mendousse, PUF, 1947.
- 6 — L'âme de l'adolescent — P. Mendousse, PUF, 1948.
- 7 — Psicologia da criança — T. M. Santos — Rio, 1948.
- 8 — L'adolescent autour de l'âge ingrat — Mons. Petit de Juleville, Paris, 1934.
- 9 — La crise de l'originalité juvénile — M. Debesse — Paris, 1936.
- 10 — Idade, Sexo e Tempo — Tristão de Ataíde — Rio.
- 11 — Los grupos de niños y de adolescentes — Dr. René Fau, Barcelona, 1954.
- 12 — La vida psíquica de los adolescentes — Charlotte Bühler — B. Aires, 1950.
- 13 — Infancia y Juventud — Charlotte Bühler — B. Aires, 1950.
- 14 — Psicología de la adolescência — Fowler D. Brooks — B. Aires, 1952.
- 15 — Cours de psychologie enfantine et juvénile — André Ferré — Paris, 1948.
- 16 — Psicología Pedagógica — J. Vaissière — P. Alegre, 1937.
- 17 — Revista Interamericana de Educación Católica, n.º 56, 1952.
- 18 — A Alma do Educador — G. Kerschenteiner — Rio, 1934.
- 19 — A Adolescência — R. S. Fleury — S. Paulo.
- 20 — Enciclopedia Cattolica — Città del Vaticano — Vol. I, Adolescenza.

- 21 — Os valores humanos na educação — Onofre A. Penteado Jr.  
— S. Paulo, 1957.
- 22 — Encíclica «Divini illius Magistri» — Pio XI — 1929.
- 23 — Psicologia evolutiva da criança e do adolescente — Mira y  
Lopez, Rio.
-



## OS EPIGRAMAS HOMÉRICOS

Prof. Heinrich Bunse

Afora da *Iliada* e da *Odisséia* circulavam, na antiguidade, ainda outras obras como sendo de Homero. Entre estas se encontram os assim chamados «Epigramas Homéricos», uma série de 16 poesias de curta extensão e em versos hexâmetros.

Nossa fonte principal para êstes epigramas é uma biografia antiga de Homero: **Herodoti vita Homeri**, geralmente citada como Pseudo-Heródoto. (1) Alguns dos epigramas ocorrem ainda em outros documentos: Epigr. I figura em 4 manuscritos como anexo aos «Hinos Homéricos» (2) com o título: *Eis Génous*. Epigr. III, o epitáfio de Midas, é citado — embora com a falta de dois versos no Fedro de Platão; (3) Longino em *De sublimitate* (4) cita o segundo verso: «Enquanto as águas fluem e as árvores altas florescem»; ocorre êste epigrama ainda no «*Certamen Homeri et Hesiodi*» (5) Os Epigr. VI, VIII, X — XVI, encontramos-los também na «*Vita Homeri*» por Suidas (6), figurando o Epigr. XIII ainda no «*Certamen Homeri et Hesiodi*».

Naturalmente, êstes epigramas não são «homéricos»; mas não existe dúvida que datam de tempos remotos. Como todos têm um acentuado sabor popular, podemos acreditar que, nascidos anonimamente, como frutos do gênio popular, correram de boca em boca, sendo, mais tarde, atribuídos a Homero, visto que são escritos em hexâmetros. O hexâmetro: epos é o metro da epopéia, e o poeta épico por excelência, Homero. Coisa parecida, aliás, deu-se com os aforismos, as sentenças e máximas dos «Sete Sábios»; e é digno de nota que o Epigr. III até é atribuído a um deles, Cleóbulo de Lindo.

Êstes epigramas antecedem, seguramente, o Pseudo-Heródoto que no-los transmite, pois esta «*Vita*» parece ter sido escrita com

- 
- 1) Apesar de esta «vita» começar: «Esta é a história de Heródoto de Halicarnasso a respeito da estirpe, época e vida de Homero...», é, geralmente, considerada como espúria.
  - 2) Coleção de 32 hinos que também circulavam sob o nome de Homero; são invocações às divindades cuja festa se celebrava ou às Musas, espécie de prelúdio que os rapsodos costumavam cantar como introdução a seus recitais.
  - 3) Platão, Fedro 264 6.
  - 4) Longino, *De Sublimitate*, 36, 21.
  - 5) Obra curiosa que relata uma disputa poética entre Homero e Hesíodo.
  - 6) Lexicógrafo bizantino dos meados do séc. X.

o escopo de explicar as circunstâncias da composição dos epigramas, contribuindo assim para a sua compreensão. Isto resulta bem claro duma leitura dos epigramas no conjunto do Pseudo-Heródoto. Em Suidas, porém, os epigramas já não se enquadram tão bem no conjunto da «vita».

Os epigramas, como já ressaltamos, têm sabor popular. Alguns têm caráter gnômico: Epigr. V, VII, XIII; Epigr. III é por muitos autores antigos atribuído, também, a Cleóbulo de Lindo, um dos «Sete Sábios»; Epigr. XI tem caráter hesiódico; Epigr. XIV, intitulado no Pseudo-Heródoto Káminos i. é. fôrno, é uma poesia interessante em que o poeta invoca a proteção de Atena para uns louceiros que lhe prometeram uma recompensa pelo canto; mas, ao mesmo tempo, conjura uns gênios maus, os «destruidores dos fornos», a maga Circe e Quirão com seus Centauros, para desfazer o trabalho dos louceiros caso êles enganarem o poeta. Epigr. XV é designado, no Pseudo-Heródoto, de Eiresione. Esta palavra originalmente, significa guirlanda ou coroa, feita de louro e oliva e entrelaçada com lã, como ela foi carregada pelas crianças, durante as festividades do outono, quando iam de casa em casa fazendo coletas. Depois a palavra foi estendida ao canto que as crianças, nesta ocasião, costumavam cantar; isto também lemos no Pseudo-Heródoto: «Eram cantados êstes versos, durante muito tempo, em Samos, pelas crianças quando faziam coletas na festa de Apolo». (1) Posteriormente, a palavra designa qualquer canto com que se pedia alguma coisa. Mas os versos em aprêço se relacionam, ainda, com uma outra espécie de canto. Existia em Rodes o costume de que as crianças, no comêço da primavera, fôssem de casa em casa, levando uma andorinha feita de madeira e entoando um canto: Xelidónisma i. é. canto da andorinha. (2) O canto que nos foi conservado, começa:

«Volta, volta a andorinha,  
belos dias avizinha  
e também bonitos anos;  
todo branco o peito tinto  
e o dorso de escuro pinto. (3)

O epigr. XV não só alude à volta da andorinha, mas ainda apresenta uma linha (4) quase idêntica àquela do canto das crianças de Rodes que soa:

«Se nos algo darás; se não, nós não deixaremos».

Como se vê, as semelhanças não deixam de ser interessantes e, ao mesmo tempo, significativas, pois acentuam o caráter popu-

1) Herodoti vita Homeri, 481-482.

2) Aristófanes, Aves 1410 e seguintes faz uma alusão a êstes cantos.

3) Anthologia Lyrica Graeca, ed. E. Diehl, vol. II, pg. 281, n.º 32.

4) Epigr. XVI, 12.

lar do epigrama. Epigr. XVI refere-se às circunstâncias da morte de Homero. Diz Aristóteles no 3.º livro da Poética (1) que Homero «avançado em anos e tendo já conquistado fama por seus poemas, interrogou o deus (2) para saber de que país era e qual a sua pátria; êste lhe respondeu:

«Pátria de tua mãe é a ilha de Ios que na morte  
Te há de receber; mas cuida-te do enigma dos moços» (3)

«Não muito depois viajou Homero para Tebas, para a festa em honra de Crono. Esta festa é comemorada entre êles por uma disputa de música. (4) — Chegou êle depois a Ios: ali, sentado sôbre uma pedra, avistou uns pescadores que voltaram em seus botes e perguntou: ...» (5) O diálogo entre o poeta e os pescadores é o epigr. XVI. A solução do enigma é que os pescadores «pela falta de pesca, se puseram a catar os piolhos; e aos piolhos que conseguiram pegar, mataram-nos e puseram fora; mas iam levando para casa aos que não conseguiram pegar. Como Homero não pôde entender o enigma, morreu de desgosto.» (6)

As traduções que seguem, no metro original adaptado ao português, são feitas sôbre o texto da «Herodoti vita Homeri» em «Homeri opera V» ed. crítica de Thomas W. Allen, na coleção da «Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis.»

#### Epigr. I

«Honrai quem carece de um lar e de hospitaleira acolhida,  
Vós que a cidade altaneira de Cime, moça airosa,  
Habitaís, situada ao último pé da frondosa Sardene:  
Água ambrosíaca vós bebeis do rio divino,  
Hermo remoinhoso, que Zeus imortal tem gerado.»

#### Epigr. II

«Céleres os pés me levem a uma cidade de homens honestos:  
Pois generoso é seu coração e a prudência grande.»

#### Epigr. III

«Sou uma virgem de bronze sôbre a tumba de Midas deitada:  
Enquanto as águas fluem e as árvores altas florescem,  
E o sol se levanta e brilha, e resplandece a lua;  
Enquanto os rios correm e o mar se quebra nas praias  
Fico sôbre esta tumba, regada de lágrimas, sempre  
Anunciando a todos que passam: aqui jaz Midas.»

1) Em: Plutarchi vita Homeri.

2) O oráculo de Delfos.

3) Plutarchi vita Homeri, 45-49; o epigrama também em: Proclo, Crestomatia Literaria I, 30-31.

4) i. é nas artes das Musas.

5) Plutarchi vita Homeri, 61-64.

6) ibidem , 65-71.

## Epigr. IV

«Para quão grave destino me deu Zeus pai como prêsa,  
 Criando o menino sôbre os joelhos da mãe veneranda.  
 Por vontade de Zeus, portador da égida, outrora  
 Os moradores de Fricon, — que montam cavalos fogosos,  
 Mais violentos que o fogo cruel no serviço de Ares —  
 A Esmirna eólica fundaram, vizinha do mar, pelas ondas  
 Batida, percorre-a do Meles sagrado água clara:  
 Daqui (1) se elevaram as filhas de Zeus, moças belas, querendo  
 Tornar famosa a magnífica terra e cidade dêstes homens;  
 Mas êles recusaram a voz divina, a fama, o canto.  
 Tolos! e disto vai-se lembrar um certo sujeito;  
 Pois êle, por suas palavras maldosas, (2) selou minha sorte.  
 O fato levarei que a mim, ao nascer, um deus tem dado,  
 Desilusões suportando no coração paciente.  
 Não mais meus pés queridos nas ruas sagradas de Cime  
 Desejam ficar; uma grande vontade me impele adiante,  
 De ir a um povo de estranhos, mesmo que seja pequeno.»

## Epigr. V

«Muitas coisas, Testórides, aos mortais são ocultas;  
 Nada, porém, mais secreto que o pensamento dos homens.»

## Epigr. VI

«Ouve minha prece, poderoso Poseidon, que a terra sacodes  
 E sôbre o Hélicon vasto e loiro teu reino estendes:  
 Vento favorável e retôrno feliz conceda benigno  
 Aos nautas que conduzem e governam a êste navio.  
 Concede a mim, quando eu ao pé do Mimante escarpado  
 Chegar, que encontre pessoas honestas e piedosas,  
 E que me vingue de quem me enganou e assim ofendeu  
 Ao hospitaleiro Zeus e a mesa hospitaleira.» (3)

## Epigr. VII

«Terra veneranda, abundante doadora de felicidade  
 Doce ao coração; como és para uns tão fecunda!  
 Mas para quem tens rancor, pedregosa és e estéril.»

## Epigr. VIII

«Nautas que atravessais o mar, por um fado odiável  
 Parecidos às tímidas aves do mar, em dureza da vida;  
 Respeitai a Zeus no céu, o hospitaleiro:  
 Terrível será a vingança de Zeus quando alguém o ofende.»

1) De Esmirna, segundo o Pseudo-Heródoto pátria de Homero.

2) Quando, no conselho de Cime, se opôs à proposta de sustentar a Homero a expensas públicas.

3) Quem enganou a Homero foi Testórides que recebeu o poeta hospitaleiramente e lhe copiou as obras; depois as recitou como sendo suas próprias.

## Epigr. IX

«Um vento contrário vos surpreendeu, ó estrangeiros:  
Mas recebei-me agora e haveis de fazer a viagem.» (1)

## Epigr. X

«Fruto melhor do que tu, produza um outro pinheiro:  
Nos cumes do Ida, de muitas gargantas, batido por ventos:  
Pois ali para os homens mortais o ferro de Ares existe,  
Enquanto a esta região os homens de Cebrênia habitam.» (2)

## Epigr. XI

«Glaucó querido, no coração pôr-te-ei a palavra que me ocorre:  
Dá primeiro comida aos cães, junto às portas do pátio;  
De fato assim é melhor; pois o cão então ouve mais cedo  
Um homem se aproximar ou uma fera chegar-se à cêrca.»

## Epigr. XII

«Deusa que nutres os jovens, (3) minhas súplicas ouve benigna:  
Faze que esta mulher recuse o amor e o leito dos jovens,  
E que alegre os velhos de fronte esbranquiçadas;  
Enfraqueceram suas fôrças, porém o coração ainda arde.»

## Epigr. XIII

«Filhos são a coroa de um homem; duma cidade, as tôrres;  
Cavalos são dos campos ornato, navios, dos mares;  
Riqueza faz a grandeza da casa; e reis venerandos,  
Sentados na ágora, são um prazer aos olhos dos outros:  
Ardendo o lume, a casa parece mais hospitaleira.»

## Epigr. XIV

«Se pagamento me dais, cantarei para vós, ó louceiros:  
Eia, venha Atena e estenda a mão sôbre o fôrno;  
Conceda que fiquem bem prêtos (4) os vasos e tôda a louça  
Bem cozida resulte, e consiga um preço adequado;  
Que muito seja vendido no mercado, muito nas ruas,  
E grande seja o lucro, propósito meu e vosso.

- 
- 1) Este epigrama figura, no Pseudo-Heróroto, em prosa. Aproveitei a reconstrução em verso, feita por Barnes, 1654-1712, erudito inglês; publicou uma edição de Homero comentada em 1711.
- 2) O fruto melhor deve ser o ferro, fundido num fogo alimentado por lenha de pinho.
- 3) i. é Hecate, deusa desconhecida a Homero, mas citada por Heríodo, Teogonia 450 como Hecate «Kourotrófos» i. é que nutre os jovens.
- 4) Uma variante diz: secos; mas eu acredito que «prêtos» se refira àqueles vasos em que as figuras, na cor natural da argila, se destacam do fundo de um prêto lustroso, tipo de vasos mui conhecido na cerâmica ática.

«Mas se vos mostrais desonestos, fazendo falsas promessas,  
 Invocarei desde logo os destruidores dos fornos:  
 Síntriba, ainda Esmárago, Ásbeto, Ábacto, todos  
 E a Omódamo: Eles inflijam dano mui grande  
 A vossa obra, rompendo a fornalha e a fábrica; todo  
 O forno se quebre também, lamentando alto os louceiros.  
 Como moem dum cavalo as queixadas, o forno, moendo  
 Assim, transforme em pó tôda a louça que encerra.  
 Circe venha também, de Hélios filha, a maga:  
 Magias terríveis empregue, louceiros e louças perdendo.  
 Chegue ainda Quirão e traga muitos Centauros —  
 Uns fugiram das mãos de Heraclês, pereceram os outros —  
 Grande estrago causem às louças, ruindo o forno;  
 Vendo os louceiros, com grande lamento, o feito maldoso.  
 Eu, porém, alegrar-me-ei vendo a arte desfeita.  
 Mas se alguém se inclinar, olhando também, todo rosto  
 Lhe fique queimado, que todos saibam agir às direitas.»

## Epigr. XV

«Os pés dirijamos à casa de um homem mui poderoso  
 — Sempre feliz, pois grande poder tem e fama preclara.  
 Portas, por vós mesmas abri-vos: pois entra agora riqueza  
 Grande; e com a riqueza também florescente alegria  
 E boa paz. Os celeiros todos cheios estejam,  
 Sempre da massa de pão dourado transborde a gamela.  
 Do filho a espôsa, do carro descera para cumprimentar-vos  
 — Mulos de fortes pés, para esta casa a transportam —;  
 No tear ela teça, pisando num soalho embutido de âmbar.  
 Para cá voltarei, retornando anualmente, igual à andorinha  
 Que nos vestibulos vem pousar..»

«Se a nos algo darás; se não, nós não ficaremos:  
 Pois contigo habitar, para cá não temos chegado.»

## Epigr. XVI

Homero:

«O' pescadores, da Arcádia homens, algo pegamos?»

Pescadores:

«O que pegamos, deixamos; o que não pegamos, levamos.»

Homero:

«Do sangue de tais genitores nascestes; não de senhores  
 De vastas terras, nem de pastôres de incontáveis ovelhas.»

# ESTUDO DE UM CONTO DE MIGUEL TORGA

Ir. Elvo Clemente

## — N E R O —

**Introdução** — Estudaremos «NERO», conto de Miguel Torga, o primeiro da série intitulada «BICHOS», cuja quinta edição, considerada definitiva pelo autor, apareceu ao lume em Coimbra, no ano de 1954.

O livro «BICHOS» conta 132 páginas onde se lêem, além do prefácio, quatorze contos. Hoje ocupa nossa atenção tão somente o primeiro: NERO. História de um cão. Rico perdigueiro.

**Resumo do conto** — Miguel Torga apresenta-nos Nero agonizante. «Sentia-se cada vez pior». Entremos logo na vida do cão através de um exame retrospectivo que o bicho faz nas vascas da agonia. Passa em revista os dias felizes. As caçadas. As noites intermináveis dos invernos ali enroscado junto aos pés da senhora moça... Aventuras de cão. Recorda as amizades com os companheiros. Agora tudo mudou. Está só. Até mesmo um filho que tivera não lhe pode assistir os últimos momentos. Abandonado. Reflete na vida que se vai e na cova que terá ali «junto da figueira lampa».

**Sentido do conto** — O conto tem uma história profundamente humana. O cão agoniza, porém, simboliza, o ser «homem» que luta uma vida inteira e chega no fim de mãos vazias. Abandonado. Para terminar miseravelmente. Nesse drama medonho do abandono o homem que não buscou um sentido extra-terreno em seus dias, agoniza, desespera... Oxalá houvesse morrido em outra oportunidade, até mesmo envenenado, preferível àquela velhice que o aviltava tanto. O autor examina uma existência. Analisa uma vida que se vive e que se acaba sem sentido. Existência: conjunto de atos, trabalhos, divertimentos... e depois a podridão da velhice sem função social. Torga apresenta um cão, humano nas atitudes, tão humano nas reflexões, tão humano que parece-nos que o homem é um bicho e o bicho, um homem...

**Simbologia** — Nero revela-nos uma dessas existências simples, sem alarde, sem grandes dias. Sem aspirações sublimes. Existir no terra-a-terra, viver a vida como se apresenta sem aspirações, sem finalidade metafísica: «Ele teria apenas a triste cova no quin-

tal, debaixo da figueira lampa.» (pág. 13). Existência — um punhado de atos mecânicos, inconscientes e depois «era bom mesmo assim apodrecer a dois passos da cozinha». (Pág. 13).

**Paisagem** — O conto desenrola-se junto de uma casa de camponeses, talvez em Trás os Montes. Nero vive ali à espera do Doutor que vem da cidade de Natal a Natal. A paisagem é sóbria, como tudo é sóbrio neste conto. Não há grandes descrições. Há um filme da vida de um perdigueiro que vive o ano inteiro numa aldeia e por alguns dias ou semana se vai aos montes do Pioledo para a caça. Há mais ação que paisagem. O quadro que emoldura a morte do Nero, é soberbo: «E à noite, quando o luar dava em cheio na telha vã da casa, e os montes de S. Domingos, lá longe, lhe acenavam já, com saudade das suas patas seguras e delicadas, quando o cheiro da última perdiz se esvaiu dentro de si, quando o galo cantou a anunciar a manhã que vinha perto, quando a imagem do filho se lhe varreu do juízo, fechou duma vez os olhos e morreu». (pág. 27).

**Personagens e seus caracteres** — As pessoas que entram na cena do conto são cinco: O velho, a velhota, a filha, o filho doutor e caçador e um outro caçador, amigo da família.

Os personagens não têm nome. Só têm nome dois cães: o Nero e o Fadista... Outros animais: as perdizes, os perdigões, o galo, as galinhas, frangos, a burra, o lebrão, sapos guardam o anonimato das suas existências exceção feita da mãe do Nero que é Aida. O velho, o chefe da família é o tipo do agricultor bom e rude: «O velho também era carinhoso.» (pág. 14) A velha caracteriza-se como a mulher habituada aos trabalhos duros da manutenção da casa, do trabalho do campo. Sem muita cerimônia. Sempre atarefada. «A velha sempre o pusera a distância.» (pág. 14).

A filha aparece no conto como o anjo da família e a melhor das criaturas para o Nero. «A menina dos seus olhos era a outra, a filha, que lhe fazia carícias como a uma criança.» (pág. 14).

O filho da família era o doutor, o verdadeiro senhor de Nero, que morava muito longe. E' o personagem que domina o quadro humano do conto, aureolado pelo respeito que lhe impunha sua qualidade de doutor, de dono e de caçador. Percebe-se realmente tôda a auréola de respeito com que é circundado o doutor em estas terras. Outro caçador que aparece no quadro é o incompetente, é o causador de um acidente por pouco mortal. E' o tipo do indesejado.

Nero representa o tipo humano social médio, gente sem grandes pretensões, vida discreta, liberal. «Era um cão que respeitava sua dignidade. Tratava de arranjar a sua vida (a sua vida particular) sem andar a dar nas vistas e sem acompanhamentos atrás. Lá santidade, não.» (pág. 23).

Nero é o cão fiel, capaz de ternura e sensível à ternura. Tem uma sensibilidade humana. Recorda com amor o filho! Enternece-o a lágrima furtiva da patroa nova...



Fadista é o tipo do bom amigo apesar de ser de categoria inferior que se permitia certas fraquezas...

O conto mantém grande unidade. Tudo começa com o cão que agoniza. Vem a vida do bicho, contada com graça e encanto. Por fim depois de uma vida comum desaparece levado pela morte cortado pelas imagens mais caras que o haviam sustentado na vida. Equilíbrio perfeito entre as partes do conto. Não faz grande mistura. Tudo é transparente e diáfano como nas vidas singelas...

O quadro não se altera senão através das reflexões e monólogo do cão que vai recapitulando a existência: dias tristes, dias alegres. Tristeza de imobilidade, esplendor das caçadas brilhantes sobre a neve e o sincelo dos dezembros de Trás-os-Montes...

### Análise dos elementos literários

**O vocabulário** — Torga ama um vocabulário seletivo, vocabulário que faz vibrar o conto na sua estrutura e na sua linguagem. Daí a grande escolha de elementos vocabulares muito precisos. O autor conhece verdadeiramente a caça das perdizes. Parece, na verdade, amador apaixonado da caça e dos dias na montanha. Um amante da terra e das coisas da terra.

O vocabulário dessas páginas transmite as vozes da terra. Há provincialismos. Elementos da fala da gente simples. Expressões ricas de tradição e vida dos povoados, dos sítios. Torga tem um vocabulário exigente para comunicar fielmente a mensagem da terra. Escutou e nos faz saborear o encanto da língua popular. Os plebeísmos despertam a curiosidade do estudioso sobre a riqueza da corrente popular. Os próprios disfemismos têm razão de ser para a conservação autêntica do colorido de todo o quadro.

Apresentaremos alguns vocábulos que prenderam nossa atenção na leitura do conto:

**Bernarda** — (vocábulo familiar) — revolta, rixa. «Batia-se nas rixas como um homem, se por acaso a **bernarda** lhe dizia respeito» (pág. 23).

**Caçapo** (disfemismo) — coelho novo. «quase não tinham conta ar vêzes que o fadista o convidara para certas caçadas particulares, a uns **caçapos** duns coelhos que saltavam na Barrosa». (pág. 23).

**Caçarreta** (disfemismo) caçador inexperiente. «E, com mais três ou quatro dias de experiência, o doutor deu-o a um **caçarreta** de Jurjais». (pág. 25).

**Cardenha** existe a forma cardanha ou cardanho com o sentido de casa térrea para gente pobre.

**Casal** (lus.) pequena propriedade cerrada, próxima, não anexa à residência do dono.

«na **cardenha** do **casal** morava o seu grande amigo, o Fadista» (pág. 16).

**Caçada** (vulg.) motejo, troça.

«Até um lebrão descarado se fôra aninhar entre êles, de caçoada» (pág. 13).

**Cachopo** (lus. fam.) — Rapaz, jovem, menino.

«E êle seguia-o no andamento, para o patrão não acusar o cachopo» (pág. 25).

**Chamadoiro** (prov.?) nome, algo para chamar. (Não encontrei nos dicionários o vocábulo com o sentido que tem no conto).

«O nome fôra-lhe pôsto quando chegou. Antes disso, lá onde nascera, não tinha chamadoiro» (pág. 15).

**Daimoso** (lus.) Dádivoso, carinhoso, afável.

«Gostara era da voz cristalina da dona do feítio daimoso da patroa velha e da mão calejada do velhote» (pág. 15).

**Demo** (vulg.) — diabo.

**Macaquices** — artes de macaco.

«Tivesse êle tido coragem, quando o parvo era franganote, e já então cheio de proa, de lhe dar um apertão, e não estaria o demo ali a fazer-lhe macaquices» (pág. 26).

**Descarado** — (vulg.) — atrevido, impudente.

«Até um lebrão descarado fôra aninhar entre êles, de caçoada» (pág. 13).

**Espernear** — (vulg.) morrer, finar-se.

«Se tivesse esperneado então, ao menos teria lágrimas humanas a cobrir-lhe a cova fria» (pág. 24).

**Jecos** — (vulg. lus.) cão reles, à toa.

«Coelhos, isso era lá com rafeiros, com jecos do fado e do mundo» (pág. 23).

**Lampa** — (lus.) temporã.

«Êle teria apenas uma triste cova no quintal, debaixo da figueira lampa». (pág. 13).

**Lorde** (lus. pop.) — luxento, taful.

«Todo muito bem vestido, todo lorde» (pág. 16).

**Maricas** — (vulg.) — Todo metido em assuntos mulherengos.

«Os outros apenas o tratavam, o sustentavam, para que o me-

**Menino** — (fam.) — Rapaz, moço.

«Os outros apenas o tratavam, o sustentavam, para que o menino tivesse cão quando chegasse» (pág. 14).

**Pagode** — (vulg.) — Divertimento, folia, diversão.

«E enquanto a velha mondava o trigo, chasquiçava batatas ou enxofrava a vinha, aproveitava êle o tempo, na eira, de pagode com o camarada» (pág. 16).

**Rapariga** — (lus.) — Moça, jovem.

«Só a rapariga o aquecera ao colo quando pequeno, e depois, pela vida além, o consentira ao lume, enroscado a seus pés, enquanto a neve caía branca e fria» (pág. 14).

**Seu** — (vulg.) — fórmula de tratamento, senhor.

«E' certo que também êle, Nero, vira morrer o gato, um sem número de frangos e galinhas, e cada ano seu porco, sem nenhum estremecimento» (pág. 25).

**Velhaco, velhote, o velho, velhota** — (vulg.)

«O **velhaco** firmava as asas no vento, e deixava o chumbo passar» (pág. 22).

«Gostava era de voz cristalina da dona nova, do feitio daimoso da patroa velha e da mão calejada do **velhote**» (pág. 15).

«O **velho** também era carinhoso» (pág. 14).

«E com a **velhota**, então só mesmo se a via encaminhar-se para os lados da Barrosa» (pág. 16).

«Gostava de figos, a **velhota** » (pág. 14).

Ao estudar esta grande quantidade de vulgarismos, têrmos populares, colhidos no capítulo que ora nos ocupa; pode-se concluir do cuidado que tem o Sr. Torga em retratar fielmente a língua corrente do meio social em que se passa o conto. Fiel à terra. Fiel à língua. Fiel à sociedade.

### Expressões populares e frases feitas

Outro fato lingüístico que chama a atenção no conto do Torga é a expressão popular e a frase feita recolhida com tôda a frescura dos lábios do povo. Elemento êsse que acresce a fôrça pitórica do estilo torguiano. Estilo da fidelidade à terra e ao povo.

Essas expressões têm raízes fundas dentro da lusitanidade e da formação lingüística de Portugal. Vamos passar em revista algumas para testemunhar o que afirmamos.

**Dar com o nariz no sedeiro:** ter uma ilusão, ficar frustrado.

«Mas às perdizes saltaram e, quando o dono chegou: deu com o nariz no sedeiro» (pág. 25).

**Dar por:** atender por; ter nome de...

«A mãe é que dava por Aida» (pág. 15).

**De lés a lés:** de lado a lado; de ponta a ponta.

«Guiado por ela conheceu a terra de lés a lés» (pág. 16).

**Fiar doutra maneira:** apresentar-se diferente.

«Desta vez, porém, a coisa fiava doutra maneira» (pág. 22).

**Ficar à larga:** andar sôlto, andar livre.

«E como o dono só vinha de Natal a Natal, o ladrão ficava à larga no Soitinho» (pág. 22).

**Grade às costas** (deve ser um regionalismo, não podemos encontrá-lo no dicionário): ser infeliz na caça.

«À noite uma grade às costas, coisa que não acontecia há anos» (pág. 25).

**Ir a pino:** ir às pressas, ligeiro.

«Iam a pino, quase sem tomar respiração» (pág. 24).

**Ir na alheta:** ir no comêço; ir de lado; ir de flanco.

«Mas enfim, o dono não era lá dos piores, e atirava como devia, honestamente, quando êles já iam na alheta» (pág. 23).

**Ir por ir:** ir sem motivo.

«Fôra por ir, como fazia sempre que a via transpor a porta» (pág. 16).

**Ir a cito:** ir direito ao objetivo.

«A guarda espalhou as bolas, e aquilo **foi a oito**» (pág. 23).

**Um louvar a Deus:** multidão.

«Começaram a dizer-lhe que por êle a cabo, nas manhãs frias e calmas, quando o sol vinha subindo, era **um louvor a Deus** de perdizes» (pág. 20).

**Pelos vistos:** pelo que parece.

«Era para ir buscar aquilo, **pelos vistos...**» (pág. 19).

**Sair ao lençol de cima:** sair bem, ter bom resultado.

«Lá no trazer à mão, **saira ao lençol de cima:** nem sequer o ôvo da educação quebrara» (pág. 24).

**Sem mais aquelas:** sem mais conversa.

«A seguir mandou-o embora **sem mais aquelas**» (pág. 18).

**Sem rei nem roque:** desorientado, sem classe.

«Mas ser um bom perdigueiro implicava mais alguma coisa do que ser um cadelo à toa, dêsses **sem rei nem roque**» (pág. 23).

**Ter os nervos da mãe:** ter o defeito da genitora.

«Mas o rapaz tinha os nervos da mãe» (pág. 25).

**Tirar de ventos:** ter pressa.

«Como **tirava de ventos,** foi andando» (pág. 21).

#### A EXPRESSÃO E OS ESTÍMULOS SENSORIAIS

O conto que estudamos, caracteriza-se por um sem número de elementos sensoriais. Os sentidos percebem tôda a realidade da vida e morte do cão chamado Nero. Torga faz-nos viver. Faz-nos sentir. Faz-nos perceber tudo nesta vida que contemplamos através do conto.

Há sobretudo imagens visuais que dominam todo o conto. Já dissemos parece que assistimos a uma película cinematográfica. Tudo é viver. Tudo fala aos sentidos, a todos os sentidos.

Exemplifiquemos com alguns casos as **imagens visuais:**

Logo de início o conto nos apresenta o animal agonizante: «Agora nem a cabeça sustinha em pé. Por isso encostou-a ao chão, devagar. E assim ficou, estendido e bambo, à espera». (pág. 13). O estilo torna-se realmente vivo, visualizado com êstes pormenores que assemelham movimentos da câmara fotográfica.

E outro ponto quer chamar a atenção para a fôrça do abandono...» Os seus ossos reluziam entre os tojos da Pedreira» (pág. 13).

Pormenores, particularidades dos fatos mínimos do dia passam sob a retina do leitor. «O doutor acabara de jantar. E no prato onde comera, jaziam apetitosos, os restos do frango pedrês que a patroa velha degolara de **manhãzinha**» (pág. 17).

Quanto confôrto traz às vêzes um olhar: «Por uma fresta das pestanas e olhou-lhe a cara. Chorava. Desceu novamente as pálpebras, feliz». (pág. 27).

As **sensações olfativas** têm um efeito extraordinário. São tôdas elas imagens fortes. «De repente um cheiro forte, penetrante, doce, inundou-lhe as ventas, o estômago, o corpo todo» (pág. 20).

Torga imprime, põe uma espécie de violência nessas imagens

olfativas que sabe conjugar com uma sensação tátil. «Mas as malvadas iam a pés adiante do seu focinho, deixando o **perfume quente** das penas e êle sumia-se no chão, nem sabia com que esperança» (pág. 20). «Estavam ainda praticamente a sair de casa quando um **chciro** a **perdigão** lhe entrou de faca pelo nariz» (pág. 21). As **Imagens auditivas** têm seu papel importante para o estilo de Miguel Torga. Tudo vai ao vivo. Vê-se perfeitamente todo o mecanismo da percepção auditiva: «O nome só foi no dia seguinte que o ouviu:

— Nero! Nero! Nerozinho...

«A princípio não percebeu. Mas foi reparando que com o som vinha broa, um caldo, um migalho de toucinho. Acabou por entender». (pág. 15).

Está-se realmente no campo dos reflexos condicionados...

Como a imagem auditiva ressalta os estremecimentos da primeira caçada!» De repente já nos montes do Pioledo, ouviu um barulho e logo a seguir um estrondo de estarrecer» (pág. 19). A sensação auditiva torna-se perturbadora quando se interpõe ao descanso matinal. «O galo acordava-o sempre ainda o sol sonhava, cantando-lhe mesmo ao pé, quase ao ouvido, uma lenga-lenga parva, estri-dente, sempre igual» (pág. 18 e 19).

Admira-se a riqueza imaginativa na citação seguinte, quase onomatopaica: «Lá dentro frigiam carne. Ouvia bem. Frigiam carne, frigiam... Rijões pela certa...» (pág. 26).

As **sensações gustativas** transmitem recordações da infância e de outros momentos felizes.

«De tal maneira que quase se esqueceu da teta doce onde até ali encontrava a bem-aventurança dos irmãos, sôfregos e birrentos» (pág. 15).

E mais: «Tinha cócegas na bôca!...» (pág. 20). Todo o mundo sensorial desperta para nos dar a idéia do mundo e das coisas da terra. As imagens tácteis têm sua força sobremodo nos contos de Torga, êsse homem terroso. As **sensações tácteis** são as primeiras sentidas e sempre recordadas. «A mãe lambia-lhe o pêlo, e, depois ia-o buscar a distância entre os **dentes macios**, mal se afastava do ninho (pág. 15). «Com dois meses apenas, fêz então aquela viagem longa, **angustiosa**, nos **braços duros** dum desconhecido» (pág. 15). Como caracteriza bem o prazer pela imagem táctil. «Gostava das manhãs na cama, **mornas**, a dormir». (pág. 18).

O contraste ressalta a sensação. «Só a rapariga o **aquecera** ao colo quando pequeno, e depois, pela vida além, o consentira ao lume, enroscado a seus pés, enquanto a neve caía branca e fria» (pág. 14).

A sensação táctil é depois do elemento visual o que mais domina neste conto. Veja-se a seguinte cena: «O certo é que o dono o chamou a si, apalpou-lhe a cabeça, avaliou-lhe a grossura do rabo, examinou-lhe as patas» (pág. 18). Outra antítese com que aviva a sensação profunda. «Fêz-se desentendido. E o sacripanta depois de ter insistido, de se cansar em carícias, larga-lhe uma vergastada ri-ja» (pág. 18). A imagem dolorosa invade-lhe o corpo todo: «Que

grande dor de cabeça! Um pêso enorme em cima dos olhos... E o corpo mole, sem ação...» (pág. 26). O corpo esmagado pelo mundo sensorial só espera a morte e no cenário da morte entram todos os sentidos. «E à noite, quando o luar dava em cheio na telha vã da casa, e os montes de S. Domingos, lá longe, lhe acenavam já, com saudade das suas patas seguras e delicadas, quando o cheiro da última perdiz se esvai dentro de si, quando o galo começou a anunciar a manhã que vinha perto, quando a imagem do filho se lhe varreu do juízo, fechou duma vez os olhos, e morreu». (pág. 27). Terminara para o cão o mundo das imagens.

### ATITUDES HUMANAS

Torga apresenta o cão como se fôsse um ente humano tantos são os personismos que enriquecem o conto. O cão reflete, recorda, julga como se fôra gente. E' todo um conto antropossêmico. Todo o início do conto é fruto de reflexões, reminiscências... Todo o conto são memórias, o cão, narrador...

Encontramos o animal agonizante e que examina o que lhe falta fazer, o que já viveu na vida. Aspirações de dignidade, fidelidade à tradição, à honestidade da terra... «Tinha-se despedido já de todos. Nada mais lhe restava sôbre a terra senão morrer calmo e igno, como outros haviam feito a seu lado» (pág. 13).

A personização do cão dá mais vida, mais profundidade ao conto; enriquece os fatos com os mananciais da psicologia humana aplicada aos irracionais. Insiste muito no valor de sua dignidade «humana». «Mas era um cão que respeitava a sua dignidade» (pág. 23).

«Mas era feio um navarro dar um apertão num frango. Saiba um homem respeitar-se» (pág. 26).

Detesta o mal, a injustiça, sabe ver as conveniências de certa obediência. Apesar de ressentido por semelhante injustiça, levantou-se». «Por fim acostumou-se ao fadário, e até gostava de despertar antes de romper o dia só para ter o prazer de saborear os lençóis» (pág. 19).

Costumes de família passam à vida do cão dando-lhe um encanto mais vivo, mais humano. «Pedi-lhe a bênção e contou» (pág. 25). Cumpre seus deveres religiosos, coisa tão pouco comum. «Até missa ouvia aos domingos, coisa que nenhum cão fazia» (pág. 16).

Recrimina-se das próprias culpas, da dureza de sua vida. «Nunca um gesto sequer de piedade. Disso pesava-lhe agora a consciência» (pág. 21).

Usa com fineza da ironia, arma principal de defesa nas mãos do escritor. O cão reflete na sua sorte, no entêrro e fustiga a desigualdade social: «Isso era só para gente e nem tôda» (pág. 13).

Suave ironia nota-se na reminiscência da primeira caçada em que o cão ainda desconhece o mal, o mal de caçar outros bichos, os pássaros. «O bicharoco estava realmente morto. Deitou-lhe os dentes. O que era a inocência» (pág. 20).

Dói-lhe a zombaria, dói-lhe o insucesso, o infortúnio próprio e o bem dos outros. «Ficou ali como morto, e ainda por maior desgraça a ver o perdigão a rir-se são e salvo» (pág. 22).

Há uma declaração de certa maneira de viver bastante em voga, em alguns meios sociais. Vida livre. O homem, dono de seus negócios. Senhor de seus passos. Sem alardes. Viver segundo a consciência. «Tratava de arranjar a sua vida (a sua vida particular) sem andar a dar nas vistas e sem grande acompanhamento atrás» (pág. 23). Viver mediocrementemente. Viver humanamente. «Lá santidade, não» (pág. 23). Nada de exageros. Nada de coisas fora do comum. Viver sem incomodar ninguém, sem ser incomodado...

### A EXPRESSÃO E OS ACENTOS DE INTENÇÃO

Torga usa de muitos elementos de intenção tais como da **hipérbole**, da **sinonímia**, das **metáforas**, mas sobretudo das **repetições**. Um conto, baseado no mecanismo das reminiscências deve necessariamente lançar mão da repetição. O autor usa do instrumento de modo perfeito.

Repetem-se tôdas as gamas das categorias gramaticais. Simples vocábulos, sintagmas inteiros, frases... Torga repete para dar intensidade ao estilo, para dar o cunho do real ao conto, cunho popular. A gente simples gosta de repetir as anedotas, de repetir certos pontos da história... Torga quer retratar a linguagem da terra, da gente humilde.

A intensidade sobressai com a repetição de objetos diretos. E' uma insistência, é a sobrecarga no colorido. E' a pincelada forte.

«Mas foi reparando que com o som vinha **broa**, um **caldo**, um **m'galho** de toucinho» (pág. 15).

A repetição de objetos tem outro aspecto quando aparece só sem o verbo, há tão somente o objetivo. «Mas à chegada teve logo o amigo acolhimento da patroa nova. **Festas** no lombo, **leite**, **sopas** de café» (pág. 15). Outra repetição de objetos encontramos-na na página 13: «A burra nem sequer aquela sorte tivera. Os seus ossos ainda agora reluziam entre os tojos da pedreira. **Chuva**, **geada**, **sincelo** em cima. «Êsse tom de intensidade reproduz-se de maneira bem diversa: «E' certo que também êle, Nero vira morrer o gato, um som número de frangos e galinhas, e cada ano seu porco, sem nenhum estremecimento» (pág. 25 e 26).

O verbo relativo aparece também com objetos indiretos repetidos como se vê no exemplo: «Porque, apesar de perdigueiro, quem tinha ladrado aos lóbos, à rapôsa, à doninha, quando na capoeira parecia a Semana Santa?! (pág. 26).

As circunstâncias que explicam a situação expressa pelo verbo se multiplicam, se repetem: «Assim, acabava de velhice, de cansaço, podre por dentro» (pág. 24).

Gosta de repetir os restritivos a fim de que o leitor pense e viva realmente todo o conteúdo imaginativo, sentimental da frase. «E foram duas semanas de ternuras, de cuidados, de comidinha da boa»

(pág. 22). «Coelhos, isso era lá com rafeiros, com jecos do fado e do mundo» (pág. 23).

Repetição de restritivo, do possessivo forma dois sintagmas paralelos: «E ficou senhor do nome, do seu nome, como da sua celeira» (pág. 16).

A repetição do restritivo, de verbos e seus objetos dá-nos uma intensidade bem maciça: «E enquanto a velha mondava o trigo, chasquiçava batatas ou enxofrava a vinha, aproveitava êle o tempo, na eira, de pagode com o camarada» (pág. 16). Em outra parte: «O certo é que o dono o chamou a si, apalpou-lhe a cabeça, avaliou-lhe a grossura do rabo, examinou-lhe as patas, e rematou...»

Há uma acentuada tendência de duplicar, triplicar os verbos no mesmo período guardando-lhes o mesmo objeto direto pronome **o** ou **a**: «Aquêlo cheiro arrastava-o, endoidecia-o» (pág. 25). «Cheio de paciência, e até com certa ternura, o doutor, então, chamou-o, acarinhou-o, incutiu-lhe confiança».

A próclise do pronome dá em certas ocasiões mais realce à frase: «Os outros apenas o tratavam o sustentavam, para que o menino tivesse cão quando chegasse» (pág. 14).

O verbo repetido sem complementos dá uma idéia mais vaga: «Quem quer que fôsse, podia chamar, assobiar à vontade» (pág. 22).

O duplo adjunto atributivo intensifica a qualidade, analisa melhor o estado, a maneira de ser ou de apresentar-se a coisa. «E êle ouviria a sua voz pacífica e grave» (pág. 14). O duplo qualificativo alarga a ressonância, perdura o efeito da idéia ou do sentimento. «E' bem de ver que nem por sombras sonhar um entêrro lindo, como tantos que vira, dentro de um caixão branco e amarelo, acompanhado pelo povo em pêso» (pág. 13).

Na imagem sensorial a adjetivação repetida dá ainda mais força ao elemento imaginativo: «De repetente um cheiro forte, penetrante, doce, inundou-lhe as ventas, o estômago, o corpo todo» (pág. 20). Nesse período a repetição dos adjetivos corresponde uma igual repetição de substantivos, objetos diretos.

Como dá importância a repetição do adjetivo numeral na frase: «Três vêzes, em três anos sucessivos o pusera a tiro ao doutor sem valer de nada» (pág. 22).

O duplo predicativo vem em muitos períodos como se pode ver em alguns exemplos: «E assim ficou, estendido e bambo, à espera. «Há entre os dois predicativos um efeito extraordinário de colorido o que tem o estendido de enorme, de vogais agudas, tem o bambo de lânguido, de vozes surdas, nasais. Vê-se ainda esta espécie de oposição de vozes nos exemplos seguintes: «Nada mais lhe restava sôbre a terra senão morrer calmo e digno, como outros tinham feito a seu lado» (pág. 13). «E não teve remédio senão segui-los a distância, calado, ressentido». «Nisso fôra sempre surdo e cego» (pág. 21).

Na mesma frase encontra-se um paralelo de construção com duplo predicativo: «E ficava-se depois a olhar a manhosa erguer-se



apressada, rumorosa e a cair daí a nada, morta ou esquadrihada de todo» (pág. 21).

Há casos em que o predicativo repetido refere-se a um objeto direto, dando-nos a oportunidade de um transpredicativo haja visto o que segue: «Ergueu-se, subiu os degraus da loja, e, humilde e desconfiado, apresentou-se» (pág. 17). «E que não havia nada melhor no mundo do que senti-los frios e firmes sob as patas, enquanto colado a êles, rastejante, a tremer de emoção (pág. 20).

Às vezes ajunta-se ao predicativo outro elemento de força, um advérbio de intensidade. Torga quer um estilo enérgico, forte, realista. «Fugira tão espavorido, tão desvairado, que fôra de encontro à cepa duma giesta» (pág. 19). Outro caso. «Andava pelo quinteiro, muito asno, muito parvo, como se mesmo a dois passos não estivesse a acontecer aquela grande desgraça» (pág. 25). Para concluir êste assunto da repetição de predicativos veja-se o período carregado de exuberante adjetivação: «Ele era um pobre lapuz, sem apelido, muito gordo, muito maluco, sempre agarrado à teta que ficava quase ao fundo da barriga».

Podem-se analisar algumas repetições de partículas ou mesmo de sintagmas diversos, dando aos períodos um colorido peculiar, torquiano. A repetição do «que» imprime no período seguinte um ritmo mais vivo: «E' claro que não sabia que iam ao encontro dêle» (pág. 16).

A repetição de «todo» com função adverbial guarda a harmonia da intensidade: «Todo muito bem vestido, todo lorde».

A repetição do adjunto determinativo «um» dá um relêvo especial aos períodos: «Porque o seu verdadeiro senhor era um filho da casa, um doutor, que morava muito longe» (pág. 14). A intensidade é maior na frase seguinte: «Agora finava-se um cão, um cão de caça, um legítimo navarro» (pág. 26). A própria extensão dos elementos que constituem o objeto parecem estão a indicar um «crescendo» intensivo. Há uma gama de tons. A repetição imediata ou um tanto afastada da mesma expressão parece querer reafirmar, tirar tôda dúvida, ser verdadeiro, de fato. E' um processo próprio de quem se sente mal seguro no que diz ou mal seguro em ser bem entendido. «Ele. Ele, Nero, que entregava a alma ao Criador, ali desdentado, com as urinas em sangue, cego dum olho...» (pág. 26). As quatro primeiras palavras designam o mesmo e importante bicho, Nero.

«Com êles vivera aquêles longos oito anos da sua vida. Com êles passara invernos, outonos e primaveras» (pág. 14 e 15). O sintagma repetido fala de paralelismo, de sentimento, que tende a crescer.

A gradação de afeto é expressa pela repetição e pela inclusão do possessivo na segunda vez: «Tanto pensara no filho, no seu filho, para o vir render ali!» (pág. 24).

A repetição de tôda uma pluralidade dá a entender a retomada de fôlego para um período mais forte: «E ficava-se depois a olhar a manhosa erguer-se apressada, rumorosa, e cair daí a nada morta ou esquadrihada de todo. Era de novo a sua vez. Daí a nada en-

tregava a pobre ao dono, tal como a tinha encontrado — viva ou morta» (pág. 21).

A repetição do sintagma no período subsequente dá a idéia de uma resposta à pergunta não feita mas existente. «Não que ela fôsse a menina dos seus olhos. Longe disso. A menina dos seus olhos era a outra, a filha, que lhe fazia carícias como a uma criança» (pág. 14).

O sintagma, objeto da repetição, aparece no meio do primeiro período e inicia o período seguinte dando-nos a idéia de uma deixa, palavra puxa palavra. «Depois disso é que os montes começaram a dizer-lhe coisas que nunca lhe tinham dito. Começaram a dizer-lhe que por êles a cabo, nas manhãs frias e calmas, quando o sol vinha subindo era um louvar a Deus de perdizes...» (pág. 20).

A intensidade da angústia é indicada com duas interrogações, a segunda enormemente extensa em comparação com a primeira: «E quem viria? Quem viria dormir anos a fio naquele ninho, a ouvir as longas conversas dos invernos, quando a chuva escorregava dos beirais e o vento norte soprava?» (pág. 24).

Proposições adverbiais temporais aumentam a dor e a paisagem que velam os últimos momentos...» E à noite quando o luar dava em cheio na telha vã da casa, e os montes de S. Domingos, lá longe, lhe acenavam já com a saudade das suas patas seguras e delicadas, quando o cheiro da última perdiz se esvaiu dentro de si, quando o galo cantou a anunciar a manhã que vinha perto, quando a imagem do seu filho se lhe varreu do juízo, fechou duma vez olhos e morreu» (pág. 26 e 27). Período extenso e de grande intensidade. Torga tem tudo à disposição para o jôgo dos efeitos fortes na sua narrativa e descrição.

A repetição de mesmos sons, uma espécie de rima na frase, conserva a imagem com mais fidelidade: «enquanto a neve caía branca e fria» (pág. 14). A imagem visual é intensificada pela repetição do elemento sonoro. «Com êles vivera aquêles longos oito anos da sua vida» (pág. 14). É o eco que auxilia à intensidade das côres do quadro. O autor sabe aproveitar-se de todos os elementos vocabulares, frásicos, fonêmicos; de tudo se vale para chegar ao tom vivo, forte, melódico e realista do painel, da obra literária que se dispõe a realizar.

A repetição é o grande recurso de intensidade adotado em êste conto de Torga. A arte de repetir não é fácil. Torga é mestre nas suas repetições. Não cansa. Agrada. Atrai. Entusiasma. Empolga.

## OS MATIZES DA AFETIVIDADE

### As reticências

Para mim as reticências dizem mais do que a palavra escrita procura revelar. As reticências deixam a imaginação divagar. Deixam a setimento formular seus caminhos sem limites. A palavra dita, por assim dizer obriga o leitor, o ouvinte a interpretá-la e de não ultrapassá-la.

Torga usa abundantes reticências. O assunto chama sensibilidade. É o relato de uma vida. Relato feito de recordações à hora da morte. Sentimento e realidade. Realidade e cismar...

A reticência pode indicar dúvida, incerteza: «Era para ir buscar aquilo, pelos vistos...» (pág. 19). A função do prazer, da alegria parece alargar-se, estender-se sem limite». Foi a primeira grande hora de sua vida...»

A reticência pode indicar no fim de um período alentado, um entusiasmo sempre crescente: «Começaram a dizer-lhe que por eles a cabo, nas manhãs frias e calmas, quando o sol vinha subindo, era um louvar a Deus de perdizes...» (pág. 20).

Desconfiança, insegurança, sentimento de medo pode vir sugerido pelas reticências como na frase: «Bem que desconfiara do outro caçador...» (pág. 21).

O orgulho, sentimento de satisfação plena e indefinível vem indicado pela simples reticência: «Deitou-lhe o canto do olho, e o pequeno parecia um homem: teso, esticado, o rabo como uma seta...» (pág. 24).

O despeito disfarçado, velado, profundo aparece nas reticências: «Agora, lia-lhes nos olhos a vontade de que partisse para dar lugar a outro...» (pág. 24).

Quanta mágoa, quanto tormento, que travo de amargura podem dizer as reticências após uma simples palavra: «Ingratidões...» (pág. 26).

No momento de delírio: Na onomatopéia de certas imagens significam as reticências muito e muito, pois, está-se realmente na linguagem do sentimento: «Frigiam carne, frigiam... Rijões pela certa...» (pág. 26).

Reticência pode exprimir a carga de sentimentos que esmaga, que reduz à impotência, que só resta agonizar e finar-se «que grande dor de cabeça... que peso medonho em cima dos olhos!... E o corpo mole, sem ação...

«Aí vinha a patroa nova observar o andamento daquilo...» (pág. 26).

Dor, esperança, ilusão tudo vem no mistério que as reticências encerram.

Colocou Torga nas reticências uma intensidade afetiva muito grande. Torga descreve a realidade. Vive o sentimento nas reticências da paisagem humana e da natureza...

### OS DIMINUTIVOS

Os diminutivos têm as funções mais diversas na gama sentimental. Podem revelar um mundo oculto e podem nada dizer de extraordinário.

Há um caso neste conto que estamos analisando em que o diminutivo não encerra carga afetiva. Refiro-me simplesmente a **cortelho**: «Ao chegar a casa, foi direito ao cortelho» (pág. 17). Encontra-se no mesmo caso do **livreto**, explicado por Rodrigues Lapa, à página,

116, Estilística da Língua Portuguesa (Livraria Popular, 2.<sup>a</sup> Ed., Lisboa).

O diminutivo em **ela** pode significar sentimento de desprêzo, ligeira malícia no período: «Quando viu aquêlê senhor beijar-lhe a dona, deu-lhe uma ladradela, só por dar». E' tudo discreto. E' o pudor que fala e a ironia que transparece.

O sufixo **ote** encerra desprêzo, bem como na frase: «Tivesse êle tido coragem, quando o parvo era franganote, e já então cheio de proa, de lhe dar um **apertão**, e não estaria o demo ali a fazer-lhe **macaquices**». No presente caso há uma riqueza de sufixos: **ote**, **ão**, **ice**. O primeiro indica diminutivo expressando desprêzo, o segundo é do aumentativo, quer dizer algo fora do comum e o terceiro indica ação e quase sempre em sentido pejorativo. Há contraste nestes elementos da linguagem afetiva.

O sufixo **ita** no período em que se encontra indica tão sòmente pequenez sem designar nenhuma afetividade: «Mas todo êle a preséncia ali atrás duma **carqueijita** ou duma úrgueira» (pág. 21).

O sufixo **inho** aglutinado ao advérbio **baixo** indica diminuição sem afetar o sentimento na proposição: «Bem lhe dizia baixinho» (pág. 24).

O tom de intensidade pode ser dado pelo diminutivo: **Rilhadinho** do vício, evidentemente» (pág. 22). Há uma fôrça afetiva que nasce da diminuição aparente, é o jôgo do menos pelo mais. Outro diminutivo com sentido de carinho e de intensidade de afeto: «E foram duas semanas de ternuras, de cuidados, de **comidinha** da boa (pág. 22).

O ponto alto da fôrça da ternura expressa no canto pelo diminutivo e pela repetição do nome está na maneira de chamar a animal: «Nero! Nero! Nerozinho!» Parece que não é suficiente o nome reptido, é necessário sublinhá-lo com o diminutivo.

### AUMENTATIVOS

Surpreende que o conto não tenha tantos aumentativos como se poderia esperar de um assunto que solicita têrmos de despeito, de revolta, pois o Nero morre abandonado e apesar de tudo resignado ao fatal destino...

O sufixo em **olo**, a meu ver, neste caso que considero a seguir, nada tem de afetividade, indicando simplesmente uma ave grande: «Em seguida mostrou-lhe no chão o **passarolo** morto» (pág. 19).

Aparecem como sufixos pejorativos: **aco**, **ão**, **ota**, como se pode ver nos exemplos abaixo: «O **velhaco** abria as asas e deixava o chumbo passar». Aqui há realmente raiva, paixão dentro do difemismo pronunciado na memória do cão e vivido no sentimento do mesmo.

Há menosprêzo, despeito: «Até um lebrão descarado se fôra aninhar entre êles, de caçoada!» (pág. 13).

No vocábulo **velhota** nota-se antes indiferença quase simpatia, do que desprêzo... «Góstava de figos, a **velhota**...» (pág. 14). E

em outra parte talvez se entre no pejorativo e num pouco de menosprêzo: E com a **velhota**, então, só mesmo se a via encaminhar-se para os lados da Barrosa».

O conto é vazado no mundo de afetividade mas sempre controlado pelos limites do real; talvez, seja por isso que não há tanto pejorativo, facilmente admissível na vida de um cão qualquer mas não «de um cão que respeitava sua dignidade...» Aqui vê-se o equilíbrio entre o real e o afetivo. Entre a paixão e a vida singela onde vive gente simples.

Gente que detesta todo o afastamento da linha normal. Torga reflete a linguagem, de um dia-após-outro...

## MORFOLOGIA E ESTILO

### O artigo diante dos possessivos

Torga mostra rara habilidade na colocação do artigo definido diante do possessivo. Sabe graduar a intensidade da frase por meio do uso ou da omissão do artigo. De fato a partícula tem função importante na estilização da frase. Veja-se a fôrça do artigo na sentença: Mas era um cão que respeitava a **sua** dignidade» (pág. 23). Parece que a dignidade se torna mais evidente, mais ressaltada. Em outro exemplo na repetição de artigos e possessivos nota-se melhor a ênfase. «E ficou senhor do nome, **do seu** nome, como **da sua** coleira» (pág. 16). O artigo distancia a alteração e empresta maior relêvo ao possessivo na frase: «Tem **o teu** patrão aí não tarda, Nero...» (pág. 15).

Há muitos casos neste conto em que o autor sabe usar o artigo diante do possessivo.

### Possessivo sem artigo

A omissão do artigo antes dos possessivos também chama-nos a atenção neste conto. Há duas frases em que se vê a mesma expressão: **a seu lado**. «Aninhava-se **a seu lado** e ficava-se e ficava quieto» (pág. 16). «Nada mais lhe restava sôbre a terra senão morrer calmo e digno, como outros haviam feito **a seu lado**» (pág. 13).

Vê-se outra forma bem gramatical que não importa em fôrça estilística. É a fala simples. O uso comum do possessivo sem artigo... o consentira ao lume, enroscado **a seus pés**, enquanto a neve caía branca e fria» (pág. 14).

Outro caso revela o cuidado em não determinar: Apesar de o desgraçado ser **seu** amigo...» (pág. 17 e 18).

Torga exige que cada palavra expresse a realidade do ambiente, de vida afetiva. Nada passa despercebido. Tudo é notado. Tudo focalizado. Tudo vivido. Revivido. O leitor tem tudo o que foi possível ao autor descrever ou contar.

## CASOS PARTICULARES

1 — A forma popular «do», é elemento de realce, como se vê na frase «E estava então com o nariz em cima do excomungado, quando o parvo do companheiro do patrão lhe manda um tiro à cabeça» (pág. 22).

Realmente possui um valor muito grande para a frase. Se fôsse escrito: «o parvo companheiro» a frase seria segundo os cânones gramaticais, perderia, porém, a intensidade estilística e não reproduziria a maneira tão rica do falar do povo.

Em outro período, na mesma página encontra-se caso idêntico, desta vez o antecedente é substantivo e o conseqüente é adjetivo: «E foram duas semanas de ternuras, de cuidados, de comidinha da boa» (pág. 22).

2 — outro caso de emprêgo de elemento da linguagem popular é o *si* sem valor reflexivo. «O certo é que o dono o chamou a si, é o *si* sem valor reflexivo. «O certo é o dono o chamou a *si*, apalpou-lhe a cabeça, avaliou-lhe a grossura do rabo, examinou-lhe as patas, e rematou: «(pág. 18). O «*si*» com a função de objeto indireto dá à frase um tom familiar como exige o momento da narrativa. Em outro tópico, conserva a mesma frescura de intimidade que encanta: «A alegria que tivera a primeira vez que o viu amarrado junto de si!» (pág. 24).

3 — Um fato interessante da linguagem popular é, sem dúvida, o uso do verbo *ser* como forma de realce, como elemento estilístico. Aparece só, dando à sentença grande fôrça estilística: «Gostava era da voz cristalina da dona nova, do feitio daimoso da patroa velha e da mão calejada do velhote» (pág. 15).

Este «era» é um inciso que traz o colorido popular à frase e lhe dá uma fôrça expressiva todo especial como ainda se lê: «Desse-lhe era o esqueleto do seu compadre calçado...» (pág. 18).

Aparece, outras vêzes, na forma idiomática «é que». «A mãe é que dava por Aida» (pág. 15). Veja-se o grau de intensidade oriundo desse simples elemento intercalado na frase. «Aquêle é que era na verdade na verdade o dono» (pág. 17). Há insistência. Uma espécie de ato de sublinhar a sentença. «Depois disso é que os montes começaram a dizer-lhe coisas que nunca lhe tinham dito» (pág. 20).

Em outros períodos aparece o verbo *ser* no perfeito e a partícula *que* separada dêle, mas emprestando sempre à frase mais fôrça, mais virtude estilística. «O nome só foi no dia seguinte que o ouviu» (pág. 15).

Na expressão ordinária sem o *foi que* dir-se-ia a mesma realidade não, porém, com a mesma pujança e colorido. Torga procura côres, vida, tudo na intensidade com que se deparam as frases nos lábios do povo que fala. «Naquela manhã foi o dono novo que o acordou» (pág. 19).

4 — O *até* no presente conto é grandemente usado com função variada. Ora funciona como advérbio, ora como conjunção temporal e mesmo advérbio de intensidade como se pode ver mais adiante.

Mais repetido é o uso do **até** como advérbio de intensidade. «Por fim acostumou-se ao fadário, **até** gostava de despertar antes de romper o dia só para ter o prazer de saborear os lençóis» (pág. 19). O «até» é tão intenso que parece ultrapasse certos limites: «Até missa ouvia aos domingos, coisa que nenhum cão fazia» (pág. 16).

O «até» com o sentido de também dá mais elegância à frase: «Até um ladrão descarado se fôra aninhar entre êles, de caçoada!» (pág. 13).

O **até** encontra-se funcionando como conjunção temporal quando acompanhado do **que**. Há muitos exemplos. Prefiro escolher um, apenas: «**Até que** num sábado de madrugada saíram ambos para os montes, cobertos nesse dia de sincelo» (pág. 18).

5 — Outra característica da fala popular, é a meu ver, a conjunção aditiva é iniciando períodos. A gente simples vai contando um fato como receia perder o fio da história, enlaça os períodos com coordenativas. Desta maneira a unidade está assegurada e os períodos vão iniciando com um **e** ou com um **mas...** «Fêz-se desentendido. **E** o sacripanta, depois de ter insistido, de se cansar em carícias, larga-lhe uma vergastada rija». Com tantos períodos gramaticais que se apresentam no conto tudo parece mais unido, mais intimamente tramado. Não posso furtar-me de apresentar outro exemplo. «E, com mais três ou quatro dias de experiência, o doutor deu-o a um caçarreta de Jurjais» (pág. 20).

6 — **A frase sem verbo** dá um ritmo diferente aos parágrafos. É um elemento mais vivo. Conclusivo. Em geral, em Torga, esta modalidade de período apresenta-se como continuação do assunto da oração anterior. A zeugma do verbo não prejudica em nada a clareza. «Mas à chegada teve logo o amigo acolhimento da patroa nova. **Festas no lombo, leite, sopas de café**» (pág. 15). Outros vêzes a exclamação que segue a frase sem verbo dá mais compreensão, mais amplitude: «**E** o que êle fôra na mocidade! **Agil, asado, até mesmo tolcirão.... Os enganos do mundo!**» (pág. 26).

Há a frase sentenciosa, pré-fabricada, que figura em tantas conversas... «**A verdade acima de tudo**» (pág. 26). Não há verbo, porém aparece tôda uma série de objetos diretos: «**Chuva, geada, sincelo em cima**». Vê-se novamente nestes exemplos o argumento popular. Quer-se dizer o que se pensa. Não importam verbos. É típica a seguinte: «Foi a seguir a uma cerimônia dessas que o verdadeiro patrão, o doutor, chegou. **Todo muito bem vestido, todo lorde**» (pág. 16).

7 — Palavra puxa palavra é bem verdade sobretudo no linguajar do povo. Nesse mecanismo quase inconsciente da fala aproveitam-se elementos silábicos homorgânicos, quando não os mesmos. Daí surge a **aliteração** abundante na linguagem da gente simples. Torga reproduz inúmeras dessas frases em que se repetem as mesmas consoantes a pouca distância uma da outra dando ao conjunto frásico musicalidade e beleza.

Considerem-se alguns casos em que se repetem as consoantes ou grupo consonantal: «De tal maneira que quase se esqueceu da

teta doce onde até ali encontrava a bem-aventurança, e dos irmãos sôfregos e birrentos». (pág. 15). Outra com sibilante: «Apesar de o desgraçado ser seu amigo...» (pág.17). Outro exemplo com gutural: «E' claro que não sabia que iam ao encontro dêle» (pág. 16). A repetição de tantas oclusivas dá à frase um som duro, áspero, contrastando com a sonoridade de outros períodos. E' a quebra da monotonia. Como se vê no período em que se encontram duas aliterações: «A burra nem sequer aquela sorte tivera» (pág. 13).

A repetição de grupos palatizados indica um esforço imenso: «Por uma fresta das pestanas olhou-lhe a cara» (pág. 27).

Há casos de três ou mais palavras aliteradas no mesmo período: «E' bem de ver que nem por sombras sonhar um entêrro lindo, como tantos que vira, dentro dum caixão branco e amarelo, acompanhado pelo povo em pêso» (pág. 13). Período martelado é o seguinte, também é uma advertência: «Tens o teu patrão aí, não tarda, Nero...» (pág. 15). Outras vêzes dá-se mesmo a repetição de sílabas: «Tratava de arranjar a sua vida (a sua vida particular) sem andar a dar nas vistas e sem grande acompanhamento atrás» (pág. 23). No seguinte exemplo encontra-se dupla aliteração e uma repetição de sílabas: «Fôra por ir como fazia sempre que a via transpor a porta» (pág. 16).

Há períodos inteiros de palavras aliteradas, dão-nos idéia clara da imitação de cenas da natureza ou de fatos vividos, cinematografados. «E o malandro do galo a galar uma galinha» (pág. 26).

Essoutro: «Dantes seria o bastante para lhe correr a baba pelas barbelas abaixo» (pág. 26). Várias duplas de aliterações se encontram no período: «Gostava era da voz cristalina da dona nova, do feitio daimoso da patroa velha e da mão calejada do velhote» (pág. 15).

### CONCLUSÃO

O conto, analisado nesse trabalho nos evidenciou a frase torquiana na linguagem viva da narrativa fácil e elegante que mantém o interêsse do leitor desde o princípio até o fim. Períodos breves. Pontuação variada. Os elementos expressivos sucedem aos elementos de intensidade estilística. Frases sonoras, frases duras intercalam-se na harmonia da unidade pela variedade.

Torga é o contista veemente, ardoroso, inquieto. Tudo lhe serve para retratar a vida humana de nossa época. A grande inquietação dêle é ser homem dos dias em que vivemos. Tem um único desejo: «Consolação simples e honrada de ter sido ao menos homem do meu tempo» (pág. 11).

Homem do tempo e por que não da eternidade?... Torga aspira a muito pouco. E' o que vimos em «Nero». Vida que passa, fenece, acaba. Acabar como «cão que respeita a sua dignidade» (pág. 23).

Conservar certa linha humana é o principal. Pouco sentido de uma vida que termina num «fechar d'olhos...»



Torga é fiel na reprodução do linguajar do povo. Fiel ao vocabulário. Fiel às frases feitas. Fiel ao sabor de tanta riqueza da fala popular. Mas... a tinta religiosa que aparece em algumas expressões é muito superficial para retratar o profundo sentimento religioso do povo luso.

A fidelidade à terra desviou-o da fidelidade ao homem integral, ao homem que crê verdadeiramente e não tão somente ao homem que vai à missa e que diz palavras religiosas sem lhes entender o sentido profundo que encerram.

A vocação de Torga é a vocação de compreensão profunda do povo. Compreende-o na verdade. O homem, porém, não é unicamente o fruto do solo. Tem também uma proveniência e um destino eternos. O homem nasce do Amor e endereça-se ao Amor.

A existência só é compreendida, só é vivida quando crê no Amor. A vida que Torga apresenta, é despida de sentido extra-terreno. É demasiado terrosa.

O estudo da existência deve aprofundar-se mais e mais para poder elevar-se aos cumes da esperança e na paz do Amor.

Torga é o mensageiro do sentido terroso de existência, o garimpeiro das riquezas imensas da fala popular, o contista que revive e faz reviver cada atitude de seus personagens, falta-lhe, porém, o enderêço da fonte dessas fortunas que êle tanto admira, o enderêço da casa do Pai.

||||-||||

# **CONEXÕES HUMANAS E BIO-GEOGRÁFICAS EM PROL DA FRONTEIRA OESTE**

Tese apresentada ao Primeiro Congresso dos Municípios da Fronteira Oeste.

**Prof. Amadeu Fagundes de Oliveira Freitas**

Consideramos tôdas as fronteiras de nossa Pátria, tão vivas e gloriosas, por mais modestas que sejam, «Hulturrings» — elos culturais, na expressão germânica

Muito nos alegraríamos se ao seu progresso pudéssemos dedicar os dias que nos restam de consagração aos livros e à terra.

Julgamos interessante preceder o esbôço de investigação e ação em favor da bio-geografia da Fronteira Oeste, de alguns elementos de Geografia Humana do Brasil e do Rio Grande do Sul, para sua integração regional no quadro geral do país.

Evitaremos as expressões e minúcias técnicas e terminológicas, que se não compadecem com um ensaio dêste feitio elementar e inicial.

Entanto, feito, sumariamente, o esbôço geo-humano do Brasil e do Rio Grande do Sul, que entregamos previamente à douta comissão diretora da Associação pró Valorização da Fronteira Oeste, parece-nos que podemos tratar especificamente do problema fundamental da Fronteira Oeste: o seu equilíbrio, a sua harmonia geo-humana, pela defesa bio-geográfica, em consequência ecológica.

## **O PROBLEMA GEO-HUMANO**

Diz Max Sorre, nos seus «Fundamentos Biológicos da Geografia Humana», que o acontecimento mais transcendental dos tempos modernos é a integração dos conhecimentos humanos pelo estabelecimento do orbe, como espaço de três dimensões: litosférico, barisférico e atmosférico, libertando-se o homem da gravidade pela aviação.

E o insigne Otto Willmann, afirmava numa conferência, impressa em Viena, em 1897: «A característica da Geografia Humana, recém-fundada por Carlos Ritter, consiste em não ser ciência exclusivamente natural nem histórica, mas ambas a um tempo, reunindo a consideração físico-natural com a ético-cultural do globo terrestre, em um ponto de vista integral, que ilumina, com luz própria, tôda a investigação parcial de seu conteúdo». E conclui, em sua obra sô-

bre «A Formação Humana»: «A tais tentativas científicas não pôde opor-se à reprimenda de extravio universalista, apesar da vastidão e heterogeneidade de seus cimentos...» E, pouco antes, mostrava como a própria Sociologia só alcança a intuição total dos fenômenos da Sociedade por associação de vastos territórios das ciências político-administrativas, da História da Cultura, da Antropologia, da Psicologia da Ética, inclusive da investigação natural...» Assim, pois, se harmonizarão, no tempo e no espaço, as idéias orgânicas da propriedade e da ação dos homens na paisagem do Rincão, da Região, da Pátria e dos Continentes. E repete ainda o insigne mestre: «...en el árbol genealógico de nuestra formación existen simultaneamente sus líneas diretivas: lo que se ha conservado en el pasado promete también ofrecer un sólido fundamento en el porvenir: lo que ha podido soportar el peso de la **Historia** tiene que estar fundado en la **naturaleza** y en el **destino** del hombre».

Que riqueza estupenda, à luz da moderna Geografia Humana, descobre-se nos concretos historiográficos e jurídicos, com que Rio Branco emoldurou, definitivamente, o imenso continente brasileiro!

Pela sua formação unitária, desde os tempos gondwânicos ou atlântidos, soube reunir os povos de língua geral, que os bandeirismos mamelucos e jesuíticos transformaram no alicerce humano eficiente da formação nacional, tornando-se uma nação de esplêndida organicidade atlântica — o mais estupendo traço de união de povos, civilizados, continentes ou hemisférios.

O conhecimento de sua imensidão se processará, porém, pelo estudo parcelado de suas regiões municipais, estaduais, ou oro-hidrográficas, visando a organização nacional.

Ao lado da instrução, da viação, da fortificação da consciência política, econômica e sanitária, impõe-se ordenação urgentíssima da pesquisa geo-humana, em seus fundamentos bio-geográficos, para imediatos efeitos de correção ecológica. Só assim se poderá alicerçar um planejamento industrial eficiente, fundado em condigno mercado interno.

Melhor do que Vidal de la Blanche, talvez Max Sorre conjugue o humanismo ao regionalismo, em Geografia Social, através da forçosa eclosão ecológica de sua finalidade suprema: «A côté des rapports de dépendance, nous évaluons les rapports de domination, notre aptitude à construire le paysage géographique. Cela c'est l'enseignement de la géographie régionale. Et c'est aussi la leçon de la géographie humaine générale, car celle-ci éclaire les relations de l'homme et du milieu: elle est avant toute chose une écologie». E faz suceder ao relativismo histórico do século XIX o realismo geográfico do século XX.

Vamos, pois, a êle, tratando do problema bio-geográfico fundamental de uma das mais caras e sensíveis regiões fronteiriças do país, o problema de seu equilíbrio hídrico, florístico, climático, **conditio sine qua** de sua harmonia ecológica, ameaçada pela estiagem repetida e agravada, desde a enchente grande regional de 1941, e

pela acentuada regressão de seus cursos d'água e lençóis freáticos, fenômeno geral no Estado e acentuado na Fronteira Oeste.

Se, conforme o próprio Max Sorre, os sul-americanos não encontraram ainda o seu «point d'équilibre», decerto, interno, a sua vida de relação internacional, é, no entanto, bem superior à tragédia do continente líder das minorias e dos dialetos, resíduo de migrações e remigrações milenares, em busca dos jardins da Europa à beira mar plantados.

Mas, se a civilização líder dos ianques é produto de um espírito de fronteira («esprit de la frontière) segundo a lição de J. Bowman e seus discípulos a civilização brasileira, mais pobre, porém, mais cristã não só é mais amplamente produto de um espírito de fronteira, pela dilatação do meridiano de Tordesilhas, mediante a livre iniciativa de populações heróicas e pioneiras, que impuseram, desde 1750, a Madrid, pelas fulgurações diplomáticas de Alexandre de Gusmão, o princípio filosófico, moral e jurídico, o princípio geo-humano do «uti possidetis», da posse suada e sangrada de suas penetrações árduas e pacientes, de suas conquistas geo-políticas naturais da livre determinação de populações invencíveis, que conjugaram inexcedivelmente a justiça à amplidão.

Um império de variedades fisiográficas e diferenciações climáticas, que não o impediram de se tornar imensa e complexa área contígua e unitária como nenhuma outra unidade tão vasta e ecológicamente aproveitável, uma rede celular demograficamente frágil e sem o ouro, que a metrópole carregou para as hábeis arcas saxônicas, já se revelou ao mundo geo-politicamente.

Urge, agora, sua proclamação sócio-política, sócio-geográfica pelo planejamento definitivo e eficiente da organização nacional. Seu embasamento há de sujeitar-se a diretrizes bio-geográficas, que protejam a Natureza variegada e delicada de suas regiões típicas, a fim de que não fecunde inútilmente o Trabalho, desperdiçando-se a seiva precisa do Capital.

Não convém, já disse, num esboço de rumos, a minúcia técnica. Entanto, os traços amplos, às vezes, iluminam como résteas de luz nas madrugadas das nossas amplidões tropicais.

### A GEOPOLÍTICA E A GEOCLIMÁTICA

A doutrina triunfal de Köppen, relacionando as pesquisas climáticas aos condicionamentos fitogeográficos, adquire uma estabilidade científica inderrocável, pelo estudo das conseqüências da economia precária e destrutiva do revestimento florestal.

A solução do problema da harmonia bio-geográfica da Fronteira Oeste, tenta-nos a um esboço bio-geográfico do Brasil.

As terras tropicais não são as melhores e, desniveladas ou não, tornam-se facilmente lateralizadas ou lixiviadas, conforme a observação dos técnicos dos Institutos Agrônômicos de Campinas, do Recife ou da Amazônia. Aliás, confirmam êles apenas o que vemos, no roteiro dramático dos cafêzais e de outras lavouras nossas ins-

táveis, oferecendo às escassas umidades atmosféricas o solo desnudo e laterizado pelas fugas coloidais, decorrentes da exaustão e da ação dos agentes exteriores — ventos e chuvas, geadas ou estiagens — sensivelmente indisciplinados às linhas climáticas normais.

Em 1935 já repetíamos Roquette Pinto, exclamando: «Os nossos oito e meio milhões de quilômetros quadrados jamais poderão receber, integralmente, os habitantes que se lhes quer dar. E' indispensável contar, naqueles quilômetros, a imensa superfície que cobre as planícies arenosas. Lembremo-nos do mar de areia de Antônio Pires Campos, do grande chapadão, que se estende do Mato Grosso ao interior dos Estados do Nordeste. E não será demais juntar algumas regiões das secas. O Brasil ecumênico, no sentido de Ratzel, seria cinco milhões de quilômetros quadrados, sendo a média geral de 7 habitantes por quilômetro quadrado, densidade real distante das de Espanha (40), Itália (140), Portugal (65), países de forte emigração.

Mas, desde os areiais e solos campestres e duros do Rio Grande do Sul, onde aflora a pedra-ferro basáltica e se mantém um pastoreio extensivo e heróico, até os 900.000 quilômetros quadrados do «silva horrida», que assombrou Martius no imenso quadrilátero das violentas estiagens nordestinas, através das campinas, campinaramas ou gerais planaltinos, indicativos de amplíssimas zonas edâficamente repulsivas aos mantos vegetais protetores, rebordos infindos de maciços das eras primevas limitam as florestas inundáveis de Amazônia ou os pantanais de Mato Grosso.

Nem Pindorama era tão «gentil» como supunha Pero Vaz de Caminha.

Fôra imperioso, porém, que «a dilatação da Fé e do Império» interrompesse para sempre a barreira com que os pastôres e cavallarianos de Mahomet desligaram tantos séculos o Oriente do Ocidente. Por isso, o Brasil devia se tornar uma basse naval e territorial ampla e firme à civilização cristã. E só o despeito poderia obnubilizar o espírito de Grignon no seu velho «Discorso» de 1539: «Quoi- qu'ils (Les Portugais) soient le plus petit peuple du monde, il ne leur semble pas assez grand pour satisfaire leur cupidité. Je pense qu'ils doivent avoir bu de la poussière du coeur du roi Alexandre, pour être agités d'une ambition si démesurée. Ils croient tenir dans leur poing fermé ce qu'ils ne pourraient embrasser des deux mains. Et je crois qu'ils sont persuadés que Dieu fit por eux seuls la mer e la terre et que les autres nations ne sont pas dignes de naviguer».

Hoje a recomposição pacífica e cristã do Império Português, ainda o 4º em extensão, é um exemplo para o Brasil e para o mundo! Seu «esprit de la frontière», na expressão de Sorre e a alma ampla das raças continentais, de que descendemos, exigem maior proteção bio-geográfica do solo, porque não se compadecem com o critério constringente do minifúndio, apenas suportando a pro-

priedade média como suprema virtude, em homenagem tão só ao «in medio virtus»...

Vejamos, pois, em rápida síntese os condicionamentos geo-climáticos do império brasileiro, para situarmos, dentro do planalto sulino, a proteção geo-biológica da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul.

Benditos sejam as «monções» e os «alísios», que conjugam as seivas atmosféricas do Oceano infindo às umidades florísticas das amplidões continentais!

São unânimes os pedólogos e climatologistas em afirmar que três são os fatores de nosso condicionamento atmosférico: as fontes aéreas do Mar, as barragens orográficas, que as disciplinam, e as formações fitogeográficas de facies florestal ou campestre, roupagens indispensáveis e providenciais de encostas ou planaltos tropicais.

Nossa imensa costa atlântica faz o consórcio das umidades trazidas pelos alísios de sudeste ou nordeste com as «monções» continentais, captando-as e regulando-lhes as precipitações enriquecidas, outrora, por imensas emanações florestais, pelo maior paredão granítico do orbe — a Serra do Mar, em comparação com as muralhas orográficas da fronteira setentrional da Guiana brasileira, temperando-se, magnificamente o Brasil Central, por média climática de 18° graças às brisas de seus restos florestais e altiplanos campestres, promissores da mais gigantesca das civilizações planaltinas graças às florestas amazônicas, aos palmeirais e aos pantanais.

A destruição do solo vegetal e da mata nas regiões costeiras das «dryades» de Martius, no planalto basáltico possuidor da mais bela conífera do mundo — essa relíquia da era mesolítica — o pinheiral, a «araucária *brasilensis*», receptáculos milenares, captando a seiva dos céus, iluminados pelo Cruzeiro do Sul, nas serranias das Gerais, tomou aspecto de flagelo, de suicídio social! Os brados de alarme do genial Alberto Tôrres e tantos outros não transformaram em letra viva os textos mortos de nosso Código Florestal.

Vasconcelos Sobrinho, apesar de seu fundo pessimista, quanto ao futuro remoto das civilizações tropicais, em virtude dos sinais de lenta desertificação das faixas equatoriais e evolução climática favorável de continentes polares como a Groenlândia, procura defender a civilização nordestina, julgando que o desequilíbrio das precipitações e cheias em Minas são sinal certo do flagelo da estiagem nordestina, indicando que os desmatamentos de São Paulo, de Rio, de Minas, de Bahia, empobrecem os alísios de sudeste das umidades florestais imprescindíveis às precipitações pluviais, que deveriam regular a paisagem bio-geográfica do polígono das sêcas, prejudicado também pela destruição das matas dos chapadões vizinhos de Borborema, preciosos auxiliares geo-biológicos.

Noutro passo, o mesmo Vasconcelos Sobrinho, do Instituto de Pesquisas de Pernambuco, em sua apreciável contribuição ecológica sobre o Nordeste, diz que a «zona da mata penetrava outrora para o interior» e que «a própria caatinga, apesar de constituir-se das espécies raquíticas, que lhe são típicas, possuía características

muito menos perigosas que as de hoje». E acrescenta, logo, gravíssima advertência, que ameaça até as continuidades majestáticas dos ruidos de Paulo Afonso — a mais ingente, a mais urgente, a mais viva esperança hidro-elétrica do Sertão! E diz: «E, se embora se formassem nas suas regiões mais sêcas, matas verdadeiras ou **campos naturais** (veja-se que os campos naturais são também elementos primordiais, do revestimento humoso de que vive a humanidade!), possivelmente a natureza não chegaria à degradação suprema do deserto. Seus pequenos rios continuariam a secar, durante o verão, mas o grande São Francisco não correria o risco de ter seu leito soterrado, perdendo a profundidade e, alargando-se em demasia ver suas águas sugadas, totalmente, pela secura do ar, sem conseguir levá-las até o oceano».

Que não diremos nós, pois, da Fronteira Oeste, relativamente às conseqüências da distribuição da floresta exponencial do Império Basáltico a que pertencemos?

Ingressemos nos meandros de nosso tema — defesa bio-geográfica da Fronteira Oeste, sem acenarmos a problemas, talvez discutíveis, como o do fenômeno da recessão climática do orbe, em favor dos pólos ou da influência cíclica e vintenal das manchas solares, acenada pela hipótese aceitável de Sampaio Ferraz.

A advertência de nosso sábio naturalista prof. Pe. Balduino Rambo, em sua altiloquente visão da «Fisionomia do Rio Grande do Sul, reveste-se das características de um aviso soleníssimo e duplamente autorizado e insuspeito, por se tratar de descendente de uma das etnias colonizadoras mais responsáveis pelas clareiras industriais do sul do país. Rambo percebe que o próprio futuro da colonização mais recente depende, enfim, da cessação da política agrária de feição primariamente dendrófoba.

### **A TRADIÇÃO GEO-HUMANA INSTINTIVA E CONSTRUTIVA**

Que precisamos mais para agir, com o nosso «esprit de frontière», que, no dizer de Werneck Sodré, fêz mais na conquista do Complexo Oeste Brasileiro, do que o ianque nas invasões do Far-West, com ouro britânico, clima favorável, e superioridade demográfica e técnica?

Necessitamos é tomar posse intelectual do Brasil, pelo estudo e compreensão inteligente dos seus problemas regionais, como está fazendo num exemplo paradigma a vossa associação. A posse do Brasil pelo seu conhecimento bio-geográfico, geo-humano, geo-político será para a nação o que os périplos e as penetrações continentais estão sendo para o mundo: a sua integração, o seu nivelamento econômico e cultural, para a harmonia do progresso orgânico.

E é por isso que a Geografia Humana é uma síntese de tôdas as ciências e o repertório fundamental das soluções sociológicas. Assim, a falta de levantamento sociográficos leva os nossos queridos sociólogos marginais e russófilos, conduze-os a uma errônea visão das coisas, que não estimam porque desconhecem ou porque

as circunstâncias não permitiram que cooparticipem ou usufruam delas, resultando tremendos erros de psicologia social e de observação ecológica, que se não podem, não se devem refletir nas tentativas de reforma agrária. Felizmente o Bispo de Jacarèzinho, no Paraná, e o sábio Dr. Daniel de Carvalho vão esclarecendo o assunto, com a amplitude intelectual digna das tradições episcopais e culturais do Brasil, tão bem representado, no instante, pela ação científica e administrativa de seu ilustre Ministro da Agricultura — o Dr. João Cléofas. Sendo indiscutível a imensa incorporação das valentes populações indígenas, em nosso infindo alicerce étnico do hinterland, predominantemente nas zonas estancieiras e curraleiras, a causalidade psíquica da formação fazendeira é a um tempo telúrica e étnica.

As contribuições fenícias, ibéricas, visigóticas ou suévicas ou mouriscas e mesmo as africanas, só reforçaram o senso geográfico e a imperiosa exigência de livre e **orgânica amplitude de movimento e de estância**, porque não sofreram as constrictões e vicissitudes do super-povoamento europeu.

Nossos peões, pelo sistema generalizado, direto ou indireto, da parceria agrária com os numerosos elementos ascendentes à capacidade e à propriedade e mesmo os que franciscanamente, desprezam os grilhões e sacrifícios da posse fundiária, são tanto mais livres e mais altivos e mais mobilizáveis e servisais, dentro dos imensos rincões de suas «querências», quanto mais independentes de quaisquer sujeições econômicas. Preferem horríveis tropeadas e rodeios bravios, em grandes extensões, onde trabalham até por divertimento e atração irremissível, à disciplina e à constância do eito chacareiro permanente, monótono, quase estático. Se essa psicologia que é nacional — porque tupi-guarani, ameríndia — se essa psicologia não é ideal ao progressismo «à outrance», é, entanto, real e já cinzelou por tal modo os caracteres de nossa formação agrária, cuja amplitude econômica e técnica dos transportes e das máquinas só vêm favorecer, que se poderia afirmar que a reforma agrária no Brasil só deveria consistir no amparo financeiro e técnico à nossa heróica iniciativa particular, para que, pelos mesmos métodos pastoris e agrícolas povoe-se todo o país, segundo conclusões do próprio João Alberto num relatório da Fundação do Brasil Central. Só precisaríamos, pois, delimitar, definitivamente, pelo menos, as áreas de agressão à Floresta, por fatais motivos bio-geográficos.

Por isso, já dissemos alhures: «Os estudiosos de assuntos brasileiros não fizeram a psicologia da solidão humana, em infindas amplitudes telúricas, onde tantas vêzes o que menos se buscou e o que menos se procura ainda são as vantagens econômicas imediatas, o dinheiro a qualquer preço, que tortura o egoísmo, o comodismo e ambição de tantos ocidentais e orientais.

Assim, aqui e além, conjugaram-se elites político-militares e econômicas a um operariado libérrimo, que nunca foi marginal, porque sempre incorporado à fazenda, segundo a autoridade de Normano



— célula fundamental do organismo brasílico — cooparticipando superiormente não só na batalha econômica como em tôdas as lutas cívicas, guerras e revoluções redentoras.

Quanto ao êxodo rural para as cidades, é proveniente, mesmo nas colônias de origem européia recente, mais da instabilidade agrícola do que do facies pastoril tradicional. Todos êsses problemas e aspectos só evoluirão construtivamente por uma longa e profunda revolução pedagógica, como já ressaltávamos em 1935, nas «Diretrizes Elementares para a Organização Nacional do Trabalho». Aí, pois, a raiz de sua evolução sem subversão estrutural dos fatores naturais.

### CONEXÕES CLIMÁTICAS E FITOGEOGRÁFICAS

Nossos quinze municípios associados, estando incorporados ao que chamamos Império Basáltico da Bacia do Paraná, dependemos climaticamente de suas majestosas formações orográficas, que configuram a parte sulina de nosso majestoso Império Granítico da Serra do Mar às serranias das Minas Gerais, ao Planalto Central e Sulino, cujas outrora imensas florestas eram a esponja fito-geográfica e climática do Meridião, como o é a Hiléia Amazônica — a esponja fito-geográfica e climática do Setentrião.

Pois bem, as ramificações austrais e setentrionais de nossa «esponja meridional», constituída pela mais imponente floresta homogênea do mundo, pelo menos em assunto de coníferas, estão sendo destruídas em vastíssima e inconsciente escala, agredindo-se até as Florestas Estatais, sagradas ou quase sagradas, no meio de outras civilizações previdentes. Só restam manchas verdes restritas no imenso revérbero das savanas desnudas e dos solos em extensa regressão agrária, notando-se até tristes cidades taperas, em pleno vale do Paraíba, mesmo entre São Paulo e Rio, como Silveiras e Bananal, centros cafeeiros de outrora, perdidos entre as encostas desmatadas para os cafêzais imigrantes, que vão arrazando, com aparências de vitória, com outras colonizações, que invadem do Sul, a parte cardinal do revestimento fito-geográfico da mais rica região do país, passível, entanto, da regressão pedológica tropical, que já sofre irremissivelmente, em muitos setores. Seus pontos altos, em matéria pluviométrica, referem-se ao binômio da influência local direta — maciços florestais e desníveis orográficos.

Os índices máximos da pluviometria no Brasil, segundo Setzer e Junqueira Schmidt, são a região Oeste do Território de Palmas — vedeta das depressões centrais sul-americanas e a parte mais singular do planalto basáltico do Sul-Brasileiro, a zona mais recortada e alta do litoral norte de São Paulo, e Clevelândia, no extremo norte, com a precipitação de 3.241,1 mm. atuais, quando as savanas do Rio Branco na mesma latitude, apresentam apenas 1.531,2 mm., pois a Savana e o Campo são sempre o primeiro e sensível grau de desertificação.

As nossas florestas do sul eram um depósito das chuvas de

inverno trazidas pelas massas de ar polar antárticas, disciplinadas pelos Andes, pelo Chaco, pela exigüidade continental, influenciada entrecruzadamente pelas umidades atlânticas, pacíficas, enriquecidas pelas evaporações estacionais das florestas outrora imensas do Trópico e, ainda virgens, apenas, na Bacia Amazônica.

Em Vasconcelos Sobrinho, no seu livro *Regiões Naturais de Pernambuco*, encontramos uma página preciosa sobre a fuga das nuvens, que confirma as advertências científicas de José Setzer sobre a correlação entre o desmatamento e o empobrecimento hídrico de São Paulo, nos seus estudos sobre solos e distribuição normal das chuvas.

Reinhard Maack, em seu magnífico trabalho «Notas Preliminares sobre clima, solos e vegetação do Estado do Paraná», esclarece totalmente, com minúcias técnicas, a função equilibradora do revestimento florestal sobre as terras e climas. As conexões físico-químicas dessa influência, através do tempo e do espaço, «paisagisticamente» evoluído a um estágio ecológico ótimo, como era o sul brasileiro, rôtas pela ação de uma economia destrutiva, inconsciente e imprevidente, resultam nos sistemas de empobrecimento pedológico, pela impossibilidade da retenção, circulação e evaporação normais da riqueza hídrica. Daí o surto imprevisível das estiagens, apenas interrompidas por inundações torrenciais, cuja rapidez e violência nada adiantam aos meses de canícula.

Aquêlê técnico equipara os fenômenos de transpiração cuticular e estomatar dos revestimentos florísticos de nossas regiões sulinas aos de latitudes aproximadas do hemisfério boreal, citando os trabalhos de Rawitscher e de Ferri. Uma árvore de cêrca de cem anos produz uma eliminação de mais ou menos nove mil litros de água na estação estival, porque um grama de fôlhas de faia transpira até cêrca de três gramas de água por dia, «o que, em quatrocentas árvores, em um hectare perfaz 3,6 milhões de litros de água transpirada, cobrindo a mesma extensão com a camada de 30 cm. de espessura», se o vapor de água condensado se precipitasse logo em chuva benfazeja. Para contentar certos meteorologistas, que desprezam o pêso decisivo da soma microclimática e se perdem nas complexidades siderais, poderíamos dizer que essas imensas contribuições higrométricas florestais seriam quiçá a gôta d'água monumental e imprescindível para o transbordamento redentor do cosmos...

Calculando-se superficialmente, em 100.000 km<sup>2</sup> o desmatamento paranaense e em mais 100.000 o catarinense e o rio-grandense, teríamos uma superfície arrasada de 200.000 km<sup>2</sup> ou sejam 20.000.000 de ha., que, multiplicados por 3,6 milhões de litros d'água, evaporação florestal por ha. e por dia, resultam 72 trilhões de litros ou 72 bilhões de m<sup>3</sup>, que, reduzidos em 40% de retenção fisiológica ou perda terrígena, somam ainda 43.200.000.000 de m<sup>3</sup> de água, que deveria ser normalmente evaporada para crescer-se diariamente a outras fontes atmosféricas, marítimas, andinas ou chaquenhas e precipitar-se nas próprias regiões silvícolas, mas especialmente nos

campos desnudos, que lhes foram outrora felizes destinatários, em grande parte das umidades trazidas, então, pelos 3 dias clássicos do vento norte estival, as lufadas do «São Martinho», que não mais salvam das repetidas estiagens ou das desordens das cheias fulminantes, porque não mais está dosado dessas preciosas gotas de água, que representavam 540.000 vêzes a descarga amazônica, distribuída diariamente e harmônicamente em nossas fantásticas regiões temperadas da América do Sul.

Nossa Fronteira Oeste, muitas vêzes, nestes últimos lustros, contemplando durante meses um céu escaldante, as sangas e banhados secos e os gados finos e crioulos, morrendo à míngua, como no polígono heróico, suspira pelas nuvens, que não mais lhe trazem os alísios do Norte ou do Nordeste, que se carregavam das umidades evaporadas dos depósitos hibernais imensos e misteriosos das florestas paranaenses, catarinenses e norte-rio-grandenses.

«Essas nuvens (diz autorizadamente o prof. do centro de pesquisas agronômicas de Pernambuco) é que poderiam dar origem àquelas chuvas esparsas do verão, mitigadoras dos calores e fornecedoras de umidade à vegetação, tal como acontece na mata e no litoral. Entretanto, não se precipitam... Por quê?

«Podem-se apontar muitas causas imediatas — o revérbero do solo descampado, os ventos secos e quentes. **É sôbre êles** que os maciços de matas locais atuariam se existissem, diminuindo o rigor das sêcas. A atmosfera, sôbre uma floresta, é, geralmente, 4 graus mais baixa do que sôbre o descampado. Ao pairar sôbre uma mata, a nuvem se enriquece mais de umidade e, sob a influência da temperatura mais baixa, condensa-se precipitando-se em chuva. A irradiação de calor do descampado, porém, aquece a nuvem, transformando-a de nuvem pesada de chuva em nuvem leve, que ganha as altas camadas e foge. Por isso, continua o testemunho científico do eminente professor pernambucano, por isso é tão comum vermos o vasto descampado do Sertão enxuto, enquanto sôbre uma serra próxima, coberta de vegetação densa, a nuvem paira condensando-se em chuvas benéficas...» **Do mesmo modo, acentua, grandes áreas de florestas podem influir sôbre as precipitações em regiões longínquas, principalmente quando a direção das correntes aéreas tangem a umidade dessas matas para tais regiões.** Não é outra a lição de José Setzer.

A opinião de Setzer sôbre essa encruzilhada geo-climática e geo-sócio-política, que é S. Paulo, não deixa a menor dúvida, proclamando — «Em poucas palavras, parece-nos que o clima do Brasil Central, de estiagem aguda e prolongada, abrangendo mais que metade do ano, e estação chuvosa intensa, esteja invadindo o Estado de S. Paulo e diríamos nós, tôda a bacia do Prata, inclusive o Rio Grande do Sul — «e que o convite para isto foi feito pelo próprio homem com o seu fogo e machado e com a sua ganância e pressa de arrancar do solo, no prazo mais curto possível, a maior soma de benefícios, sem se incomodar com o que disso resulta. Depois, lembra o caso das recuperações palestinianas, e diz, construtivamente:

«Estamos certos de que, sendo afinal amenas as temperaturas, visto que temos média superior a 1.300 mm. anuais para todo o território do Estado de S. Paulo, ao passo que a média geral do mundo mal atinge a metade disto (segundo Victor Conrad) ainda está em tempo de mudar a evolução apontada, mobilizando a técnica moderna de conservação do solo, seu uso racional, reflorestamento e preservação das matas». Este é o resultado de um estudo regional que abrangeu 400.000 km., concluindo o autor que «o mapeamento climático em geral, e o pluviométrico em particular, ganham em veracidade, quando feitos levando-se em consideração o relêvo, a fito-geografia e a natureza dos solos».

Tributários, beneficiários das umidades das florestas das bacias uruguaias, iguaçuenses e paranaenses, de que somos sentinelas avançadas, no campo raso das batalhas cívico-militares, façamos nosso o grito bandeirante — non ducor, duco — e não permitamos a continuação de uma colonização indiscriminada, inconveniente e destrutiva do equilíbrio bio-geográfico da parte mais produtiva do Brasil, interessando climaticamente a toda a região platina

### **RESPONSABILIDADE BIO-GEOGRÁFICA ECONÔMICA INTERNACIONAL**

Loureiro da Silva, Diretor de uma Carteira do Banco do Brasil, informou que as estiagens trouxeram, há alguns anos, à nossa região um prejuízo de mais de um bilhão de cruzeiros, pela mortandade e enfraquecimento pastoris.

O empobrecimento hídrico do Rio Grande do Sul, nos últimos decênios, é fato observado pelos próprios elementos da zona colonial, cujos grandes rios, como o das Antas, o Taquari e o Jacuí, para não falar nos pequenos, não permitem mais a navegação de outros tempos, além dos prejuízos da produção pelas contínuas estiagens, que flagelam todo o Estado, caracterizado outrora pelo rico fator flúvio-lacustre.

Os arrozais progressistas e necessários, que ora têm o seu ciclo complementar no litoral e nas Missões, não devem continuar a destruir as matas protetoras de nossos rios campestres, pois suas galerias vegetais são a cortina protetora da própria vida fluvial. É preciso legislar sobre o assunto.

O lençol freático, as águas subterrâneas têm baixado de nível, assustadoramente (mais de 1 m.), e não se recompõem com as poucas chuvas de inverno, quase há três longos e penosos lustros. Há 4 anos, secou completamente o rio mais paludoso de nossa região — o Butuí-Mirim, que não há memória de que algum dia tivesse secado. Rio profundo de aspectos lacustre, protegido por uma extensa região outrora só acessível aos corvos, mas que atualmente levanta poeira, com poucas semanas de estiagem.

Sangas, fontes e poços perenes desapareceram ou se tornaram apenas temporários ou cíclicos.

Contra essa situação gravíssima já nos temos manifestado por mais de uma vez.

Contra ela, aliás, se insurge o nosso Código, mas sua proteção é mais teórica do que efetiva.

Há dez anos, em publicação do Ministério do Exterior, calculava-se em cerca de 200 milhões os pinheiros adultos do Sul do Brasil, com cerca de 40 m. de altura e 2 de diâmetro, sendo mais de 130 milhões pertencentes ao Paraná, 60 milhões a Santa Catarina e 10 milhões somente ao Rio Grande do Sul.

Nestes últimos anos, mais de 3.000 serrarias os devastam impiedosamente. E os platinos erroneamente se supõem favorecidos pelo comércio de tábua brasileira, que já lhes custa graves estiagens, suprimindo uma porcentagem gigantesca de sua riqueza tritícola, há anos. As piráguas que descem o rio Uruguai são esquifes ecológicos...

Défontaines, que lecionou Geografia Humana em S. Paulo, não é tão exigente e idealista como o insigne autor do primeiro e insuperável comentário do nosso Código Florestal.

Em seu livro «L'Homme et la Forêt», assim se manifestara: «Os bosques mais preciosos do Brasil são quase inencontráveis, notadamente o pau brasil!...» Este último, como tantas outras espécies vegetais, e como as espécies animais, abandonadas ao instinto predatório de populações ignorantes, vão sendo impiedosamente arrasadas. Calcula o autor que a França com 90 milhões de hectares de florestas coloniais (8 vezes a superfície das metropolitanas) só lhes retira 250.000 metros cúbicos sobre mais de 2 milhões de m<sup>3</sup>, que importa do estrangeiro...

A lei argentina n.º 13.273, de 1948, conseguiu um fundo inicial de mais de 12 milhões de cruzeiros para o levantamento da carta florestal e instalação de serviços correspondentes.

### — ESBOÇO GEOCLIMÁTICO LOCAL — AS «CONSEQUÊNCIAS HORRÍVEIS»

Dada a conexão da antiga província florestal sulina, cada vez mais destruída, por uma política de ocupação destrutiva das mais graves consequências, os elementos colhidos na obra científica de Coussirat de Araújo, o saudoso fundador da meteorologia rio-grandense, em sua «Memória sobre o clima do Rio Grande do Sul», são verdadeiramente preciosas.

A delicadeza climática do Continente, comprimido entre os dois oceanos, com as barreiras orográficas dos Andes e da Serra do Mar, e a enorme depressão «chaquenho-matogrossense», tornam mais sutis e fundamentais, na complexa trama da circulação secundária do ar — as relações do grau higrométrico da preciosa atmosfera florestal com possibilidades de precipitação fluvial, decorrentes de um complicado paralelograma meteorológico, cujo equilíbrio se rompe em favor da chuva, nos meses mais necessários pelos ventos do

Norte, que o nosso meteorologista, Floriano Peixoto Machado, apelidou de «vento de São Martinho».

Ao tempo daquele trabalho pioneiro ainda constituía o paralelo 28.º a divisa Sul, o limite da província higrométrica florestal — «uma região de chuvas abundantes», no dizer de Coussirat, que descreve com precisão as correlações climáticas das grandes zonas, que nos interessam, na América Meridional. Se bem que sua pesquisa não seja bio-geográfica, os magníficos gráficos termo-pluviométricos apresentam-se com uma eloquência esplêndida para o embasamento e a confirmação da integral correspondência das relações bio-geográficas e climáticas.

Em suas «Notas preliminares sobre o clima, solos e vegetações do Estado do Paraná», Reinhard Maack declara que mais de 60% dos pinheirais e das preciosas matas de madeira de lei estão liquidados, naquele Estado, com dificílimas possibilidades de recomposição e «HORRÍVEIS CONSEQUÊNCIAS». Suas observações são ao mesmo tempo um brado de angústia e de alerta com a delapidação de um imenso patrimônio, que, sendo nacional, é, hoje, igualmente continental e universal.

Acrescenta o sábio alemão que, na zona do nordeste paranaense, os lençóis subterrâneos têm «baixado assustadoramente», havendo as fontes de Londrina diminuído de um milhão de litros diários, em anos anteriores, para 140.000 litros em 1950. Uma diminuição décupla, que teve o próprio autor de prover às pressas, para não sucumbir aquela nova urbe, centro de uma larga região de economia destrutiva da floresta, nova vítima telúrica da rota andeja e inconstante de nossa tradicional monocultura cafeeira.

As HORRÍVEIS CONSEQUÊNCIAS, já as sentimos igualmente nós da Fronteira Oeste em particular, em face da imensa destruição da massa florestal na extensa e rica região temperada dos Estados sulinos, a NOSSA ESPONJA AUSTRAL, entre os paralelos 22 e 30 desde o Sul de Minas e de S. Paulo até a metade Norte do Rio Grande do Sul.

O desnível pluviométrico paranaense, entre as zonas com os restos inacessíveis das escarpas revestidas de vegetação florestal da cadeira marítima e outros pontos onde a mata foi arrasada oscila até 3.500 mm. de diferença, quando a nossa precipitação do Vale do Uruguai e da Campanha oscila, em declínio de ano para ano em torno de apenas 1.000 mm., não bastando as chuvas hibernais para corrigir a baixa constante de nossos lençóis freáticos, conforme dados experimentais que tenho obtido pessoalmente.

É, pois, a desordem climatérica, em todo o sul, proveniente da subversão do equilíbrio florístico, da ausência de exploração racional da terra, do aproveitamento racional da mata, como se faz, por exemplo, em França, por uma legislação, que vem sendo aplicada desde o tempo de Luis XIV, poupando Argonnes, Ardennes e Champagne, e tantos outros maciços protetores do clima e do solo europeu e gaulês.

É natural o carinho com que os alemães e os europeus em geral

tratam a mata. Adenauer repousa na célebre Floresta Negra. A nova Cidade Universitária de Berlim vai ser construída no imponente e tradicional Grönewald, precioso e amplo talhão florestal revestindo planaltos suburbanos, entre as reprêsas balneárias do Wan e a Capital do Reich. Paris tem o «Bois de Boulogne», e Viena os seus Bosques maravilhosos, fontes de alta inspiração musical. E nós? Nós estamos praticando o deserto, em tôda parte do Brasil, em especial e intensamente no Sul, apenas com a microscópica exceção milagrosa da pequena e encantadora Floresta Carioca, enquanto no Continente da Civilização até os exércitos invasores respeitam a Floresta como um domínio eminente, e sagrado, de preservação biológica e climática da Humanidade.

Sem chuvas não teremos água, nas bacias hidrográficas para depósitos e canais. Sem água, não teremos vida e a vida só a teremos salvando o revestimento florístico restante nas bacias do Paraná, Iguazu e Uruguai; e reflorestando intensamente, com matas tradicionais para aplacar as vinganças de uma belíssima e sensibílissima natureza bio-geográfica, climato-botânica, edafológica, ecológica — mas ciosíssima de seus direitos majestáticos, calcados em arcanos científicos, a que apenas afloramos, mas que a investigação técnica vai dia a dia iluminando.

### **REPISANDO O RESPEITO AO «HOMO GEOGRAPHICUS»**

Nesta altura, não nos furtaríamos de novo a uma argüição. Como se processaria, neste país, de profunda e perigosíssima subversão bio-geográfica, exatamente nas zonas das suspiradas pequenas propriedades, uma Reforma Agrária, sem o menor critério ecológico, portanto, sem orientação social e nacional, porque com o desconhecimento quase inteiro de aspectos edáficos e sociológicos essenciais? Seria, a meu ver, uma temeridade se não se conformasse a moldes restritos e positivamente bem assentados, conforme as restrições constitucionais à propriedade que já dá ao Estado vasto poder de desapropriar por utilidade pública e social, sem atacar a liberdade de iniciativa e ação dos homens do campo, que jamais se conformarão com bitolamentos infantis anti-democráticos e ridículos num país como o Brasil.

Resolvamos o assunto, com a alma grande — «sub specie Brasiliae» e não «sub specie Germaniae» ou «Italiae», ou, subrepticiamente, «sub specie sovietica»! Os técnicos americanos da O.N.U., que agitam o assunto na América do Sul, não o fazem nos imensos planaltos e savanas criadores de boi e carneiros de seu país, os quais preservam ciosos de seu «cowboísmo».

E nós queremos fazer aqui, contra a natureza humana e edáfica, esforçando-se alguns por uma reforma agrária estreita, que nós «despersonalizaria» ou «sovietizaria», com argumentos especiosos, comparativos de regiões ecológicamente não comparáveis às zonas de agricultura florestal, contiguas às capitais portuárias sulinas e povoadas por elementos acossados pelos formigueiros hu-

manos europeus. Precisamos preservar as excelências brasílicas e psíquicas de nosso HOMO GEOGRAPHICUS. E o Brasil é e será sempre suficientemente grande para isso! Basta que o encaremos como um conjunto orgânico, fazendo-se Sociologia Rural, em profundidade e organicidade, conhecendo-se, por exemplo porque o agregado, que é um sócio, sem ônus fundiário, dificilmente desejará ser pequeno proprietário, neste extenso país, onde há ainda imensos campos a «bovinizar», até o ano de 2.050, pelo menos... Então, inteligência e senso não nos faltarão para revoluções agrárias neozelandesas e australianas, conjugadoras da educação e do crédito à circulação vital, às vias que esperamos há séculos!...

Um abalo generalizado da propriedade agrária com um intervencionismo restritivo à livre iniciativa, à livre empresa seria levar ao desânimo e à revolta as populações pioneiras da formação territorial do Brasil que só o de que precisam é de amparo e incentivo para completar a obra de ocupação orgânica e produtiva do espaço continental brasílico. Parece-nos, portanto, que agredir a propriedade pastoril, que é a mais estável, mais bio-geográfica, para liberdades e iniciativas fundamentais, tradicionais e orgânicas, que se não delimitam, nem perturbam nos imensos consórcios do comércio e de indústria, não é só uma desigualdade clamorosa e mesmo de certo inconstitucional, como profundamente inorgânica, e atentatória à mais sacrificada, à mais construtiva, à mais sociológica, à mais ecológica, à mais democrática, à mais permeável de nossas atividades rurais. A pastorícia sempre se multiplicou em nossos infintos currais ou estâncias pela parceria, por um socialismo cristão, mais perfeito do que quaisquer regimes evolutivos da propriedade saxônica, até na benevolência sem igual dos senhores abolicionistas, segundo o testemunho de Gilberto Freyre, de uma comissão de inquérito do parlamento britânico, de autores e sábios de tôdas as maiores civilizações estrangeiras.

Nisso concordam os nossos sociólogos sem discrepância alguma. Portanto, ante ilimitados horizontes campestres a povoar no Araguaia, no Tocantins, no Rio das Mortes, no Trombetas, no Cumina, próprios a quaisquer sobras demográficas bem orientadas, o de que precisamos é proporcionar à propriedade agrária elementos humanos — padrões e peões — tènicamente capazes de infundir-lhes estabilidade, continuidade, raízes ecológicas, defesa biológica, não importando que os adubos químicos, o automóvel, o avião e os tratôres, as tornem de quaisquer tamanhos, desde que ecológicamente orgânicas e produtivas, libertando-as dos horrores do minifúndio florestal destrutivo e desertificador, espécie de câncer telúrico, aparentando vitalidade regional precária.

#### — DIRETRIZES SALVADORAS —

Em face das dificuldades técnicas de reflorestamento no sul do país, em terras exaustas e da falta de recursos, de organização e providências para um rigoroso cumprimento do Código Florestal,



até hoje letra morta no país, urge que se proponham medidas de ordem prática em prol da defesa bio-geográfica da Fronteira Oeste, e da proteção florística da Bacia do Paraná, a que pertence e de que depende geo-biológicamente.

Essas providências seriam:

1.º) Propor ao Congresso o restabelecimento, na lei de Bases e Diretrizes do Ensino, da cadeira de Sociologia Geral e Aplicada Brasileira, assim como a criação da cadeira de Direito Florestal Brasileiro, nas Faculdades de Direito e de Economia.

2.) Entrar em entendimento com as comissões técnicas do Congresso e a comissão de inquérito respectiva, para:

a/ adotar medidas que dêem vida ao Código Florestal;

b planejamento com o Instituto de Colonização e Imigração de um rápido levantamento bio-geográfico, para atalhar as vicissitudes climáticas, que assolam o sul do país, e cujas causas já estão delineadas pelos técnicos como de fundo caracteristicamente subversivo do equilíbrio ecológico.

3.º) Manter contato com as Universidades do Rio Grande do Sul e seus Institutos Agronômicos e Secretarias Técnicas, para a convergência de vistas ao plano bio-geográfico do Estado, a ser conectado com as atividades da Conferência dos Governadores, e governos dos Estados interessados, com o fito de se elaborar um projeto de lei:

a/ protegendo as florestas restantes dos Estados sulinos, tanto públicas como particulares;

b/ desviando a colonização para os planaltos campestres de fraco rendimento pastoril e possibilidades agrárias, especialmente no Estado do Paraná, Mato Grosso e Goiás, com um critério que não prejudique a evolução da fundamental civilização curreleira, que propiciou a mineração e a ocupação definitiva do território nacional, desde os campos do Alto Rio Branco, Macapá e Marajó até as vacarias nordestinas, do Planalto Central e dos Pantanais Matogrossenses aos planaltos paranaenses e rio-grandenses, generalizando no sul a política dos parques florestais, planaltinos, fluviais, lacustres e palustres — para abrigo das espécies zoológicas e turismo remunerador.

Estas as nossas modestas diretrizes iniciais.

Em trabalhos anteriores, aliás, já havíamos proposto às nossas Universidades e instituições três medidas urgentes de ordem cultural e econômica:

1 — Metodologia dos dados sociológicos do conhecimento da enorme e complexa realidade rio-grandense e brasileira, para a proteção e correção diretiva das organizações causalística e finalisticamente viáveis e eficientes à construção nacional;

2 — O enriquecimento da obra imortal e exemplar do Barão do Rio Branco, que chancelou uma expansão humana e natural, através de tratados, que fizeram definitivo consórcio histórico-geográfico. Tal complementação seria apropriada amplamente pelos atuais dados de Geografia Social;

3 — Levantamento bio-sócio-geográfico das nossas regiões características, visando o seu progresso harmônico e integração na vida nacional e internacional.

Proclamemos, estimemos e aperfeiçoemos agroteològicamente a dádiva celeste da nossa natureza agrária, e, como bons descendentes de raças amantes da amplidão telúrica, proclamemos com o mestre de Toulouse, contra o chinesismo dos estadistas de undécima hora, que sonharam com a «desbovinização» do Rio Grande e do Brasil: «La prairie est un champ souvent le plus précieux de tous...»

||||-||||

## A TEORIA ECONOMICA ALEMÃ APÓS A II GUERRA MUNDIAL

Wamireh Chacon, jovem filósofo e sociólogo brasileiro, formado pela Faculdade de Direito de Recife e pela Faculdade de Filosofia da Universidade Católica da mesma cidade. Fêz um estágio na Universidade de Munique e outro na de Colônia.

Publicou dois livros: *Reflexões sôbre humanismo Marxista e o antisemitismo no Brasil*.

A Teoria Econômica alemã do atual após-guerra apresenta, mais de um aspecto importante e digno de observação, o que, aliás, não constitui de certo modo surpresa pois a ciência econômica muito deve aos alemães, conforme prova a grande lista de ilustres economistas germânicos como os historicistas, psicologistas etc.

Além disso frise-se a peculiar situação da Alemanha no mundo de hoje, campo magnífico para o estudo das várias correntes em choque que ali se disputam com suas respectivas tendências e influências.

Entendemos por Alemanha, neste trabalho, o espaço cultural onde se impõem o pensamento e a língua alemã com hegemonia e unidade, abrangendo a Áustria e a Suíça alemã. Daí a citação de autores provindos destas regiões. A nossa atitude não implica, de forma alguma, no favorecimento do pangermanismo, refletindo apenas uma realidade de cultura que as fronteiras políticas não conseguem quebrar. De qualquer modo, porém, daremos preferência, na análise a seguir, aos economistas da Alemanha prôpriamente dita. Os demais serão mencionados de passagem e em função da possível conexão que possam ter com aquêles, sem outra intenção a não ser a de melhor unidade do trabalho.

### SENTIDO DA EXPRESSÃO «TEORIA ECONÔMICA»

Ao enunciarmos a expressão «Teoria econômica» poder-se-ia talvez indagar porque não adotamos a outra mais conhecida: «Economia Política»? Sucede porém que o referido termo vem sendo superado, pelo menos por enquanto, nas predileções dos estudiosos germânicos em proveito do anterior, apesar de possíveis exceções que o continuem adotando.

«Economia Política» pode ser traduzida por «Volkswirtschaftslehre», «Nationaloekonomie» e mesmo «Politische Oekonomie», conforme as preferências. As mencionadas palavras têm quase sentido idêntico mas não encerram um conteúdo amplo que inclua, por exemplo, a Betriebswirtschaftslehre», ramo cultivado com particular

carinho na Alemanha segundo mostraremos adiante. Esta é uma de suas imprecisões, além de outras, tais como a exclusão da Política Econômica, particularmente importante nos últimos tempos, etc.

Por isto, e mais outras razões, o termo «Teoria econômica» é mais exato, mais amplo e mais uno, inclusive porque abrange tanto a «Wirtschaft» (Economia propriamente dita) quanto a «Wirtschaftlichkeit» («economicidade», capacidade de utilização adequada dos recursos econômicos, por assim dizer em português). Distinguem-se estas idéias pelo fato de «economicidade» referir-se mais à atividade econômica em si, enquanto «economia» diz respeito de preferência ao processo econômico enquanto objeto de observação científica. Tais distinções podem parecer supérfluas e até imperinentes ao desconhecedor do idioma alemão mas dão muita dor de cabeça ao pobre leitor desacostumado às sutilezas germânicas e que se inicia no assunto...

**Erich Schneider** é dos que defende com ardor a unidade dos estudos econômicos sob a égide da teoria econômica, unidade a ser prolongada na Política econômica cotidiana. O processo econômico funcionando como um todo, só deve, portanto, ser estudado como um todo, admitindo-se isolamentos apenas por uma questão de facilidade metodológica. Sua unidade intrínseca subsiste e impõe uma observação científica de conjunto para ter-se a imagem autêntica do fenômeno. (1)

Esta maneira de ver os fatos contém sérias implicações.

### **A DISTINÇÃO ENTRE «VOLKSWIRTSCHAFTSLEHRE» E «BETRIEBSWIRTSCHAFTSLEHRE»**

Nos estudos econômicos alemães existe uma clássica distinção entre «Volkswirtschaftslehre» e «Betriebswirtschaftslehre».

O primeiro conceito equivale ao nosso «Economia Política» e é suficientemente conhecido (ciência que trata da procura, descoberta ou fabricação, e circulação dos bens destinados à satisfação de nossas necessidades). O segundo porém, poucos o conhecem fora dos países de idioma alemão. Segundo **Karl Roessle** «Betriebswirtschaftslehre» é a ciência da constituição, da vida e das relações da empresa. Enfim, a empresa em si, considerada como objeto de estudo. (2)

Por outro lado frise-se que a palavra «empresa» tem vários sentidos no idioma de Goethe. «Betrieb» refere-se à empresa em sentido amplo da unidade de produção, «Unternehmung» diz respeito mais à direção da empresa e «Vertrieb» ao que em inglês se chama «Sales», parte mais comercial e de escrituração. Por conseguinte quando se estuda a «Betriebswirtschaftslehre» os três termos já estão incluídos.

Para **Schneider** e outros, a importância da «Betriebswirt» na teoria econômica é particularmente sublinhada. As fronteiras entre aquela e a Economia Política são pouco acentuadas. Procura-

se mesmo superar as distinções em prol da síntese numa unidade maior que integre também as Finanças, a Política Econômica, etc.

Tendência oposta encarna **Adolf Weber**. O velho mestre de Munique, símbolo das correntes mais tradicionais, afirma a diferença fundamental entre ambas como fator metodológico tão importante que as impede de ter um contato mais íntimo, embora não cheguem a ficar separadas por um abismo. Para êle, «A «Betriebswirt» e a «Volkswirt» têm objeto de conhecimento completamente diferente. Numa trata-se de uma unidade econômica orientada por uma determinada vontade, noutra de um aglomerado que não pode vir a ser ordenado permanentemente através de uma vontade central». A «Betriebswirt» estuda a capacidade aquisitiva como um fato dado, a «Volkswirt» prefere analisar sua formação e meios de segurança, para a primeira tem mais importância a observação dos preços isolados, para a segunda os níveis de preço e valor da moeda. A rentabilidade ou lucratividade técnica constitui o objeto do estudo da «Betriebswirt» e a produtividade econômica, isto é, o levantamento do produto social e, portanto, o melhoramento da satisfação das necessidades econômicas, a meta das análises da «Volkswirt». Enfim, esta encerra um «definitivum» em suas considerações e aquela um «provisorium». Entretanto «A maior diferença entre ambas consiste que para a «Betriebswirt» o dinheiro é o ponto central («nervum rerum»). Para a «Volkswirt» êle representa apenas um servidor no mercado ou — um «Stoerenfried». (3) Em poucas palavras, **Weber** crê que tais distinções dão fisionomia inconfundível a cada uma das ciências em consideração.

**Schneider** defende opinião diametralmente oposta. Para êle até o estudo da escrituração comercial («Rechnungswesen» e «Buchführung») são de importância fora do comum («aeusserst bedeutsam») para uma compreensão mais perfeita dos fluxos econômicos («Verlaufsanalyse»), na qual a Escola de Estocolmo tanto se vem destacando. Êle chega mesmo a achar que «Através do deslocamento do ponto crucial de pesquisa na análise dos fluxos, duas mais distantes regiões virão por conseguinte a ser coordenadas e ligadas numa unidade, as quais têm trabalhado separadas através de longo tempo. Esta síntese entre «Betriebswirtschaftslehre» e «Volkswirtschaftslehre» é uma nota característica mais vasta da Teoria econômica de nossa época.» (4)

Nesta síntese não apenas lucraria a Economia Política como também a «Betriebswirt», que pode igualmente utilizar-se daquela para tornar mais frutuosos seus estudos. (5)

Desde que o circuito econômico («Wirtschaftsablauf») transpõe o setor meramente particular, alongando-se no público, surge a necessidade da inclusão do estudo das Finanças nesta síntese.

Enfim, o conceito de teoria econômica em **Schneider** abrange os diversos ramos da ciência econômica numa unidade mais ampla, embora a atenção seja acentuada na «Volkswirt» e «Betriebswirt».

Todavia não parecerá supérflua a distinção entre ambas, desde que uma pode ser identificada com a «Macro» e outra com a «Micro-

economia», respectivamente, segundo pretendia o holandês **Zimmermann?** (6)

Não. A chamada «micro-economia» abrange as empresas isoladas enquanto elo («Glieder») do conjunto da Economia, tendo sempre em vista a parte em função do todo, diríamos nós, enquanto a «Betriebswirtschaftslehre» dedica-se às unidades isoladas enquanto organismos subsistentes por si mesmos, à parte enquanto parte, com referência ao todo apenas dentro do arcabouço maior da Teoria econômica. Esta a opinião de **Erich Preiser** (7), por nós simplificada no sentido exclusivamente de esclarecer a terminologia, nas dificuldades características ao idioma alemão. Segundo, porém, o referido autor, existe outro aspecto considerado por ele como principal na «Betriebswirt». A saber: sua principal missão não consiste em meros conhecimentos puros mas no influenciamento do comércio prático. (8)

Em breves palavras: dentro das coordenadas germânicas, onde a «Betriebswirtschaftslehre» desenvolveu-se com fisionomia típica, ela consiste numa pragmática onde o colecionamento e sistematização de conceitos encontram-se ordenados para a imediata administração da empresa. Este sentido prático dá um profundo senso de realidade à Teoria econômica alemã quando, principalmente, em síntese com a mencionada «Betriebswirt».

**August Loesch**, autor de um trabalho clássico sobre localização industrial (9), definiu com precisão a missão objetiva do economista: «A ocupação própria do economista não é esclarecer a realidade e sim melhorá-la. A questão da melhor localização é mais importante que a determinação da real». (10) Ainda na mesma orientação exclama **Preiser**: «Para as ciências sociais vale sempre portanto — socialmente — a palavra de Comte: «Science, d'où prévoyance d'où action». Inclusive professores como **Alfredo Kruse**, ligado ao grupo clássico de **Weber**, afirmam que a ciência econômica não é simplesmente ontológica, porém, complexamente teleológica, negando um «fim econômico puro» a este ramo do conhecimento. (11)

Embora **Weber**, de sua parte, ache que a Política econômica constitua parte inseparável do conjunto da Política e que a Economia, em si, não apresente nenhum fim político nem pode formular receita política, isto não resulta que ela seja uma ciência apolítica («unpolitische Wissenschaft»), pois ambas «Querem e devem atuar na realidade tão perto quanto possível». Contudo o papel da segunda consiste em esclarecer e auxiliar a primeira... (12)

### RENOVAÇÃO DA TEORIA ECONÔMICA ALEMÃ

As Universidades germânicas têm sofrido esplêndida renovação. Velhos mestres como **Adolf Weber** e **Oswald von Zwiédineck-Suedenhorst**, em Munique, ainda merecem respeito e admiração mas, ao lado deles, desperta uma nova geração digna das melhores tradições do passado, embora ainda numa fase de busca e até de inde-

cisão, sem a segurança que seria de desejar e que parece prometer. A coesão poderá vir com o tempo e a geração presente experimenta as dificuldades próprias de uma época de transição onde não existe escola ou grupo organizado, sob a égide intelectual de um chefe.

**Erich Schneider** (o mais conhecido) em Kiel, **Erich Preiser** em Heidelberg e, ultimamente, também em Munique, **Andreas Paulsen** em Berlim, **Hans Peter** em Tuebingen, e, em ponto menor, **Friedrich Luetge** e **Wilhelm Meinhold** em Munique, são os principais representantes da nova geração, apesar dêste último dedicar-se de preferência à Política agrária, embora tenha publicado «Grundzuege der allgemeinen Volkswirtschaftslehre».

**Walter Eucken**, em Friburgo, já falecido, encarna o elo entre a tradição dos economistas do passado e as novas influências modernas, com suas doutrinas acêrca da ordem econômica («Wirtschaftsordnung»). **Ernst Wagemann**, também já morto, destaca-se mais como o organizador dos estudos de conjuntura na Alemanha, tendo fundado o «Institut fuer Konjunkturforschung» em Berlim. **Guenther Schmolders**, ainda vivo em Colônia, é um financista de ampla visão teórica que considera «o problema central da economia» «o contacto mais estreito» entre Psicologia, Sociologia e Socialpsicologia ampliando-se num «trabalho em comum e em coordenação de tôdas as ciências humanas» para melhor explicar os fenômenos econômicos. (13)

Entretanto **Heinrich Freiherr von Stackelberg** representa o grande iniciador da nova tendência, defendendo pontos que os outros mais tarde também seguiriam. Assim, por exemplo, a síntese da Escola de Estocolmo (em particular das idéias de **Wicksell**), dos clássicos **Marshall** e **Hicks**, da Escola de Lausanne e da Escola austriaca. Morto com a idade de 41 anos em Madrid em 1946, com **Stackelberg** desapareceu uma das figuras mais destacadas do pensamento econômico alemão, conforme frisava **Valentin Wagner**, professor da Universidade de Basileia na Suíça.

Ainda na orientação clássica de **Adolf Weber**, dentro das coordenadas traçadas por **Adam Smith** e **Ricardo**, aparecem **Alfred Kruse** em Berlim e **Friedrich Lutz** em Zurique, com várias obras, inclusive uma «Geschichte der volkswirtschaftlichen Theorien» de autoria do primeiro, apesar de nenhum dos dois apresentar a importância de um **Schneider**, **Preiser**, **Peter** ou **Paulsen**.

Frise-se de passagem que nem sempre são cordiais as relações entre a nova geração e velhos mestres como **Weber**... Em conferência pronunciada na Universidade Técnica de Berlim a 17 de novembro de 1955, sob o título «Stand und Aufgaben der Volkswirtschaftslehre in der Gegenwart», **Adolf Weber** afirma suas discordâncias do novo grupo que se intitula, ou o intitulam, de «Nova Economia Política» («Neue Volkswirtschaftslehre»). Além da disputa entre «Betriebswirt» e «Volkswirt» exposta no início dêste trabalho, o conferencista distancia-se em vários outros aspectos das atuais tendências modernas. Assim os méritos de **Keynes** não lhe

parecem tão grandes, chegando a parecer-lhe que **Carl Föhl** tem precedência na elaboração das teorias do «pleno emprêgo» e do conservatismo dinâmico («dynamic conservatism») que impregna o sistema do inglês. O próprio conservatismo mencionado não passaria da Economia clássica aplicada ao presente. A importância dos clássicos seria a tal ponto grande que a própria Teoria do desenvolvimento econômico muito deveria a **Adam Smith** e **Ricardo** em particular. (14) Isto para não falarmos agora no atrito entre **Weber** e os novos por causa do uso freqüente e generalizado da Matemática nos estudos econômicos, de que o velho mestre discorda por julgar exagerado.

O interessante é que **von Zwiedineck-Suedenhorst**, apesar dos seus oitenta e cinco anos, não se considera da velha geração e nem os mais jovens nela o incluem, chegando alguns, como **Erich Schneider**, a citá-lo com freqüência e simpatia em seus livros...

Explica-se o fato pela vinculação de **Suedenhorst** à Escola Histórica, sob cuja influência êle freqüentou a Universidade de Graz, sendo austríaco de nascimento radicado na Alemanha, enquanto «A velha teoria pertencem como grupo mais ou menos uno todos os economistas que se podem indicar como representantes do sistema clássico». (15) Aliás o referido autor declara em conferência pronunciada em 1951 em Munique deante da Academia Bávara de Ciências, sob o título bastante expressivo «Von der aelteren zur neueren Theorie der politischen Oekonomie», que já em 1908/9 advertia à «Velha Teoria» a necessidade de uma adaptação («Anpassung») do sistema deante de novos problemas e visões, hoje em pleno centro da pesquisa moderna. (16)

**Von Zwiedineck-Suedenhorst** compreende com muita lucidez a extensão do choque entre ambos grupos e refere-se à literatura econômica americana como pretendendo uma «Revolutionierung der oekonomischen Theorie» capaz de abalar e ameaçar a «velha». (17)

Eis, em rápidas palavras, uma visão geral da Teoria econômica alemã do atual após-guerra, cuja geração representativa estende suas raízes à década em que estorou o II conflito mundial, quando alguns dos seus membros já publicavam livros dentro dos rumos atuais.

### PRINCIPAIS INFLUÊNCIAS E TENDÊNCIAS

Duas influências principais poderiam ser apontadas na Teoria econômica alemã do atual após-guerra: Keynes e a chamada Escola de Estocolmo. Poderíamos inclusive arriscarmos a classificar a referida Teoria econômica de preponderantemente «neo-keynesiana». Para ter-se uma vaga idéia da influência do grande economista inglês basta folhear, por exemplo, o **Schmollers Jahrbuch fuer Gesetzgebung, Verwaltung und Volkswirtschaftslehre**, tradicional revista fundada há 75 anos pelo historicista Schmollers, onde Keynes ocupa com suas doutrinas o centro principal dos debates em vários números.



A Economia Política keynesiana está ligada bem de perto a uma Política Econômica. Todavia êste sentido prático não constituiu inovação no ramo na Alemanha, apesar da tendência formalista em muitos casos característica aos germânicos. **Loesch**, **Priiser**, **Kruse** e outros, sempre frisaram êste sentido prático, para citarmos apenas os mais recentes. **Hans Peter** (18) nota como, aliás, a inclinação do século passado consistia em fazer teoria sem observação empírica e como a dos tempos atuais procura preencher a lacuna, iniciativa principalmente dos Estados Unidos, Holanda e Escandinávia. **Peter** inclusive aponta o desenvolvimento da Teoria do mercado como responsável pela mudança: «A segunda essencial corrente da nova Teoria econômica caracterizou-se pela mais vasta evolução da Teoria do mercado». (19)

Os principais conceitos keynesianos como a relação entre, de um lado, capacidade de renda e demanda global e, de outro lado, pleno emprêgo, além do investimento e aumento destas capacidade, etc., são aceitos pelos especialistas alemães em geral, embora com retoques próprios. A influência de Keynes faz-se sentir ainda com mais intensidade nos «novíssimos» economistas, tipo **Bombach**, **Hans Horst** e **Willy Kraus**, enquanto se equilibra com outras orientações nos mais antigos, apesar do pioneiro da moderna Teoria econômica alemã, **Stackelberg**, apresentar pouca orientação keynesiana. A influência do grande britânico vai assim num «crescendo» do qual ainda não se pode prever decadência, pelo menos no presente momento.

As idéias da Escola de Estocolmo também repercutem na Alemanha.

**Bertil Ohlin**, um dos mais ilustres representantes do grupo, traça a evolução do mesmo, em artigo lançado numa antologia germânica. A Escola foi iniciada por **David Davidson**, **Kunt Wicksell** e **Gustav Cassel**, sofrendo, nos seus primórdios, profunda influência dos psicologistas austríacos e matemáticos de Lausanne. **Menger**, **Boehm-Bawerk**, **Jevons** e **Walras** são os ancestrais do grupo. O matematicismo foi sublinhado em particular por **Wicksell** e, ainda com mais ênfase, por **Cassel**. Depois da morte dêste último passou a reinar o lema: «Cada qual com sua Escola» («Ein jeder seine eigene Schule»), parecendo que a orientação iria dispersar-se. Tal não sucedeu e **Ohlin**, **Myrdal**, **Lundberg** e **Lindhal** continuaram nos rumos dos anteriores, embora guardando originalidade em suas críticas e novas construções teóricas.

A Teoria da moeda de **Wicksell** surgiu então como a cerebração mais marcante do grupo, além da Teoria dos juros do capital, também do mesmo economista acima mencionado, onde êle melhorou os conceitos de **Boehm-Bawerk** a respeito, integrando-os numa Teoria de produtividade marginal («Grenzproduktivitaetstheorie»).

Quanto a **Cassel** o matematicismo não constituiu sua única importante contribuição. Destaca-se igualmente seu combate contra o excesso de teoria nos estudos econômicos, através de artigos para o «Svenska Dagbladet», onde êle procurava interessar o grande pú-

blico na Economia científica, longe da idéia de **Carlyle** que a secura da Economia Política transformava-a numa «ciência maldita» («dismal science»). Este sentido prático encontrou seu coroamento no papel atribuído por **Cassel** à Política Econômica, prolongamento objetivo da mera Teoria. (20)

Não ficam apenas nisto as linhas básicas de Estocolmo.

**Bertil Ohlin** traça mais outras características no seu artigo «Some notes on the Stockholm Theory of Savings and Investment», publicado na revista **Economic Journal** em 1937. O autor vê cinco principais aspectos da Escola: 1) As reações do sistema econômico são consideradas como um todo, isto é, «possible influence on the total volume of output and monetary demand». Assim a Teoria da moeda constitui parte da Teoria geral dos preços; 2) Empregam-se critérios de «ex-ante» e «ex-post» nas análises, isto é, um olhar para a frente («looking forward») e um olhar para trás («looking backward») do fenômeno econômico, seu comportamento **antes e depois** do seu desenrolar; 3) O método de análise é, portanto, periódico; 4) A «atenção concentra-se na ação dos empreendedores ou consumidores individuais, e não se diz muito acêrca dos movimentos de unidades correntes»; 5) Daí a necessidade de casuística no raciocínio, dos «type models», em cuja construção as simplificações tornam mais clara a visão do processo em conjunto. (21)

O grupo de Estocolmo, por conseguinte, não se apega muito a **Keynes**. Prefere seguir uma própria orientação, embora aceite alguns pontos do economista britânico. **Ohlin**, por exemplo, efetua lúcida crítica ao autor da «Theory of Employment, Interest and Money», distinguindo duas características fundamentais em seu sistema: 1) O emprêgo de termos monetários, em vez de «reais», nas suas análises econômicas, ao contrário de **Marshall** e **Pigou** «who regarded money as a «veil» which one has to take away to see things clearly»; 2) O seu ponto mais importante: «In price theory it is assumed that the changes which are studied — e.g. changes in the supply and demand for a particular commodity — **do not react on the price system as a whole sufficiently for these repercussions outside the field of analysis to need to be considered.** A special type of repercussion, which is thereby eliminated, is that which would occur if general processes of expansion and contraction — in terms of quantity or value of output — were to be started or affected by the **partial** processes under examination. E.g. in a study of the influence of a new invention the possibility that it will cause an expansion in the total volume of investment leading to inflation is not considered».

No seu pressuposto de «equilíbrio monetário», **Keynes**, segundo **Ohlin**, faz depender a média de «interest» e o volume de investimento e de emprêgo, sôbre a quantidade de moeda e eficiência marginal do capital, além de sôbre a tendência («propensity») a consumir. Ora, sucede que para **Ohlin** «There is no reason why the planned investment plus the planned consumption should be equal to the expected total income for society as a whole. In other words,

the planned investment will differ from the planned saving, unless they should happen to be equal by mere chance». Daí a necessidade de análises «ex-ante» e «ex-post», cujo critério **Keynes** parece ter ignorado: «The economic situation will change in a way which can only be explained through a study of how these differences between expectations and the actual course of events during one period influence expectations and actions in the future». (22)

Além destas particularidades a Escola de Estocolmo evita contactos com a Sociologia, temerosa de acontecer consigo o que houve com os economistas «institucionalistas» que, a pretexto de estudarem a evolução destas instituições, terminaram numa espécie de Sociologia histórica. Para os suecos a evolução das instituições processa-se num campo fora do econômico e só cumpre estudá-las na Economia quando seus fenômenos repercutem nesta ciência.

A influência de tais idéias da Suécia penetraram na Alemanha em parte através de Kiel, em cuja Universidade **Gherard Mackenroth** e **Erich Schneider** passaram a divulgá-las, ao lado de outros pioneiros. (23)

O resultado das diferentes influências aí está: a Teoria Econômica alemã do atual após-guerra distancia-se da mais autêntica tradição do país, inspirando-se de preferência em fontes suecas e anglo-saxões. Os neokeynesianos e neo-escandinavos buscam rumos novos, mantendo ma sicontacto com o exterior que com a tradição de pensamento de sua terra, o que, aliás, não deixa de representar algo bem útil, pois representa o início de nova etapa para a Economia Política alemã que recebe assim mais influências estrangeiras trabalhando para sua assimilação e construção de novas sínteses.

O principal, porém, é que a fase atual se resume em buscas o tentativas que a caracterizam como de transição por excelência.

Os derradeiros grandes frutos da tradicional Teoria econômica em língua alemã, os historicistas e psicologistas, encontraram sucessores apenas na Áustria. **Hayek**, **Roepke**, **von Mises**, **von Gottl-Ottliienfeld**, incarnam esta sucessão. O vienense **Oskar Morgenstern** e sua Teoria dos jogos («Theorie der Spiele») representa o auge do matematicismo.

Na Alemanha propriamente dita apenas **Preiser** e **Eucken**, ao lado do ancião **von Zwiédineck-Suedenhorst**, procuram uma inspiração mais profunda no passado germânico. O próprio **Adolf Weber** mira-se muito mais em **Adam Smith** e **Ricardo** que em alemães, apesar de achar que os psicologistas e historicistas ao lado dos marxistas, surgem como os mais importantes economistas da Alemanha. **Preiser** apega-se, de preferência, ao seu mestre **Franz Oppenheimer** e a **Keynes**, enquanto **Eucken** procurou uma síntese ampla de passado e presente do pensamento econômico germânico.

Da parte do grupo austriaco, êle terminou numa espécie de Filosofia econômica e social, neoliberal e anti-intervencionista, embora trate ainda de assuntos estritamente econômicos, inspirando-se com mais incidência em **Boehm-Bawerk**.

## A DISCUSSÃO EM TÔRNO DO MATEMATICISMO

O mathematicismo, entretanto, representa uma discussão que interessa mais aos entendidos na Alemanha pròpriamente dita, chegando a atingir a intensidade de uma nova «Methodenstreit», «disputa de métodos» como a travada entre psicologistas e neo-historicistas da Escola de **Schmoller**.

**Adolf Weber** indica a Escola de Lausanne (**Walras** e **Pareto**) e, acrescentaríamos, os escandinavos **Wicksell** e **Cassel** como principais influenciadores do mathematicismo alemão. (24) **Stackelberg** corrobora a opinião confessando a influência de Lausanne e dos austríacos em sua obra, ao lado dos suecos e influências menores. (25)

**Stackelberg** tenta responder aos difíceis argumentos contra o emprêgo da Matemática na Teoria Econômica dizendo que ela traz auto-disciplina aos estudos econômicos e «O que a Matemática alcança sòzinha é um pensamento exato, também em « cousas inexatas»; e isto é muitíssimo com certeza». (26) Entretanto não dá resposta à objeção de que a Economia Política sendo uma ciência cultural não se pode assimilar com a ciência natural matemática, além do fato da Matemática lidar com conceitos exatos, abstratos e imóveis enquanto a Economia trata de fenômenos fluentes e imprevisíveis... Isto para não mencionarmos o debate em tórno da liberdade humana que nenhuma coordenada variável pode controlar em fórmulas algébricas ou construções trigonométricas...

No final das contas parece que a moda da Matemática nos estudos sociais origina-se da ânsia de exatidão que invade sociólogos e economistas. Para tornar respeitáveis suas indecisas e discutidas ciências culturais num mundo em que as naturais cada vez mais se impõem e são solicitadas com respeito, êles sofrem a tentação de torná-las também exatas. Culto de exatidão merecedor de respeito mas levado ao exagêro, extremando-se em pretensões como a de **Schneider** de que a Economia Política a partir de Quesnay e seu famoso «Tableau économique» é tão capaz de exatidão científica quanto a Geometria e a Álgebra. (27) Causa semelhante defende **Hans Peter** ao afirmar: «A Teoria Econômica não se deixa libertar dos métodos econômicos; pode-se apenas servir a Matemática com ou sem crítica». (28) **Erich Schneider** chega também a ser peremptório e definitivo: «Que a Matemática exatamente pela pesquisa de problemas de «Betriebswirt» é do mais alto valor e, antes de mais nada, por exemplo, a Teoria dos custos, dos preços e considerações sôbre a poupança não podem vir a ser desenvolvidos de modo algum e satisfatório sem o instrumento da Matemática, torna-se hoje algo não mais contestado com seriedade». (29)

Daí achar o autor que a Matemática «é inteiramente essencial para a Teoria» («ist durchaus wesentlich fuer die Theorie»). Todavia «A Matemática da Teoria dos jogos é de espécie completamente outra. Nela aparecem problemas e teoremas que nem na Física nem na Matemática clássica aparecem». (30) O objeto de sua discutida Teoria consistiria em resolver quanto possível problemas eco-

nômicos tais como o «maximum» de lucros e «minimum» de custos e esforços de produção, etc., dentro de fórmulas matemáticas, além de uma série de desdobramentos teóricos, bem significativos da ânsia de exatidão que tem invadido as ciências sociais, causando a «mecanização dos espíritos» temida por **Adolf Weber**. (31)

### EXEMPLO DE SCHUMPETER

Podemos, sem exagêro, afirmar que o último grande economista original, em língua alemã, foi o austríaco Schumpeter. Mais de que qualquer outro, êle compreendeu o perigo da sutilização bizantina do matematicismo na Economia, ao lado do risco da literatice do chamado sociologismo econômico.

Profundo admirador dos êxitos da Matemática na metodologia da ciência econômica, Joseph Schumpeter escrevia brilhante artigo em 1906 para a **Zeitschrift fuer Volkswirtschaft, Sozialpolitik und Verwaltung**, onde, com algumas restrições, reconhecia os méritos e a validade do emprêgo da Matemática na Teoria Econômica. (32)

Portanto Schumpeter guardava sempre seu agudo senso crítico. **Erich Schneider** refere-se à sua «tolerância metodológica» e **Jan Tinbergen** menciona o «conhecimento universal» de Schumpeter, que o protegia de certas estreitezas dos econométristas em geral. Chega mesmo a reconhecer: «Evidentlâ Schumpeter «lived another life» than most econometrists». (33) O próprio grande estudioso austríaco citava **Picard**, reduzindo às devidas proporções os méritos da Matemática em seu campo de pesquisas: *Quoi qu'il en advienne, il y a dans ces doctrines une application curieuse des Mathématiques, qui, au moins dans ces cas bien circonscrits, a déjà rendu des grandes services*. (34) (O grifo é nosso).

Apesar de tudo permanece a dúvida acerca do que representou de fato a Matemática para Schumpeter, êle que chegou a escrever: «Não existe melhor prova para a capacidade vital da Economia matemática que o fato do seu rápido crescimento». (35)

Nunca se pôde atingir resposta completa a esta dúvida. **Tinbergen** testemunha: «It is only too bad that Schumpeter himself cannot answer them». (36)

Entretanto a lucidez do pensamento do grande austríaco trouxe magníficos esclarecimentos ao assunto. Êle, por exemplo, distinguiu o que existe de qualitativo e quantitativo na Economia, superando a disputa em tórno da aversão intrínseca desta ciência social a uma aproximação mais estreita com a ciência natural matemática. Mostrava êle que as idéias de Trabalho, Tempo, Preço, Juros, etc., são quantitativas e, portanto, capazes de «quantificação» matemática. Os conceitos de Crise Crédito e Economia em geral, pelo contrário, situam-se no plano qualitativo. Efetuada a distinção fundamental, as possibilidades do uso da Matemática ficam delimitadas e seguras.

Frise-se de passagem que o próprio Schumpeter nunca empregou em grande escala a Matemática em suas obras...

## RENOVAÇÃO DA TEORIA DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

A permanência de **Schumpeter** é particularmente importante no que diz respeito à Teoria do desenvolvimento econômico. Nem na Alemanha nem no exterior sua construção teórica foi superada até agora. **Collin Clark**, **Domar**, **Harrod** e **Hicks**, com suas prováveis inovações, pouco acrescentaram a êle. Sua ampla visão de economista e sociólogo concedeu-lhe uma superioridade que lhe garante posição privilegiada em ambas ciências, entre as quais êle nunca esboçou abismos profundos.

**Gottfried Bombach** e **Hans Horst**, na Alemanha, tentam uma nova interpretação, marcada a dêste último por uma forte tendência em matematizar o problema, isto é, expressá-lo em fórmulas algébricas.

**Bombach** segue outro rumo: partindo de pressupostos keynesianos alça-se em considerações próprias. Para êle, **Keynes** representa um ponto de partida, pois o sistema do britânico agiria apenas com precisão nos períodos de curta duração, fraquejando nos largos períodos de desenvolvimento econômico. Seria, enfim, um «short-run Modelle». (37)

Antes, porém, de considerações posteriores sôbre a tese de **Bombach**, distingamos o que os alemães chamam de «desenvolvimento» («Entwicklung» conceito qualitativo) e de «crescimento» («Wachstum» — conceito quantitativo). **Bombach** pretende uma «Theorie des wirtschaftlichen Wachstums» — do «crescimento econômico», por conseguinte.

Reconhecendo o valor e a influência de **Keynes**, o último autor alemão citado coloca, entretanto, suas ressalvas. Assim êle acha que o britânico reconhecia as limitações do seu sistema. A principal restrição de **Bombach** parece residir no problema das investições. Segundo êle não há em **Keynes** relação imediata entre investimento e produção total («Gesamtproduktion»). Pelo contrário. (38)

Resume **Bombach** sua tese: «Der Grundgedanke der Wachstumsmodelle wurde bereits kurz umrissen: Jede Investition schafft zusaetzliche Produktionskapazitaet, die nur genutzt werden kann, wenn auch das Einkommen (genauer: das Realeinkommen) steigt. Steigendes Einkommen hat erhoehte Investitionen zur Voraussetzung, diese vergroessern ihrerseits wieder den Kapitalbestand, draengen auf eine erneuete Erhoehung des Realeinkommens usf.» (39)

Salta aos olhos de que modo os economistas da atual geração também aqui se apegam a **Keynes**, embora como ponto de partida. Citamos os últimos textos em alemão, sem traduzí-los, como fizemos antes, pelo fato de encerrar sutilezas extremamente difíceis de exata expressão em português. Traduttore, traditore...

Vemos, por conseguinte, como permanece assim a obra de **Schumpeter**, quase transformada num símbolo de equilíbrio e originalidade que nenhum jovem economista alemão conseguiu nem sequer

igualar, quanto mais superar, antes de tudo no campo da Teoria do desenvolvimento econômico.

Os caminhos procurados e as soluções e métodos discutidos representam porém um esplêndido sinal de vitalidade, capaz de pre-nunciar a marcha para novas sínteses, adiante das indecisões características de toda fase de transição.

### A OUTRA ALEMANHA

Poder-se-ia observar como tratamos dos estudos econômicos apenas do lado de cá do que se convencionou chamar «cortina de ferro». E do outro lado, na «República Democrática Alemã» («Deutsche demokratische Republik»), instalada na zona russa de ocupação?

Bem, naquelas bandas vigora, conforme já se podia prever, o marxismo como dogma. Todos autores giram em torno dos seus pressupostos e existe grande número de traduções de economistas russos.

Frise-se, porém, que nenhum escritor alemão do gênero, atingiu na zona soviética a capacidade de um **Kautsky**, **Bebel**, **Liebknecht**, **Rosa Luxemburgo** ou, principalmente, de um **Hilferding**. O que impera lá é um obediente burocratismo, empenhado em repetir o que se diz na U.R.S.S., representado por **Ulbricht**, **Pieck**, etc.

Também não fizemos referências aqui aos economistas alemães residentes no exterior, tipo **Gottfried von Harbeler**, autor do aclamado livro **Prosperitaet und Depression** e hoje em Harvard (E. U. A.). **Schumpeter**, nos Estados Unidos desde 1932 e lá falecido, foi mencionado dada a sua presença intelectual na Alemanha, tão viva como se êle estivesse em pessoa.

O jôgo de influências diversas e, às vezes, quase contraditório, parece conduzir a Teoria Econômica alemã para novos rumos, dos quais a atual fase de indecisão representa apenas uma transição.

### NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1) ERICH SCHNEIDER (**Einfuehrung in die Wirtschaftstheorie**) (I Teil: Theorie des Wirtschaftskreislaufs) (Tuebingen-1955) (p. III).
- 2) KARL ROESSLE (**Allgemeine Betriebswirtschaftslehre**) (I Teil) (Muenchen-1953) (p. 4). «Die BWL ist die Lehre vom Aufbau, vom Leben und vom Zusammenleben der Betrieb (Der Betrieb als Zweckorganismus gesehen!)».
- 3) ADOLF WEBER (**Stand und Aufgaben der Volkswirtschaftslehre in der Gegenwart**) (Auf Grund eines Vortrages, den der Verfasser am 17. November 1955 in der Technischen Universitaet in Berlin hielt ) (Berlin-1956) (pp. 13-14). «Betriebswirtschaftslehre und Volkswirtschaftslehre haben ganz verschiedene Erkenntnisobjekt. Dort handelt es sich um eine von einem bestimmten Willen gefuehrte Wirtschaftseinheit, hier um ein Konglomerat, das nicht durch einen zentralen Willen endgueltig geordnet werden kann». «Fuer die Betriebswirtschaft ist die jeweilige Kaufkraft gegeben. Bei der Volkswirtschaft ist die Gestaltung und Sicherung der Kaufkraft ein zentrales Problem. Die Betriebswirtschaft ist an den jeweiligen Einzelpreisen und deren Entwicklung interessiert, fuer die Volkswirtschaft ist das Preisniveau und damit der Wert des Geldes viel wichtiger. Ziel der Betriebswirtschaft ist die Rentabilitaet oder auch die technische Ergiebigkeit. In der Volkswirtschaft muss das Ziel sein, Hebung der volkswirtschaftlichen Produktivitaet, d. h. Mehrung

des Sozialprodukts und damit Verbesserung der Beduerfnisbefriedigung. Die Betriebswirtschaft ist, wie Gutenberg gelegentlich ausdrueckt, ein Provisorium. Sie muss erst die Marktpreisbildung abwarten, um feststellen zu koennen, ob sie richtig gewirtschaftet hat. Die Volkswirtschaft dagegen muss ein Definitivum anstreben». «Der wichtigste Unterschied zwischen Betriebswirtschaftslehre und Volkswirtschaftslehre ist wohl der, dass fuer den Betriebswirt das Geld nervus rerum ist. Fuer die Volkswirtschaftslehre ist es nur Diener am Markte oder Stoerenfried».

- 4) E. SCHNEIDE1 (Das Gesicht der Wirtschaftstheorie unserer Zeit und das Studium der Wirtschaftswissenschaften) (Tuebingen-1947) (p. 13) «Durch die Verlagerung des Schwerpunktes der Forschung auf die Verlaufsanalyse werden damit zwei weitere Gebiete koordiniert und zu einer Einheit zusammengeschlossen, die lang Zeit hindurch getrennt voneinander gearbeitet haben. Diese Synthese zwischen Betriebswirtschaftslehre und Volkswirtschaftslehre ist ein weiteres Merkmal der Wirtschaftstheorie unserer Zeit.»
- 5) E. SCHNEIDER («Grundlagen der Betriebswirtschaftslehre», crítica à obra do mesmo nome de GUTENBERG) (in Weltwirtschaftliches Archiv) (Band 70/1953/I) (pp. 80-81).
- 6) A. WEBER (Stand und Aufgaben der Volkswirtschaftslehre in der Gegenwart) p. 20).
- 7) ERICH PREISER (Gestalt und Gestaltung der Wirtschaft) (Tuebingen — 1934) (p. 6).
- 8) E. PREISER (op. cit.) (p. 3). «—eine Wissenschaft, die zudem ihre Hauptfrage nicht in der reinen Erkenntnis erblickt, sondern in der Beeinflussung des praktischen Handels».
- 9) AUGUST LOESCH (Die raeunliche Ordnung der Wirtschaft. Eine Untersuchung ueber Standort, Wirtschaftsgebiete und internationalem Handel) Jena — 1940).
- 10) A. LOESCH (op. cit.) (p. 2). «Das eigentliche Geschaeft der oekonomen ist nicht, die miserable Wirklichkeit zu erklaerern, sondern zu verbessern. Die Frage dem besten Standort ist ungleich wuerdiger als die Feststellung des tatsaechlichen».
- 11) ALFRED KRUSE (Wo steht die Nationaloekonomie heute?) (Muenchen — 1951) (pp. 14-15).
- 12) A. WEBER (Kurzgefasste Volkswirtschaftslehre) (Berlin und Muenchen) 1949) (pp. 10-11).
- 13) GUENTHER SCHMOELDERS (Konjunktur und Krisen) (Hamburg — 1955) p. 122).
- 14) A. WEBER (Stand und Aufgaben der Volkswirtschaftslehre in der Gegenwart) (p. 27).
- 15) O. VON ZWIEDINECK-SUEDENHORST («Von der aelteren zur neueren Theorie der politischen Oekonomie») (Verlag der bayersichen Akademie der Wissenschaften) (1951) (p. 9).
- 16) O. VON ZWIEDINECK-SUEDENHORST (op. cit.) (p. 47).
- 17) Idem (p. 6).
- 18) HANS PETER («Entwicklungstendenzen der modernen oekonomischen Theorie») (in Kyklos-Zeitschrift fuer Sozialwissenschaften) (Vol. IX-1956 — Fasc. I) (p. 63).
- 19) Idem. «Der zweite wesentliche Zug in der neueren oekonomischen Theorie ist durch die Weiterentwicklung der Markttheorie gekennzeichnet. Hier versprechen die Versuche der Konzeption einer systematischen Theorie des wirtschaftlichen Verhaltens mit Hilfe der Theorie der Spiele die Wirtschaftssubjekte aus der Quasi-Isolation, in der sich in der traditionellen Markttheorie befinden, zu loesen und eine Einbeziehung der Morphologie in die Wirtschaftstheorie zu ermoeeglichen».
- 20) Apud BERTIL OHLIN («Stroemungen in der schwedischen Nationaloekonomie») (in Die Wirtschaftswissenschaft nach dem Krieg) (Muenchen und Leipzig) (1925) (passim). «Es muss dann verlockend sein den vom Standpunkt der oekonomischen Wissenschaft aus klarzulegen und dadurch auf die Wirtschaftspolitik einzuwirken».



- 21) BERTIL OHLIN (também nos **Readings in Business Cycle Theory**) (London — 1950) (p. 93).
- 22) Idem (p. 126).
- 23) ALFRED WEBER e colaboradores (**Einfuehrung in die Soziologie**) (Muenchen — 1955).
- 24) ADOLF WEBER (**Kurzgefasste Volkswirtschaftslehre**) (p. 26).
- 25) HEINRICH FREIHERR VON STACKELBERG (**Grundlagen der theoretischen Volkswirtschaftslehre**) (Tuebingen — 1951) (p. VII).
- 25) Idem (pp. X-XI). «Was die Mathematik allein bewirkt, ist ein genaues Denken, auch ueber «ungenauere Dinge»; und das ist allerdings sehr viel».
- 27) E. SCHNEIDER (**Einfuehrung in die Wirtschaftstheorie**) (I Teil) (pp. 114-115).
- 28) HANS PETER (**Einfuehrung in die politische Oekonomie**) (Stuttgart und Koeln) (1950) (p. 18). «Befreien von mathematischen Methoden laesst sich der Mathematik nur kritisch oder unkritisch bedienen».
- 29) E. SCHNEIDER (Crítica, antes citada, ao livro de ERICH GUTENBERG «Grundlagen der Betriebswirtschaftslehre») in **Weltwirtschaftliches Archiv** (Band 70/1953/I) (p. 82).
- 30) OSKAR MORGENSTERN («Die Theorie der Spiele und des wirtschaftlichen Verhaeltnis») (in **Jahrbuch fuer Sozialwissenschaft**) (Band I — 1950) (p. 118). «Die Aehnlichkeit der beiden Gebiete: Spiele und Wirtschaft, ist ueberzeugend. Eine Entscheidung liegt natuerlich dann vor, wenn oekonomische Probleme, die heute nicht befriedigend geloest sind oder mit denen man gar nichts anfangen kann, mit Hilfe der Theorie der Spiele restlos geklaert werden koennen». «Die Mathematik der Theorie der Spiele ist voellig anderer Art. An ihr tauchen Probleme und Theoreme auf, die weder in der Physik noch in der klassischen Mathematik vorkommen».
- 31) A. WEBER («Stand und Aufgaben der Volkswirtschaftslehre in der Gegenwart») (p. 22). ERICH SCHNEIDER em artigo intitulado «Entwicklungstendenzen in der neueren oekonomischen Theorie», publicado na revista **Universitas** (November — 1953), resume suas idéias sôbre a evolução da Teoria econômica germânica. Aponta o papel de Keynes e da Econometria. Ataca frontalmente a orientação historicista citando L. POHLE: «...mit dem siegreichen Vordringen der historischen Richtung ist es dahin gekommen, dass es wirkliche Nationaloekonomen in der deutschen Wirtschaftslehre eigentlich nur noch als rareae aves gibt».
- Na sua habitual tendência de purificar métodos e objetos da ciência econômica, menciona HECKSCHER e KNOELLINGER: «Besonders die deutsche Forschung hat in ihrem Kern Schaden dadurch erlitten, dass sie lange Staats- und Rechtsphilosophie, Soziologie, Statistik, Psychologie und andere Wissenschaften mit der oekonomischen Wissenschaft verwechselt hat».
- 32) JOSEPH SCHUMPETER («Ueber die mathematische Methode der oekonomischen Theorie») (in **Aufsätze zur oekonomischen Theorie**) (Tuebingen — 1952) (pp. 535-536). «Das eben Besprochene — der mathematische Charakter der theoretischen Oekonomie, wie sie von den Vertretern der exakten Richtung abgegrenzt oder der reinen Verkehrstheorie, wie dieses Gebiet von andern genannt wird — ist von entscheidender Bedeutung. Nur diese Notwendigkeit bestimmter Methode der hoeheren Mathematik ist damit noch nicht erwiesen».
- 33) JAN TINBERGEN («Schumpeter and quantitative rezearch in Economics») (in **Schumpeter, social scientist**) (Harvard — 1951) (p. 61).
- 34) Apud SCHUMPETER (op. cit.) (p. 548).
- 35) Idem (p. 546). «Es gibt keinen besseren Beweis fuer die Lebensfaehigkeit der mathematischen Oekonomie als die Tatsache ihres rapiden Anwachsens».
- 36) J. TINBERGEN (op. cit.) (p. 61).
- 37) GOTTFRIED BOMBACH («Zur Theorie des wirtschaftlichen Wachstums») (in **Weltwirtschaftliches Archiv**) (Band 70/1953/I) (p. 110).
- 38) Idem (p. 112). «Die Investitionen haben in seinem System eine ganz andere und nur eine Funktion: sie erzeugen Einkommen. Jede zusaetzliche Investition laesst das Einkommenssteigerung induzierte Zunahme des Konsums

ein weiteres Anwachsen des Einkommens aus (Multiplikatorprozess). Dass jede Investition aber zugleich auch den Kapitalapparat und damit die Produktionskapazität vergrößert, bleibt unberücksichtigt.

Die Unzulänglichkeit der keynesschen Instrumente für die Erforschung langfristiger Bewegungen wird damit sofort ersichtlich. Einer der für den Wachstumsprozess fundamentalen Faktoren, die Vermehrung des Kapitalapparates durch die laufenden Investitionen, wird ausgeklammert». Ou, segundo as palavras pessoais de Keynes: «All the phenomena incident to the creation and change in this apparatus, that is to say, the phenomena that dominate the capitalist process, are thus excluded from consideration».

39) Ibidem (pp. 115 116).

Erich Schneider, em artigo intitulado «Entwicklungslinien in der neueren ökonomischen Theorie» (UNIVERSITAS. ZEITSCHRIFT FÜR WISSENSCHAFT, KUNST UND LITERATUR) (Novembro — 1953), tenta resumir os principais traços da moderna teoria econômica. Refere-se com entusiasmo à teoria keynesiana do pleno emprego («talvez o maior acontecimento no setor da Economia desde Adam Smith e Ricardo»), à utilização da Matemática nos estudos econômicos e à maior relação atual entre teoria e experiência no ramo. Não poupa ataques aos historicistas e sociologistas.

---

## PARLAMENTARISMO E PRESIDENCIALISMO

Professor Antônio da Rocha Almeida

Hoje, que tanto se fala nas tentativas de implantação do parlamentarismo no Brasil — cujo apóstolo máximo é o ilustre deputado sul-rio-grandense Dr. Raul Pila — parece oportuno recordar a nossos alunos alguns conceitos fundamentais a respeito desse sistema de governo.

O Parlamentarismo é o sistema de gabinete, tirados os ministros do seio do parlamento. Assim, o parlamentarismo clássico da monarquia constitucional inglesa. Um parlamentarismo deformado terá sido o da Constituição alemã votada em Weimar em 1919 e vigente até 1934, quando morreu o Marechal Paulo v. Beneckendorf und v. Hindenburg e seu chanceler Adolf Hitler se apossou do poder, rasgando-a. Nela não seriam os ministros tirados obrigatoriamente do parlamento.

O presidente da República é, nesse sistema, eleito pelo parlamento e não pelo povo. É o processo de eleição indireta. O chefe de Estado, rei ou presidente, é um magistrado, que simboliza e representa a nação; não governa e nem administra. Como consequência, não se lhe poderá atribuir qualquer responsabilidade, exceto nos crimes de alta traição.

Quanto a ser ou não o Chefe de Estado escolhido dentre os membros do parlamento, são omissas as constituições parlamentaristas que manuseamos (Itália e França, porque nas outras, Inglaterra, por exemplo, o chefe de Estado é um soberano hereditário, não sujeito ao sufrágio popular ou voto indireto). É nossa opinião pessoal que ele deva sair de entre os membros do parlamento, porque, a proceder-se diferentemente, ficaria ferido o princípio democrático: haveria um chefe supremo da Nação que não mereceu o sufrágio, que é, entre nós, universal desde 1881 e secreto desde 1932. Poder-se-ia, e não descabidamente, argumentar em contrário, alegando que, ao mandar o votante para o parlamento um representante seu, outorgou-lhe, por isso mesmo, com o direito de estudo e aprovação das leis, o de escolher, em seu nome, o primeiro magistrado do país.

Há, no sistema parlamentarista, um primeiro Ministro ou presidente do Conselho, que, com seus ministros, constitui o Poder Executivo. É quem governa, com o apoio da corrente majoritária do parlamento. Pode ocorrer que ele venha a perder esse apoio. Expressa essa perda a aprovação pelos representantes do povo de medidas que, por sua importância, caracterizem a ação governa-

mental ou que ao parlamento hajam sido solicitadas, previamente postas na base da confiança. Também pode o parlamento manifestar-se pela votação de uma moção de desconfiança ao govêrno. Neste caso, o primeiro ministro apresenta, com seus colegas de gabinete, seu pedido de demissão. O chefe do Estado tem, então, duas alternativas: ou aceita o pedido, entregando a chefia do gabinete a um parlamentar na corrente que votou a moção ou, mantendo o gabinete, dissolve a Câmara e manda proceder a novas eleições gerais. Poderá ocorrer até que aquela maioria haja sido ocasional e o próprio partido que fôra derrotado ao ser votada a moção, vença as eleições gerais, retomando o poder.

Não é fácil que a maioria seja obtida no sistema bicameral (o Legislativo com dois ramos: uma Câmara e um Senado), geralmente no sistema parlamentar só existe uma das duas casas. Assim, no entanto, não ocorre na Itália e na Austrália, onde subsistem os dois ramos e em ambos se exige maioria. Por isso foi, também, reformada em 1911 a Câmara dos Lordes, sob o reinado de George V, sendo primeiro ministro Lloyd George. Cabe lembrar aqui que não fizemos referência à França, porque ali o gabinete não é responsável perante o Senado, apesar de que se trate de um legislativo bicameral.

Interessante é notar que na Constituição Política do Império do Brasil, outorgada ao povo, em 25 de março de 1824, pelo Sr. Dom Pedro I, nenhuma referência se faz ao sistema parlamentarista. Ela é nitidamente «Benjamin Constant. Tal foi, no entanto, o sistema adotado na monarquia brasileira, é verdade que só depois de D. Pedro I. O Fundador do Império nunca o praticou. Não era de seu feitio e êle até firmou o ato decisivo da abdicação em favor do Príncipe Imperial, tão menino ainda, por teimar em não substituir um ministério que não merecia o consenso da Assembléia Geral, sendo ainda antipático ao povo e à tropa da capital.

Desde a regência, porém, que era um arremêdo de república, foi êsse o sistema político brasileiro e sempre que o segundo Imperador nomeou um ministério sem tirá-lo da câmara temporária, foi tido o gesto como um «golpe de Estado». Deu-o, por exemplo, com o Conselheiro Zacarias de Góis e Vasconcelos, em 1868, ao nomear o Dr. Joaquim José Rodrigues Tôrres, Visconde de Itaboraá, Presidente do Conselho. No gabinete por êle formado só havia um deputado: Paulino de Souza. Muritiba, Rio Branco e Cotegipe eram senadores, enquanto José de Alencar e Joaquim Leitão eram pessoas estranhas ao parlamento.

Apesar de, pelo texto da Carta de 1824, caber ao Poder Moderador — exercido pelo Imperador, sem mesmo anuência prévia do Conselho de Estado — a livre nomeação e demissão dos ministros, o Sr. Dom Pedro II, a certa altura de seu govêrno, já não exercia, havia muito, essa prerrogativa constitucional, que delegara a seu Presidente de Conselho de Ministros. Já, em artigo publicado no Vol. II Fascículo I desta revista, ressaltamos o caso ocorrido em 1884, quando o titular da Agricultura Antônio Joaquim Rodrigues Júnior recebeu recado do Presidente, Conselheiro Lafayette Rôdri-

gues Pereira para que pedisse demissão. Apelou o Ministro para o Imperador e a resposta imperial foi que a atribuição de nomear e demitir ministros éle havia muito a transferira ao Presidente do Conselho. Realmente, dentro de poucos dias o Conselheiro Lafayette entregava a pasta ao Conselheiro Dr. Afonso Augusto Moreira Pena.

---

## O ENSINO DA SOCIOLOGIA NA ALEMANHA

Trabalho apresentado no I Seminário  
Sul-Rio-Grandense de Sociologia.

Pôrto Alegre, outubro de 1957.

**Prof. Irmão Flávio Inácio Kehl**

### I — Considerações gerais sôbre o desenvolvimento da Sociologia e as Pesquisas sociológicas na Alemanha.

Toennies, Sombart, Simmel, Max Weber, Saann, Mannheim, Oppenheimer, Vierkandt, Schmalenbach, Theodor Geiger, são outros tantos nomes que nos dão uma idéia da pujança da Sociologia na Alemanha de um século para cá. E que o vigor dessa ciência não tem diminuído naquele país nos nossos dias provam-no os nomes de Von Wiese, Alfred Weber, Hans Freyer, Von Martin, Max Horkheimer, Theodor Adorno, René Koenig, Helmut Schelsky e Guido Fischer, todos já transpuseram as fronteiras culturais de sua pátria.

Quem atenta para o fato de que os alemães sempre se distinguiram pelo rigor de seus métodos poderia estranhar que a Sociologia empírica não haja encontrado naquele país um desenvolvimento semelhante ao dos EE.UU. E que também aqui o nazismo fêz sentir suas devastações. O «**Instituto de Pesquisas Sociais**» em Frankfurt fôra fundado em 1923 por Max Horkheimer e Theodoro Adorno. Mas é sabido que nesta época ainda a sociologia empírica progredia lentamente, mesmo nos Estados Unidos que deveriam um pouco mais tarde tornar-se o maior centro de estudos dêste gênero; pois como o assinalam Roscoe e Gisela Hinkle em sua brochura e «*The development of Modern Sociology*», o período de pesquisa aplicação começou nos Estados Unidos em 1935. E fôra já dois anos antes, em 1933, que a ditadura nazista fechara o primeiro centro de pesquisas da Alemanha. Com grande dificuldade Horkheimer publicou ainda até 1941 a única revista sociológica não nazista em língua alemã; e é interessante frisar que visava o campo da pesquisa conforme o sublinha seu título: **ZEITSCHRIFT FUER SOZIAL-FORSCHUNG**, isto é revista de Pesquisa Social.

Se considerarmos que nesta época decisiva para a Sociologia empírica, 1933 a 1945 a Alemanha estava impedida de acompanhar os passos das outras nações neste sentido, somos levados a admirar a rapidez com que neste país se recuperou o tempo perdido. Já em 1945, no próprio ano em que terminava a guerra, surgia o INSTI-

TUTO DE PESQUISA SOCIAL DA UNIVERSIDADE DE MUENS-TER EM DORTMUND. Era preciso com isso contrariar o aforismo «Primum vivere, deinde philosophare». Podemos fazer uma idéia do idealismo que reclamava esta obra de seus propugnadores. Foi de fato uma iniciativa de extraordinário alcance uma vez que a Sociologia Industrial teve assim um centro quase ideal para sua eclosão, bem no coração do Ruhr, uma das regiões mais industrializadas do mundo.

Em COLÔNIA encontramos o INSTITUTO DE PESQUISA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E ADMINISTRATIVAS, «Forschungsinstitut fuer sozial und Verwaltungswissenschaften», atualmente sob a orientação de René Koenig, sucessor de Wiese na cátedra de Sociologia na Universidade de Colônia. René Koenig é o mais ativo divulgador dos modernos métodos de pesquisa americanos na Alemanha.

**HAMBURGO** merece a atenção dos estudiosos da Sociologia na Alemanha, pelos trabalhos de Helmuth Schelsky e Gerhard Wurzbacher, versando especialmente sobre a família e a juventude.

Foi reaberto em 1950, com a presença de Horkheimer e Adorno o INSTITUTO DE PESQUISA SOCIAL DA UNIVERSIDADE DE FRANKFURT. Graças a um auxílio do Fundo McCloy e contribuições da cidade de Frankfurt e entidades particulares foi-lhe possível inaugurar em 1951 uma moderna sede.

Em **GOTTINGEN** a Sociologia agrária conta com um dinâmico propulsor na pessoa do Prof. Wilhelm Abel e em Bonn existe a SOCIEDADE DE PESQUISA PARA POLÍTICA E SOCIOLOGIA AGRÁRIAS, «Forschungsgesellschaft fuer Agrarpolitik und Agrarsoziologie».

Em **MUNIQUE** encontramos algo de original: o CENTRO DE ESTUDOS PARA PRÁTICA SOCIAL DE INDÚSTRIA. «Seminar fuer Betriebliche Sozialpraxis», a cuja frente está o Prof. Guido Fischer, catedrático de Sociologia Industrial (Betriebssoziologie) na Universidade de Munique. (Nota: uma das obras de Guido Fischer, «Partnerschaft» acaba de ser traduzida pelo SESI de Santa Catarina).

As Revistas Sociológicas alemãs são também numerosas e variadas, destacando-se «SOZIALE WELT» do Instituto de Pesquisas de Dortmund e a «KOELNER ZEITSCHRIFT FUEER SOZIOLOGIE UND SOZIALPSYCHOLOGIE», fundada por Wiese logo após a I Guerra Mundial. Publicada pelo Instituto de Pesquisa de Ciências Sociais e Administrativas, está, desde 1955, sob a responsabilidade de René Koenig.

## II — O Ensino da Sociologia nas Universidades Alemãs.

— O sistema universitário alemão é bem diferente do nosso. Não há cursos estanques com matérias bem determinadas para cada ano. O estudante visa um diploma. Conforme deseja diplomar-se em matemática, história, zoologia, etc., terá algumas matérias obrigatórias e outras de livre escolha. Cada matéria comporta um exame que é

feito quando o estudante se julga capacitado, sendo exigidos entretanto um número mínimo de semestres de inscrição. A frequência é obrigatória, mas na prática não é controlada.

São bem poucas as Universidades alemães que conferem o Diploma de Sociólogo. Até 1956 somente a Universidade de Frankfurt e a Universidade Livre de Berlim o haviam instituído.

Diferentemente ao que ocorre no Brasil, na França e numerosos outros países, inclusive na Rússia onde a Sociologia figura nas Faculdades de Filosofia, na Alemanha, na maioria dos casos, é ministrada pelas Faculdades de Ciências Econômicas.

Em Colônia, por exemplo, existe a Faculdade de CIÊNCIAS ECONÔMICAS E SOCIAIS (Wirtschafts-und Sozialwissenschaftliche Fakultät). No 1.º semestre que passamos houve 4 professores e dois assistentes que lecionavam Sociologia, perfazendo um total de 27 horas semanais e abordando 15 temas diversos que aqui transcrevemos a título de ilustração:

1. Aspectos e métodos da Sociologia Geral — Wiese (1 hora semanal)
2. Análise da estrutura da Sociedade contemporânea — Koenig (2 hs.)
4. Sociologia industrial — Specht (2 hs.)
5. Sociologia dos meios de comunicação — imprensa, filme, rádio — Spetch (2 hs.)
6. Exercícios complementares às preleções sobre meios de comunicação — Spetch (2 hs.)
7. Moderna Psicologia social Americana — Heintz (1 hora)
8. Exercícios complementares sobre moderna psicologia social Americana — Heintz (1 hora).
9. Sociologia da técnica — Heintz (1 hora)
10. Problemas sociais e econômicos de regiões subdesenvolvidas — Emilio Willems (2 hs.)
11. Exercícios sobre problemas selecionados da antropologia cultural — Koenig e Willems (2 hs.)
12. Pró-seminário sociológico: testar e medir em pesquisa social (ministrado pelo assistente) — Koenig (2 hs.)
13. Seminário sociológico: o problema da velhice na sociedade contemporânea — Koenig (2 hs.)
14. Colóquio sobre questões atuais da pesquisa na Sociologia industrial — Specht (2 hs.)
15. Colóquio sociológico para doutorandos — Koenig (2 hs.)

— Na Universidade de Munique a sociologia está ainda mais estreitamente ligada à economia. Assim no guia universitário de 1956/57 semestre de inverno, em vão se procurará uma secção de preleções sobre sociologia. Temos que procurá-las entre as preleções sobre Economia, misturadas em parágrafos comuns. Sobre Sociologia encontramos bem pouco:



1. Problemas básicos da Sociologia Geral — Von Martin (1 hora).
2. Sociologia da família — Von Martin (1 hora).
3. Sociologia política — Von Martin (2 hs.)
4. O socialismo — Luetge (2 hs.)
5. O capitalismo e o socialismo à luz das encíclicas papais — Mühler (2 hs.)

— Como vemos, os dois últimos assuntos já fogem do campo da sociologia e apenas aqui os citamos porque se acham na secção acima aludida parecem ser considerados como temas da sociologia.

Na Faculdade de Ciências ECONÔMICAS E SOCIAIS DE FRANKFURT encontramos a sociologia mais ligada com as ciências políticas. No Guia universitário do segundo semestre de 1956 encontramos a sociologia sob quatro temas diferentes tratados pelos professores Schmid e Nuendoerfer em 11 horas semanais. (Nuendoerfer é conhecido entre os sociólogos alemães por seus estudos sociográficos) — Explica-se êste reduzido número de aulas porque em Frankfurt a formação sociológica está principalmente afeita ao já citado INSTITUTO DE PESQUISAS SOCIAIS, anexo à Universidade. Diferentemente ao Instituto similar de Dortmund, o de Frankfurt também ministra o ensino da sociologia teórica em cursos regulares. Por isso queremos falar aqui, embora resumidamente, sobre as modalidades em que isto é feito.

No Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt visa-se uma síntese dos diversos métodos sociológicos tanto de pesquisa como de ensino, atentando às tradições da sociologia alemã as quais se procura ligar com as modernas técnicas empíricas desenvolvidas especialmente nos Estados Unidos da América.

— Foi por iniciativa dêste Instituto que a Universidade de Frankfurt introduziu por primeiro na Alemanha o exame que habilita ao diploma de sociologia. Foi conferido pela vez primeira em princípios de 1956. Interessante é observar que o diploma é conferido pela Faculdade de Filosofia. Requer dois exames: o primeiro, parcial, após 4 semestres e o segundo o exame principal (Haupt-examen), que pode ser tentado após 8 semestres de estudos.

Um profundo domínio da sociologia e dos métodos empíricos de pesquisa social são requeridos neste exame final ao par de conhecimentos de Economia Política, Histórica, Estatística, Psicologia e Direito Público. O diploma credencia seu portador para cargos de administração ou economia em que um conhecimento atualizado da sociedade humana é indispensável.

Trata-se, como se vê, duma experiência que deverá conduzir a uma reorganização do estudo tão dispersivo da Sociologia, de modo a que sua nova estruturação atenda às necessidades dos estudiosos e às exigências da vida prática.

.....

— Não queremos deixar de chamar a atenção neste breve rela-

tório sôbre a importância que é dada na Alemanha à difusão da doutrina social cristã (católica e protestante). Em Dortmund, por exemplo, os industriais logo após a II guerra mundial dirigiram-se às autoridades eclesiásticas para que cooperassem na melhoria do clima social através da difusão da doutrina social confessional. Desta iniciativa surgiu a KOMMENDE em Dortmund, onde a hierarquia católica e a evangélica ministram cursos de doutrina social confessional a operários das duas confissões. Na Alemanha ocidental 51% dos habitantes são protestantes e 46% católicos, de modo que apenas 3% da população pertence a outras religiões.

Também são ministrados retiros espirituais e seminaristas e jovens sacerdotes fazem estágios mais longos para familiarizarse com as modernas técnicas de sociologia pastoral e tomar conhecimento teórico e prático com o ambiente operário.

Diversas Universidades criaram cadeiras de Doutrina Social Cristã. Assim em Munique encontramos o Prof. Muhler, católico, analisando os grandes problemas do mundo contemporâneo à luz dos ensinamentos pontifícios e em Colônia o prof. Ludwig Heyde, protestante, expondo o pensamento protestante a êste respeito.

— Entretanto o maior centro de difusão da doutrina social católica é certamente a «ALBERTUS MAGNUS AKADEMIE» em Walberg, nas proximidades de Colônia, fundada pelo Pe. Eberhard Welty, O. P. e mantida pela Ordem de S. Domingos. Êste Instituto é de fundação bastante recente e já é bem conhecido em tôda a Alemanha. Edita a revista **A NOVA ORDEM** na Igreja, no Estado, na Sociedade, na Cultura, já no décimo ano. Welty exerce grande influência em todos os meios culturais que se preocupam com a ordem social. Sua obra principal «O CATECISMO SOCIAL» deverá ter 4 volumes, tendo já aparecido os primeiros dois na livraria Herder.

— Cabe aqui também uma referência ao Pe. Oswald von Nell Breunig S. J. Mais conhecido ainda que Welty percorre continuamente os principais centros culturais da Alemanha para proferir conferências e cursos de extensão, visando a difusão do pensamento da Igreja Católica sôbre os problemas Sociais e Econômicos mais candentes do mundo atual. Entre suas obras destaca-se o DICIONÁRIO POLÍTICO compilado sob sua orientação. Já apareceram sete volumes ocupando-se respectivamente dos seguintes assuntos:

— A doutrina social cristã, o Estado na doutrina social cristã, a questão social, a ordem econômica, diversos sistemas de ordem social, a mulher, — estando por aparecer casamento e família.

.....

Falando sôbre o ensino da sociologia na Alemanha, assim escrevia a Dra. Helge Pross, do Instituto de Pesquisa de Frankfurt, na conceituada revista FRANKURTER HEFTE, num artigo intitulado: **A CIÊNCIA DESCONHECIDA: situação da sociologia alemã:** «Por fim temos ainda a questão da organização do ensino da sociologia nas universidades alemãs. Êste ensino não está regulamentado uni-

formemente. A sociologia está longe de ser lecionada em tôdas as universidades. Algumas cátedras estão vacantes como a de Kiel, após a morte inesperada de Gerhard Mackenroth com apenas 52 anos de idade e em Heidelberg após a jubilação de Fuestow. Outras universidades não tornaram a erigir as cátedras revogadas em 1933. Em alguns lugares a sociologia está anexa a cadeiras relacionadas com ela, como Filosofia, Economia Política (o que em certas circunstâncias pode ser proveitoso). Ocasionalmente pertence às Faculdades de Filosofia outras vêzes às de Economia. Ao lado das Universidades existem Escolas superiores especializadas para Ciências Sociais que cultivam a sociologia junto com a economia e as ciências políticas. Citamos as escolas superiores de Wilhelmshafen e Nuerenberg bem como as escolas de política em «Brlim e Munique» (Frankfurter Hefte, 1955, n.º 10, pag. 722)

— Se para finalizar nos é permitido dar nossa opinião pessoal diremos que o ensino da Sociologia nas Universidades alemães, quanto ao modo de ser ministrado, não nos parecem nem melhor nem pior que o nosso. Temos entre nós cursos de ciências sociais com 3 anos de sociologia e 3 horas semanais, o que não é pouca cousa. Infelizmente falta que nossos acadêmicos considerem o estudo da sociologia uma carreira, uma verdadeira vocação. Não é possível fazer bem um curso dedicando-lhe apenas um tempinho suplementar, o que sobra de um dia de trabalho. Longas e profundas pesquisas que absorvam o tempo integral do estudante se impõem. Os grandes mestres da sociologia não se improvisaram. Vários anos de estudos, longos anos de magistério, pacientes pesquisas que se estendem pouco a pouco a temas gradativamente mais complexos amadurecerão a vocação de sociólogo que se manifestou nos anos de estudante.

— Há os que criticam a maneira quase imprevista com que a Sociologia começou a ser lecionada entre nós. Mas se hoje em diversos pontos do Brasil vemos manifestar-se reais vocações sociológicas, tal não se teria dado sem êste começar intempestivo que poderia ter sido melhor, não o negamos.

— De outro lado parece-nos que se não são maiores os frutos do ensino da sociologia entre nós é por que muitas esperançosas vocações sociológicas entre nossos acadêmicos se perdem porque não se lhes pode apontar nenhuma entidade que com segurança valorizaria seus talentos e lhes facultaria a concretização de seus ideais científicos. Queremos referir-nos a um instituto de pesquisa social que poria à disposição de elementos capacitados os meios de realizar algo de prático em prol da sociedade através da pesquisa com o estímulo e a orientação de mestres já experimentados ou colegas mais velhos.

Um instituto congraçaria vantajosamente numerosos valores esparsos e estaria em melhores condições para obter os meios econômicos para tão importante tarefa da pesquisa social, que é do mais alto interêsse para o Estado moderno bem como da indústria e da agricultura, da religião e da cultura em geral:

Por isso como apêndice de nosso trabalho queremos relatar aqui um exemplo prático: a criação do Instituto de Pesquisa de Dortmund.

### III — O Instituto de Pesquisa Social da Universidade de Muenster em Dortmund.

A história da «Sozialforschungsstelle ner Universitaet Muenster in Dortmund» constitui, sem dúvida, uma façanha heróica no campo da ciência. Os homens que a realizaram tiveram de sacrificar suas próprias pessoas, pondo suas energias tôdas gratuitamente a serviço dum ideal longínquo e incerto, cuja consecução não lhes traria vantagens pessoais.

— A idéia surgiu em conversações entre os doutores Otto Neuloh e Ernst Bornemann e Gerhard Boldt no ano de 1945. O fim que se propunham êstes homens era o estudo das condições sociais dos habitantes do Ruhr. Como, segundo Neuloh, êste estudo é missão das mais prementes das UNIVERSIDADES, o Instituto não devia ser independente mas anexo a uma universidade.

Neste Instituto, visto os problemas a serem nêle estudados apresentarem-se extremamente complexos, deveria haver representantes das mais diversas ciências tais como da Sociologia, da Economia, da Psicologia, do Direito, da História, etc..., visando um estudo ordenado. Preferiu-se o **Ruhr** porque oferecia um campo com situações bem concretas especialmente sob o aspecto de problemas do meio industrial.

— A idéia recebeu o apoio do Diretor da Universidade de Muenster, Prof. Dr. Walter Hoffmann. Assim, após uma conversação que se realizou em outubro de 1945, na Universidade de Muenster, foram fixados os detalhes: Dortmund seria a sede do Instituto cuja organização abrangeria 3 divisões:

- I — Ciência Social
- II — Direito Social
- III — Psicologia Social

Dois outros Institutos já existentes, o HARKORT INSTITUT para pesquisas históricas e geográficas e o INSTITUTO ANTROPOLÓGICO de Gelsenkirchen Ihe foram incorporados.

O novo Instituto carecia de tudo, pois nem casa própria possuía. Graças à boa vontade do Prof. Otto Graf do MAX PLANK INSTITUT foi possível, em maio de 1946, ocupar um andar do Instituto Fisiológico do Trabalho, depois de removidos os escombros dos bombarbeios. Recursos financeiros foram obtidos da cidade de Dortmund, da indústria e da câmara do comércio.

Agora importava ao Instituto uma sólida base jurídica. Assim depois de a idéia do Dr. Otto Neuloh ter atraído o interêsse de numerosas personalidades influentes foi criada uma sociedade sob o nome atual. Foi eleito um presidente e um diretor dos trabalhos científicos. Foram organizados estatutos, aprovados e registrou-se

a entidade. Personalidades influentes e entidades jurídicas fizeram questão de associar-se, tal como a cidade de Dortmund, o estado da Westfália, a câmara de indústria e comércio e outras.

Longo e penoso trabalho estava realizado: a criação do Instituto o que exigira muito espírito de organização. Mas outra etapa mais difícil vinha agora: o trabalho científico. Foi atacado imediatamente em 4 frentes, correspondentes às 4 repartições do Instituto:

1. No campo ECONÔMICO, visando o aspecto histórico e geogr.
2. No campo SOCIOLÓGICO E SOCIAL POLÍTICO
3. No campo SOCIAL JURÍDICO
4. No campo SOCIAL PSICOLÓGICO

Se no comêço, por falta de recursos, o número de especialistas convidados era reduzido, hoje o Instituto pode contar com mais de 50 colaboradores dos quais mais de 20 especialistas, exclusivamente dedicados aos fins científicos visados pelo INSTITUTO. Bem se pode imaginar quanto eram grandes as dificuldades no início, especialmente antes de 1948, ano da reforma monetária. Antes desta data o salário mais elevado era de 200 Reich Marks pagos ao chofer e ao guarda-livros. Vários colaboradores trabalhavam gratuitamente.

Nesta época o grande problema da Alemanha era a luta pela vida.

Assim as pesquisas do Instituto foram dirigidos neste setor. Os dados colhidos neste setor servirão no futuro para dar uma idéia da situação de miséria que o povo alemão viveu neste período, quando o pedaço de sabão custava 20 marcos, o quilo de açúcar 90 e o quilo de gordura de 3.<sup>a</sup> qualidade 320 marcos, enquanto uma família de 4 membros recebia 135 marcos por mês e outra de 8 pessoas 194 marcos, sem constituírem casos raros. A situação era tal que o Prof. Otto Graf chegou à seguinte conclusão, nas pesquisas por êle efetuadas: «Numa palavra todo o pensar e agir se concentra sôbre a alimentação e o que direta ou indiretamente se liga com êste problema».

Desta época também data uma fecunda iniciativa: as Noites de Conferências e Discussões. Embora a época não parecesse propícia às atividades do espírito, estas «Noites» encontraram uma grande aceitação, e deram uma publicação: «Dortmunder Schriften zur Sozialforschung».

O trabalho sério do Instituto não tardou a chamar a atenção não sômente dos sociólogos alemães mas também dos estrangeiros. Muitas visitas ilustres recebeu a Fundação nesta época, salientando-se entre tôdas a do Prof. Havighurst da Fundação Rockefeller, que teve como consequência o apoio material desta ao Instituto. Ilustres personalidades inglêsas e a Sra. Alva Myrdal da UNESCO visitaram a Instituição. O período mais difícil estava assim superado em 1949.

Até esta data fôra preciso mostrar aos colaboradores que no Instituto se trabalhava. Por isso foram numerosos os trabalhos pu-

blicados nesta fase inicial. Visava-se um resultado imediato. Aliás os limitados recursos destinados a cada pesquisa não permitiam um trabalho de maior envergadura. Entretanto com uma segunda visita do representante da Fundação Rockefeller foi assentado um trabalho cuja execução reclamaria 3 anos e meio. Dois especialistas americanos, Conrad Arensberg e seu assistente Max Ralis, da Universidade de Colúmbia, deram com sua experiência, um grande impulso ao Instituto.

Convém aqui acentuar que o Instituto mantém uma absoluta independência financeira e não aceita pesquisas de encomenda da indústria por exemplo, sendo os projetos de pesquisa financiados inteiramente com os recursos da Instituição ou com auxílios desinteressados de entidades privadas ou de entidades nacionais ou estrangeiras de fomento científico como a já citada Fundação Rockefeller ou a Sociedade Alemã de Pesquisas de Bad Godesberg e outras.

Deve-se também assinalar que em Dortmund não se restringe rigorosamente o campo das pesquisas, partindo da convicção de que no âmbito da Sociologia empírica não é possível limitar-se apenas ao aspecto e ao método de um só ramo das ciências sociais; ao contrário, é necessário o trabalho conjunto de vários técnicos e mesmo especialistas de diversas ciências. Assim, segundo cada caso particular são constituídos grupos diversos de pesquisadores, compostos de sociólogos, médicos, juristas, pedagogos, etc.

Os assuntos de pesquisas são colhidos na realidade da sociedade industrial. Para sua realização recorre-se às empresas, às famílias e às comunidades; valendo-se da observação e do inquérito, sendo os resultados posteriormente analisados. O prosseguimento do trabalho nesta ou naquela direção depende da importância do problema e dos meios disponíveis.

Com o aumento dos recursos teve início uma nova fase com pesquisas de maior vulto, ocupando número considerável de técnicos por 2, 3 ou mais anos. Neste ponto a colaboração dos já citados técnicos americanos Arensberg e Ralis foi de extraordinário proveito, constituindo para todo o pessoal do Instituto uma ocasião para se familiarizar com as modernas técnicas norte-americanas.

Desde 1949 as «Noites de Conferência» cederam lugar a congressos ou seminários anuais ou semestrais, reunindo em Dortmund por vários dias especialistas alemães, e estrangeiros. Nos anos de 1949 e 1950 houve 3 encontros deste gênero, contando não somente com a presença de estudiosos dos problemas sociais mas também com alguns economistas, líderes sindicais e homens de governo, todos interessados no estudo aprofundado da sociedade. No primeiro, abril de 1949, debateu-se o tema «Problemas fundamentais das Ciências Sociais e da Política social das empresas». No segundo, outubro de 1949, «Segurança social e ascensão social»; e no terceiro, julho de 1950, «Novas vias para a pesquisa social industrial».

Quanto às publicações são numerosas e variadas, de maior ou menor vulto. Tratam sobre o nível de vida após guerra, os proble-

mas da vizinhança, a vida nas minas, desejos dos mineiros em questão de moradia, comportamento do trabalhador perante a técnica.

O que significa o Instituto de Dortmund para a Sociologia Industrial, significa o INSTITUTO DE PESQUISA DE POLÍTICA ACRÁRIA E SOCIOLOGIA AGRÁRIA de Bonn para a agricultura. Sua criação foi menos dramática que a do primeiro mas sua organização não é menos perfeita, seus técnicos não são menos devotados e os resultados alcançados não são de menor importância. Em ambos a Sociologia constitui-se em auxiliar valiosa para a solução de problemas que são vitais por atingirem dois setores econômicos vitais: a **INDÚSTRIA** e a **AGRICULTURA**.

||||-||||

## SARAH BOLLO

Prof. Francisco Casado Gomes

SARAH BOLLO é uma das mais interessantes personalidades do mundo intelectual uruguaio.

E' poetisa, das melhores — por entre as muitas com que conta a literatura platense: desde menina publica versos, pois já em 1927 lançava seu livro de estréia: «DIALOGOS DE LAS LUCES PERDIDAS», onde Juana de Ibarbourou encontrava «um marcado sabor orientalista... um não sei quê de naturalmente exótico e uma melancolia de séculos a pesar sôbre sua juventude».

Em 1931 publicou «NOCTURNOS DEL FUEGO» (poesia); em 1933 «LAS VOCES ANCLADAS»; no ano seguinte: «REGRESO»; em 1935: «BALADAS DEL CORAZÓN CERCANO»; em 1944: «CIPRÉS DE PÚRPURA» — poesias nas quais «sua arte, leal e autêntica à evocação e à ajustada expressão se define «indefinindo-se» comenta o professor Américo Castro.

Em 1948 apresentou: «ARIEL PRISIONERO — ARIEL LIBERTADO» — que também é livro de poesias.

E' prosadora também, e crítica literária.

«LA POESÍA DE JUANA DE IBARBOURO» data de 1935, e de 1939 são os seus «TRES ENSAYOS ALEMANES: Goethe, Novalis, Thomas Mann; de 1946, o que redigiu sôbre José Enrique Rodó.

Bacharel em Direito, dedicou-se também ao magistério: é professora dos Institutos Normais de Montevideo e no Instituto de Estudos Superiores.

Em fevereiro do corrente ano apresentou neste último Instituto três interessantes conferências sôbre poesia e poetas uruguaios, nas quais demonstrou amplo e profundo conhecimento não só dos movimentos literários de sua pátria, como também da literatura alemã, inglêsa e francesa, e o que é mais de admirar — da velha cultura helênica e latina. Aliás em 1951, publicou um estudo crítico intitulado «ELEMENTOS DE LETERATURA GRIEGA».

### ELOGIO DE LOS PINOS

Pinos, gloriosos pinos que levantáis la frente  
hacia el azul, bebiendo las fuerzas de los cielos,  
sois los dulces amigos del alma solitaria  
que sabe hablar callando y tejer grandes sueños.



Criaturas sublimes que contempláis con ansia  
 una visión lejana que os absorve y conmueve,  
 tenéis las esperanzas en cosas elevadas  
 y los piés en la tierra que os abraza y sostiene.

Cuando sopla la brisa al caer de la tarde  
 y el follaje se crispa de verdes laberintos  
 dejáis oír la voz de las dulces canciones  
 y dais consuelo y paz y apoyo al peregrino.

En toda latitud, en la montaña o lago,  
 en el bosque cerrado o el abierto camino,  
 sois dulces y afectuosos como hermanos mayores,  
 sois tiernos y apacibles como buenos amigos.

### **BOSQUES A MEDIANOOCHE.**

Bosques a medianoche,  
 silencios murmurantes  
 de misteriosos ecos.  
 Luces verdes de luna  
 se hamacan en los pinos  
 y recaman los sueños.

Bosques a medianoche,  
 qué bella soledad  
 poblada de sonidos:  
 murmullos del follaje,  
 cháchara de los musgos,  
 aleteos, suspiros.

Bosques a medianoche,  
 allá lejos el mar  
 sus terciopelos tiende.  
 Aquí cerca la luna,  
 qué canción tan callada  
 en blandas ondas mece.

Bosques a medianoche,  
 siento que soy un musgo,  
 un trébol, una hormiga,  
 nada soy, un latido  
 del corazón, el soplo  
 del aire en las colinas.

Bosques a medianoche,  
 el mundo en su misterio  
 se esconde conmovido.  
 Dormir, morir, soñar.  
 Despertar, alentar.  
 Ser, no ser. Sueño. Olvido.

# BIBLIOGRAFIA

## "HISTÓRIA DA LITERATURA"

de José Marques da Cruz.

As «Edições Melhoramentos» acabam de publicar a «História da Literatura» de José Marques da Cruz, em oitava edição. É um livro de 596 páginas. O interêsse didático preocupa o autor.

O grande volume tem magnífica apresentação, ótima impressão, técnica tipográfica 100% como soem fazer as «Edições Melhoramentos».

O livro não tem pròpriamente um enderêço determinado, pode servir aos alunos estudiosos do Curso Colegial, do Curso Normal ou dos Cursos de Letras da Faculdade de Filosofia, como também a todo o leitor que deseje ter uma visão da literatura portugêsa e brasileira no concêrto da literatura universal.

O livro inicia por uma introdução sôbre composição literária e versificação, elementos importantes para o bom julgamento e análise dos documentos literários que se apresentam no desenrolar da História da Literatura.

A introdução histórica do livro é dada por um escôrço das Literaturas do Oriente, da Grécia e de Roma. O leitor pode admirar as belezas literárias mais célebres na antigüidade. A pequena notícia histórica é acompanhada de seleta e farta antologia de todos os gêneros praticados pelos antigos.

Após segue-se a história da Literatura Portugêsa, enriquecida com vasto material fotográfico; fotografias de escritores, de estátuas de escritores; autógrafos; caricaturas... Tudo isto dá vida e sabor documentário aos textos. O estudo dos literatos portugêses se faz de maneira mais acabada para a melhor compreensão do momento histórico, artístico ou filosófico, cada periodo da literatura portugêsa é acompanhado por uma rápida e segura noção sôbre os literatos, filósofos da mesma época nos diversos países civilizados. Esse aspecto, é para mim, de suma importância, pois o leitor, o estudioso tem sob os olhos o verdadeiro panorama da Literatura Universal. Não podemos julgar um autor sem conhecer os contemporâneos do mesmo, sem conhecer os componentes do momento literário e artístico. Marques da Cruz revela-se realmente grande didata levando a tantos leitores um modo de poderem julgar universalmente o autor que desejam estudar.

A antologia com ricos textos de tantos autores é manancial para amplos estudos. É preciso unir o estudo teórico ao estudo prático da literatura.

A antologia suaviza a aridez do estudo teórico e leva o leitor a formar um pequeno juízo pessoal sobre o literato que está lendo.

Pelo vasto material de ilustração, pela esplêndida antologia, pela grande parte que tem no livro a Literatura Brasileira, pelo panorama universal que sabe descortinar, a obra de Marques da Cruz merece nossa apreciação e mais que apreciação o nosso acurado estudo.

Pôrto Alegre, 1.º/10/1957.

I. E. C.

### **Littérature du XX Siècle et Christianisme**

É a grande obra de Charles Moeller, catedrático de Literatura na Universidade de Lovaina. O trabalho programado para realizar-se em quatro volumes: *Silence de Dieu*, *La foi en Jésus-Christ*, *Espoir des Hommes*, *L'Espérance en Dieu Notre Père*, até hoje apresentou os três primeiros.

Moeller revela-se profundo conhecedor dos homens, da alma humana e da Literatura. Realmente o Século XX tem a atitude do silêncio de Deus em Camus, Gide, Huxley, Simone Weil, Graham Greene, Julien Green e Bernanos. Parece que os homens de hoje têm a consciência da ausência de Deus no mundo... Vive-se como se Deus não existisse... É o Camus com os postulados da religião natural, religião do prazer das praias de Alger, é Gide no seu «evangelho» do «Journal» que nos desvenda uma alma entregue às «Nouritures Terrestres»... Moeller procura interpretar a tragédia de tantas almas, longe de Deus, longe da casa paterna...

Sua análise é profunda, sua crítica direta, incisiva e profundamente orientadora.

Preocupa-se com os principais autores do nosso tempo: franceses, ingleses, alemães, russos...

Na segunda série encara o problema da fé em Jesus Cristo, Cristo que está no mundo para a salvação e a perdição de muitos.

Moeller estudou Sartre, James, Martin du Gard e Malègue, perante o drama de Cristo, deixando-nos ver o porquê da aceitação ou da recusa ao convite do Mestre.

O problema da esperança preocupa o autor na terceira série e estuda neste mundo desesperado a idéia de esperança em Malraux, Kafka, Vercors, Cholókhov, Maulnier, Alain Bombard, Françoise Sagan, Ladislav Reymont.

No quarto volume Moeller leva-nos para «L'espérance em Dieu Notre Père». É o que precisa nosso tempo: voltar à casa do Pai.

A grande obra de Charles Moeller é editada por Casterman e vem sendo traduzida para o espanhol pelas Edições Gredos de Madrid; para o italiano pelas edições Vita e Pensiero de Milão. Os quatro volumes somam 1600 páginas de documentação literária, religiosa, humana de nossa época.

A Literatura do século XX acerta seus ponteiros em face do Cristianismo.

Pôrto Alegre, 8/10/57.

I. E. C.

**FRITZ SCHULZ — CLASSICAL ROMAN LAW**  
**Claredon Press — Oxford — 1951 — 650 pags.**

Partindo da afirmação de que «o Direito Privado Romano tem história extremamente longa, pois se estende das Doze Tábuas (no quinto ou quarto século a. C.) até os tempos de Justiniano (sexto século p. C.), e continua muito além, prolongando-se através da Idade Média até os nossos dias, tanto na Europa ocidental quanto na oriental...» — diz o ilustre professor que «esta longa história não pode de modo algum encerrar-se nos limites de um simples manual»; por outro lado, o conhecimento que temos de grande parte desses períodos não é suficiente para permitir que se trate de tal assunto, com amplitude, num livro de texto. Por isso, explica o autor, era mister escolher; e êle escolheu o período «clássico», isto é, aquela época que se estende do Principado de Augusto a Diocleciano. Sem dúvida, acrescenta, haverá referências ao direito anterior, tanto como ao posterior; mas em caráter ocasional. Daí o nome que deu ao seu compêndio.

Reconhece o autor que se expõe à crítica de muitos romaistas principalmente por não incluir em sua obra «a descrição do desenvolvimento do Direito Romano»; confessa que «um sistema de direito privado clássico tem um caráter eminentemente estático»; mas, acrescenta, êsse termo «desenvolvimento» tem um sentido ambíguo incomparável com a natureza de um manual de direito romano. Em seguida apresenta «as razões para excluir o direito justiniano»; lembra os trabalhos dos «humanistas» e a reação dos «anti-humanistas»; passa à escola de Savigny, aponta os trabalhos e a influência de Mommsen; e esclarece qual «o escopo do seu livro», que ser considerado ao mesmo passo «uma introdução e um suplemento a livros mais amplos ou compreensivos». Em seguida explica «o sistema que seguiu».

Na parte primeira, estuda o «direito das ações». Como fonte principal dêsse estudo aponta os *COMMENTARII* de Gaio.

No capítulo primeiro dessa parte, como «noções fundamentais», aponta: 1. *Iurisdictio* e *Iudicatio*; 2. *Iurisdictio* e *Lex*; 3. *Formula*; 4. *Iudicium*; 5. *Actio*; 6. *Executio*. Em cada item, além das fontes, indica ótima e ampla bibliografia.

No capítulo segundo, estudando «classificação das ações», trata dos seguintes itens: 1. *Actiones civiles* e *actiones honorariae*; 2. *Formulae in ius* e *in factum conceptae*; 3. *Actiones utiles*; 4. *Actiones in rem* e *in personam*; 5. *Bonae fidei iudicia*; 6. As chamadas *actiones arbitrarie*; 7. As chamadas *actiones directae* e *actiones contrariae*; 8. *Actiones poenales* e *actiones rem persequentes*; 9. As chamadas *actiones famosae*; 10. *Actiones perpetuae* e *actiones temporales*; 11. As chamadas *iudicia divisoria*; 12. *Praeiui-*

dicia. Em cada um desses itens Schulz ainda refere vários tipos de ações especiais.

No capítulo terceiro estuda as «exceptiones», procurando determinar-lhes o conceito clássico e suas várias espécies.

No capítulo quarto, estuda rapidamente os «interdicta».

No capítulo quinto trata de maneira particular das «stipulationes honorariae e in integrum restitutio.»

Na parte segunda expõe a teoria «das pessoas e do direito de família. Começa procurando determinar o sentido dos termos «persona, status, caput», sem se deter nas particularidades secundárias. No item 2.º trata do «nascimento e da morte»; e no 3.º do «status civitatis», sem descer a particularidades. No item 4.º estuda o «status libertatis», com a mesma concisão. No capítulo segundo, sob o título de «corporações», expõe a teoria clássica da «pessoa jurídica».

Nos capítulos terceiro e quarto expõe a união do homem e da mulher, analisando as relações matrimoniais e a filiação.

No capítulo quinto, sob o título «guardianship», estuda a «tutela e a curatela», dentro dos princípios gerais do direito clássico, de certo modo ligando ao direito posterior.

Na parte terceira estuda o direito sucessório, compreendendo o testamento e os legados.

Na parte quarta examina os «iura in rem», principalmente «o direito de propriedade» e os direitos a êle ligados, inclusive as garantias reais. Interessantíssimo é o capítulo sobre a «Posse».

Na parte quinta expõe a teoria das obrigações, partindo do sentido do próprio vocábulo «obligare», estudando a doutrina dos contratos e a dos delitos. No estudo do «furtum» analisa o sentido etimológico do vocábulo, pois que «fur» (diz êle) é o homem que retira ou arrebatava uma coisa móvel que estava em poder de outrem»; e mostra que, a partir do segundo século a. C. houve uma extensão semântica. E lembra as palavras de Quintus Mucius Scaevola: «Quod si servandum datum est (depositum), si id usus est, sive quod utendum accepit (commodatum) ad aliam rem atque accepit usus est, furti se obligavit». Examina até as supostas definições de «furtum» registradas por Aulus Gellius.

No último capítulo trata da transferência e do adimplemento das obrigações.

Sem dúvida podemos discordar muitas vezes do autor em certas afirmações quanto a pontos que nos parecem secundários, como, por exemplo, o que se refere às «res mancipi» e «res nec mancipi». Tais discordâncias, porém, não tiram ao trabalho do eminente romanista o extraordinário valor que tem, e principalmente o modo original por que são tratados todos os aspectos jurídicos que o romanista germânico achou interessante analisar em seu livro.



## ÍNDICE GERAL

### CIÊNCIA

- PIO XII — Grandezas e limites das maravilhosas descobertas  
da Ciência Moderna ..... 101

### FILOSOFIA

- Mons. OCTÁVIO NICOLÁS DERISI — Na encruzilhada his-  
tórica em que vivemos ..... 16
- Mons. OCTÁVIO NICOLÁS DERISI — Ser y Hombre en la  
Introducción a la Metafísica de M. Heidegger ..... 109
- P. GUILLERMO BLANCO — Objeto de la Psicología Filosófica 120
- Irmão JOSÉ OTÃO — Psicologia do adolescente ..... 243

### PEDAGOGIA

- P. PIETRO BRAIDO — Marcellino Champagnat e la perenne  
«restaurazione» pedagogica cristiana ..... 3
- ANGEL R. FERNANDEZ GONZALEZ (Marista) — Formación  
Humana del Alumno ..... 32

### LETRAS

- Irmão HILÁRIO MÁXIMO — Verbos intercalares em Camilo 44
- DIONÍSIO FUERTES ÁLVARES — Quatro artigos sôbre Juan  
Ramón Jiménez ..... 229
- HEINRICH BUNSE — Os Epigramas Homéricos ..... 255
- Irmão ELVO CLEMENTE — Estudo de um conto de Miguel  
Torga ..... 261
- FRANCISCO CASADO GOMES — Sarah Bollo ..... 326

### GEOGRAFIA

- AMADEU FAGUNDES DE OLIVEIRA FREITAS — Conexões  
Humanas e Bio-geográficas em prol da Fronteira Oeste... 280

## DIREITO

- JOSÉ FREDERICO MARQUES — As ações populares no Direito Brasileiro ..... 130
- FRANCISCO CASADO GOMES — O Problema sexual nas Penitenciárias ..... 139
- GERVÁSIO DA LUZ — Reconhecimento de imunidade tributária à Mitra de Pôrto Alegre ..... 144

## HISTÓRIA

- Irmão ROQUE MARIA — Duas correntes da História: Paganismo e a Redenção cristã ..... 23
- ANTÔNIO DA ROCHA ALMEIDA — A carta Constitucional do Império do Brasil ..... 68
- DANTE DE LAYTANO — Rio Pardo e os titulares do Império Brasileiro ..... 187
- ANTÔNIO DA ROCHA ALMEIDA — As bandeiras históricas do Brasil ..... 215
- ANTÔNIO DA ROCHA ALMEIDA — Parlamentarismo e Presidencialismo ..... 313

## SOCIOLOGIA

- Irmão FLÁVIO KEHL — O ensino da Sociologia na Alemanha 316

## ECONOMIA

- OCTÁVIO GOVÊIA DE BULHÕES — O Ensino da Economia no Brasil ..... 180
- WAMIREH CHACON — A Teoria Econômica Alemã após a II Guerra Mundial ..... 297

## SERVIÇO SOCIAL

- LÚCIA CASTILLO e outros — Monitoria na Escola de Serviço Social da PUCRGS ..... 80
- ARLITA PORTELA AZAMBUJA — Algumas condições básicas exigidas no exercício do Serviço Social de Casos ..... 94

## BIBLIOGRAFIA

- ALCEU AMOROSO LIMA — Quadro Sinótico da Literatura Brasileira — Irmão HILÁRIO MÁXIMO ..... 99
- CARLOS PARIS — Física y Filosofia — Irmão JOSÉ OTÃO 240
- JOSÉ MARQUES DA CRUZ — História da Literatura — Irmão ELVO CLEMENTE ..... 328
- CHARLES MOELLER — Littérature du XX siècle et Christianisme — Irmão ELVO CLEMENTE ..... 329
- FRITZ SCHULZ — Classical Roman Law — ELPÍDIO FERREIRA PAES ..... 330



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO GRANDE DO SUL  
Pôrto Alegre**

**ENTIDADE MANTENEDORA**

União Sul Brasileira de Educação e Ensino (U.S.B.E.E.)  
Irmãos Maristas

**ADMINISTRAÇÃO GERAL**

**Chanceler**

Dom Alfredo Vicente Scherer, Arcebispo de Pôrto Alegre

**Reitor**

Prof. Irmão José Otão

**Secretário Geral**

Irmão Elvo Clemente

**Conselho Universitário**

Prof. Irmão José Otão  
Prof. Francisco da Silva Juruena  
Prof. Antônio César Alves  
Prof. Jorge Godofredo Felizardo  
Prof. Irmão Faustino João  
Prof. Balthazar Gama Barbosa  
Prof. Daniel Juckowski  
Prof.<sup>a</sup> Elsa Helm  
Acadêmico Milton Roa

**Conselho Superior**

Prof. Irmão José Otão — Reitor  
Prof. Irmão Faustino João — Representante da U.S.B.E.E.  
Prof. Irmão Leôncio José — Representante da U.S.B.E.E.  
Prof. Irmão Liberato — Representante da U.S.B.E.E.  
Mons. Alberto Etges — Representante do Chanceler.

**DIRETORES DAS UNIDADES UNIVERSITÁRIAS EM 1957**

- 1 — **Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas:** Prof. Dr. Francisco da Silva Juruena.
- 2 — **Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras:** Prof. Jorge Godofredo Felizardo.
- 3 — **Faculdade de Direito:** Prof. Dr. Balthazar Gama Barbosa.
- 4 — **Faculdade de Odontologia:** Prof. Daniel Juckowski
- 5 — **Escola de Serviço Social:** Prof.<sup>a</sup> Elsa Helm
- 6 — **Instituto de Psicologia:** Prof. Irmão Hugo Danilo.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO GRANDE DO SUL  
Pôrto Alegre**

Equiparada pelo Decreto n.º 25.794 de 9 de novembro de 1948

FUNDADA E MANTIDA PELOS IRMÃOS MARISTAS

**A Pontifícia Universidade Católica do R.G.S. compreende:**

**I — INSTITUTOS UNIVERSITÁRIOS**

- 1 — Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas —  
— Fundada em 1931
- 2 — Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras —  
Fundada em 1940
- 3 — Faculdade de Direito — Fundada em 1946
- 4 — Faculdade de Odontologia — Fundada em 1953
- 5 — Escola de Serviço Social — Fundada em 1945

**II — INSTITUTOS COMPLEMENTARES**

- 1 — Instituto de Psicologia — Fundado em 1953
- 2 — Centro de Pesquisas Econômicas — Fundado  
em 1954



